



Anais do
3^o CONGRESSO
NACIONAL
ANPTECRE

TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO:
INTERFACES

Caderno de Resumos

Anais do 3º Congresso Nacional da ANPTECRE

Teologia e Ciências da Religião: Interfaces
2011

Projeto Gráfico:

Seth Design - www.sethdesign.com.br

Diagramação:

Tiago Parreiras

Impressão:

Editora Bigráfica

ANPTECRE

Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação
em Teologia e Ciências da Religião

Sumário

Comissões	4
Palavra do Conselho Diretor	5
Objetivos	6
Apresentação do 3º Congresso	7
O tema do congresso na perspectiva do Brasil	9
Programação	22
Grupos Temáticos	25

Comissões do Congresso

Comissão Científica da ANPTECRE

Prof. Dr. Jung Mo Sung (UMESP)
Prof. Dr. Leomar Brustolin (PUC-RS)
Prof. Dr. Luís H. Dreher (UFJF)
Prof. Dr. Matthias Grenzer (PUC-SP/Teol)
Prof. Dr. Silas Guerriero (PUC-SP/CER)

Comissão Central do 3º Congresso

Prof. Dr. Antônio Máspoli (UPMackenzie)
Prof. Dr. Jung Mo Sung (UMESP)
Prof. Dr. Matthias Grenzer (PUC-SP- Teol)
Prof. Dr. Silas Guerriero (PUC-SP/CER)
Prof. Dr. Edênio Valle (PUC-SP/ CER) Coordenador

Comissão Organizadora do 3º CONGRESSO

Prof. Dr. Edênio Valle (PUC-SP/CER)
Prof. Dr. Edson Pereira Lopes (UP Mackenzie)
Prof. Dr. Jorge Cláudio Noel Ribeiro: (PUC-SP/CER)
Prof. Dr. Paulo A. de Souza Nogueira (UMES)
Prof. Ms. Lindberg Clemente de Moraes (UP Mackenzie)

Estimados(as) Congressistas.

Cordiais saudações e boas vindas ao III Congresso da ANPTECRE.

Nestes dias, reunidos na Universidade Presbiteriana Mackenzie, nos sentimos todos habitando uma mesma casa por ocasião dos trabalhos do III Congresso da ANPTECRE – Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião. Na ocasião desta terceira edição do principal evento dos nossos Programas de Pós-graduação, aprofundaremos o debate sobre as interfaces entre Teologia e Ciências da Religião, tema de máxima relevância e atualidade não apenas pela configuração e pela peculiar história que construímos em nosso país, mas também pelos desafios que comporta esta questão no campo dos estudos dos fenômenos religiosos.

O evento é uma nova oportunidade para se fazer visível a dimensão de nossa Associação. “Apoiar a pesquisa e os estudos no âmbito da pós-graduação em Teologia e Ciências da Religião” esta é a missão da ANPTECRE. É verdade que estamos apenas começando e temos uma larga história para construir e, por isso, decidimos caminhar juntos como Associação. Cada Programa e cada pesquisador (a) trazem a este evento a sua contribuição ao debate: conferencistas, palestrantes em mesas redondas, coordenadores de grupos temáticos, comunicadores docentes e discentes, monitores e pessoal técnico-administrativo. Aproveitemos cada momento nestes dias para aprofundar a consolidação de nossa Associação como dinamizadora, propulsora e articuladora de nossas pesquisas e projetos no âmbito dos programas associados.

Sinceros agradecimentos à comissão organizadora formada pelos quatro programas de São Paulo (PPGCR MACKENZIE, PPGCR PUC SP, PPGCR UMESP e PGTEO PUC SP). Particularmente, destaquemos o trabalho daqueles (as) que mais diretamente se ocuparam dos trabalhos preparativos que tornaram possível este Congresso e àqueles (as) que nos recebem nestes dias. Manifestemos igualmente nossa gratidão aos membros do Conselho Científico da ANPTECRE por todo acompanhamento desenvolvido neste período.

Cordialmente,

Prof. Dr. Flávio Senra (PUC-Minas) Presidente

Prof. Dr. Gilbraz Aragão (UNICAP) Vice-Presidente

Prof. Dr. Wilhelm Wachholz (EST) Secretário

Conselho Diretor da ANPTECRE - Biênio 2010-2011

Objetivos do 3º Congresso

Reunir para intercâmbios diretos os Programas, Professores, Pesquisadores e Alunos de Pós-Graduação do Brasil dedicados à Teologia e às Ciências da Religião;

Divulgar e discutir os trabalhos planejados, em andamento ou já concluídos, de modo a motivar o incremento desses domínios do saber no Brasil, aperfeiçoando os aspectos metodológicos e críticos de sua abordagem e interlocução;

Consolidar e ampliar na ANPTECRE o que já é a prática comum de outras Associações Nacionais de Programas de Pós-Graduação, com a formação de futuros Grupos Temáticos Permanentes;

Aprofundar a análise e a reflexão sobre a problemática existente na interface entre as duas áreas mencionadas de conhecimento;

Oferecer aos diversos Programas de Pós-graduação em Teologia e Ciências da Religião do país e à própria ANPTECRE uma ocasião para definir seu lugar e o papel no cenário universitário atual e futuro da Universidade brasileira.

Apresentação do 3º Congresso

A Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Teologia e Ciências da Religião (ANPTECRE) existe há menos de três anos como entidade formalmente constituída, segundo os moldes de outras Associações congêneres mais antigas.No entanto, já bem antes de sua constituição formal e reconhecimento pela CAPES, os Programas mantinham laços associativos e realizavam atividades comuns. Com o surgimento da ANPTECRE, os 14 Programas associados passaram a ter condições para se organizar e avançar na sub-área de sua competência, marcando presença no âmbito da Universidade brasileira.

O atual Conselho Diretor, assumindo esse processo de evolução se comprometeu a seguir apoiando a promoção de reuniões científicas de intercâmbio e colaboração entre os Programas Associados, com a participação de seus docentes e discentes. Lugar de destaque, a exemplo do que acontece em outras Associações congêneres, são as reuniões de intercâmbio científico das quais a expressão máxima são os Congressos Nacionais bianuais e, n seqüência os demais encontros, simpósios e seminários que congregam três ou mais Programas Associados.

Em seus dois primeiros anos de vida a ANPTECRE organizou dois Congressos, coincidindo o primeiro com sua fundação e eleição da primeira Diretoria, em 2008, na PUC de São Paulo. Em 2009, na PUC-Minas, deu-se o II Congresso Nacional. Foram dois momentos que muito colaboraram para o estabelecimento de uma plataforma inicial para um intercâmbio direto entre os Programas e Pesquisadores. O tema do IIIo. Congresso foi escolhido em função de criar uma oportunidade coletiva para o aprofundamento de uma questão fundamental para nossa sub-área: a das interfaces entre a Teologia e as Ciências da Religião.

Essa temática será explicitada em três conferências maiores e em quatro mesas de debate. As conferências delinearão, primeiro, o panorama internacional das discussões em curso (explicitado pelo Prof. Dr. José Maria Castillo, da Universidade de Granada-Espanha) e, segundo, a evolução e situação dessa mesma questão no contexto acadêmico brasileiro (Prof. Dr. Pedro Ribeiro de Oliveira, da Puc-Minas). O terceiro conferencista, o Prof. Dr. Marcelo Perine (PUC-SP), abordará a temática de um ponto de vista concreto, apoiando-se em seu conhecimento dos Programas e da política adotada pela CAPES no campo do ensino e da pesquisa pós-graduada.

As quatro mesas reunirão especialistas de ambas as áreas chamadas em causa. A Comissão Central do Congresso, integrada pelos quatro coordenadores dos Programas de Pós-Graduação existentes em São Paulo, pretendeu, desde o início, dar às mesas um caráter de debate entre representantes tanto da Teologia quanto das Ciências da Religião. Os temas selecionados -- espera-se -- permitirão tomadas de posição e diálogos ilustrativos dos pontos de aproximação e de diferenças entre as abordagens dos teólogos, de um lado, e as dos cientistas da religião, do outro.

Um ponto que merecerá especial atenção neste III Congresso é o dos Grupos Temáticos. Serão ao todo 21 Grupos, nascidos todos eles de propostas elaboradas desde as bases e com o endosso de ao menos dois docentes de distintos Programas. A Comissão Científica do Congresso recebeu em si um número maior de propostas mas, após consultas, aprovou apenas os 21 GTs que constam da programação. A seleção das comunicações ficou a cargo dos professores/a proponentes de cada GT.

A Comissão Organizadora julgou necessário dar ao intercâmbio dentro de cada GT um tempo mais longo do que o oferecido nos dois Congressos anteriores. O objetivo é o de permitir uma troca mais aprofundada de idéias e, dentro do possível, a elaboração de linhas que possam levar à paulatina consolidação, no seio da ANPTECRE, de GTs permanentes que possam tornar a Associação um espaço catalizador e animador do estudo e da pesquisa avançada sobre a religião no Brasil. Há aqui um caminho a ser ainda melhor delineado no futuro próximo.

A Comissão Organizadora não pode deixar de agradecer a todos os que com ela colaboraram generosamente no sentido de tornar o nosso III Congresso um momento marcante. Pede ao mesmo tempo desculpas por alguns contratempos surgidos na fase preparatória apesar da boa vontade e da colaboração de todos.

Um agradecimento especial cabe à Universidade Presbiteriana Mackenzie que nos acolhe e aos Professores/as e Alunos/as que integraram as diversas Comissões responsáveis pelo evento.

A Comissão Organizadora

Ciências da Religião e Teologia: Interfaces

O tema do Congresso na perspectiva do Brasil

Pedro A. Ribeiro de Oliveira - PUC Minas

Ao receber o convite para esta conferência, me dei conta que não sabia bem o que significa “interfaces”. Conhecia seu significado como área de fronteira entre campos de duas ciências ou disciplinas e parecia-me que isso era pouco para uma conferência. Foi então que descobri um outro significado, oriundo da Informática: ponto de conexão entre equipamentos ligados a sistemas diferentes. É, por exemplo, o modem: não é telefone nem computador, mas conecta o computador à rede telefônica. Aí, sim, temos tema para mais do que uma conferência... A razão é que a maior parte da minha vida profissional como sociólogo (e isso implica o viés de privilegiar a sociologia em detrimento de outras ciências da religião) passou-se em espaços de interface. Isso permite abordar o tema a partir de uma experiência vivida, que servirá de patamar para chegarmos às questões teóricas atuais.

São então observações e análises tópicas apresentadas de modo a suscitar a reflexão teórica a ser partilhada com os e as colegas. Para organizá-las, adotei a ordem cronológica muito embora os períodos se sobreponham, pois é sabido que as formas antigas sobrevivem enquanto as novas estão ainda em desenvolvimento. De todo modo, acredito que a datação ajuda mais do que atrapalha a clarificar a exposição.

Ponto de partida: a incomunicação (até 1960)

Em uma análise clássica sobre a sociologia da religião nas universidades brasileiras, dizia Rubem Alves¹:

“É significativo que a universidade brasileira nunca tenha feito um lugar institucional para esta ciência. (...) Não creio que isso tenha sido acidental. A superação do

¹ Cfr. Rubem ALVES: A volta do sagrado (os caminhos da sociologia da religião no Brasil): *Religião e Sociedade*, nº 3, outubro 1978, p. 113-114.

Brasil arcaico e seu ingresso na modernidade foram as preocupações dominantes dos nossos círculos intelectuais. (...) Ciência e educação secular, pesquisa e difusão da nova cultura erudita: assim se constituía o cerne ideológico da alternativa ao arcaísmo sacral da Igreja e das oligarquias. (...) A religião ficou reclusa nas instituições eclesiásticas e a Universidade praticamente se calou sobre ela, voltando sua atenção para assuntos que julgava dignos de serem investigados.”

Trata-se, é claro, da situação anterior ao florescimento da sociologia da religião nos anos 1960. A marca positivista ou, pelo menos, racionalista da Universidade brasileira não favoreceu o estudo científico da religião. Ela estava inteiramente fora do seus focos de interesse. Afinal, para que estudar um fenômeno fadado a desaparecer devido ao inevitável avanço da razão e da ciência? Não por acaso, as primeiras pesquisas de campo sobre a religião no Brasil foram os “estudos de comunidades” feitos por professores vindos os EUA e seus discípulos² na USP, tendo como hipótese que a religião é um dos principais obstáculos à modernização da sociedade brasileira.

Minha formação bem pode ilustrar essa mentalidade. Tendo estudado na PUC-Rio de 1962 a 65, em momento algum foi oferecido sequer um seminário em sociologia da religião, embora o curso fosse criação do Pe. Fernando Ávila – jesuíta que mais tarde se destacou como analista sociopolítico da CNBB – e fosse por ele dirigido. Disciplinas eletivas eram a sociologia do desenvolvimento, rural e urbana, da literatura e do conhecimento. A bem da verdade, me deparei com algo próximo à sociologia da religião quando, num estágio em “métodos e técnicas de pesquisa” ajudei a tabular dados de uma pesquisa sobre a prática dominical em duas dioceses do Piauí³, em 1965.

Se o estudo científico ficou à margem da Universidade e de institutos de pesquisa como o ISEB⁴, tampouco foi incentivado nos espaços eclesiásticos.

2 São clássicas as pesquisas de Charles Wagley (Amazônia), E. Willems (vale do Paraíba) e Donald Pierson (sertão baiano). Entre os discípulos, destaco Antonio Cândido, Florestan Fernandes e Maria Isaura P. Queiroz.

3 Era uma pesquisa realizada pelo então frade dominicano Francisco Rolim, que trouxera da França a metodologia criada por Gabriel Le Bras e a aplicava para subsidiar o planejamento pastoral de bispos católicos.

4 Fundado no governo JK com o propósito de fundamentar uma política desenvolvimentista para o Brasil, o Instituto Superior de Estudos Brasileiros produziu notáveis estudos, mas nunca mostrou interesse pelos fenômenos religiosos brasileiros.

As igrejas, por se considerarem possuidoras de um saber sagrado e superior a qualquer outro – a Teologia – ignoravam a contribuição que as ciências pudessem trazer. Nem mesmo Alceu A. Lima abordou em seus ensaios a religião como objeto de estudo científico. As exceções no campo da Igreja católica eram sua utilização como argumentação de reforço à sua doutrina social e à luta anticomunista⁵.

Nas Igrejas protestantes a sociologia da religião se esboçava no tratamento de dados estatísticos sobre a expansão do Protestantismo. Eram pesquisadores estadunidenses, que usavam a sociologia como disciplina de apoio para entender – e estender – o campo de sua ação missionária⁶.

A constituição dos espaços de interface (1960-1975)

A mudança naquele quadro ocorre desde o início dos anos 1960, quando as igrejas do Brasil passam a seguir o exemplo de igrejas da Europa e dos EUA que recorrem às ciências sociais como instrumentos auxiliares para a solução de problemas de ordem pastoral.

Na área católica, difunde-se o modelo de pesquisa elaborado na França por Gabriel Le Bras, para medir a “prática dominical” e assim estudar as variações estatísticas nas taxas de desafeição religiosa⁷. Mais importante, porém, é a difusão do método ver, julgar e agir, que logo se torna a chave-mestra de todo planejamento pastoral após concílio ecumênico de 1962-65. Esse método recorre, em primeiro lugar à “análise da realidade” – como era então chamado o estudo das condições humanas de uma dada população – e isso implica o recurso às ciências humanas. Não eram ainda as ciências da religião, mas já era uma primeira interconexão entre a teologia e as ciências humanas, tendo em vista a ação pastoral da Igreja.

O clima de renovação pastoral introduzido por João XXIII e pelo

5 Ver a produção do Centro Dom Vital.

6 Aí situam-se autores como estrangeiros, como Émile Léonard e do brasileiro Erasmo Braga.

7 Nesse tipo de pesquisa, destaca-se o trabalho de Francisco Rolim. É interessante notar que o conceito de *desafeição religiosa*, usado por Le Bras para medir o distanciamento entre o indivíduo e as práticas e crenças propostas pelas instituições eclesásticas, tenha caído em desuso, engolido pelo conceito de *secularização* que, a rigor, refere-se unicamente à perda do poder político e social da religião.

concílio Vaticano II levou a CNBB buscar no instrumental sociológico os fundamentos do seu Plano de emergência (1962) e do Plano de Pastoral de Conjunto (1966-1970). Para isso, criou o Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (CERIS) e lhe encomendou nada menos de vinte pesquisas, sobre temas propriamente eclesiais (como a situação do clero, religiosas, catequese, liturgia) e temas de interesse para a pastoral social (como educação, desenvolvimento, família, migrações), bem como uma história da igreja, que resultou na obra pioneira de Riolando Azzi, em sete volumes datilografados.

A interface mais importante do campo católico, porém, foi o Instituto Nacional de Pastoral⁸, que reunia diferentes especialistas em Pastoral, em Teologia e Ciências da Religião. Tendo por objetivo oferecer subsídios pastorais à CNBB, sem qualquer atuação direta junto a agentes de pastoral, o INP gozava uma grande liberdade para os debates, já que eles não vinham a público. Por vezes, sua produção resultava em documentos da CNBB ou em algum curso de atualização pastoral oferecido aos bispos, mas não tinha qualquer caráter oficial. Este foi, na minha experiência, um verdadeiro espaço de interface, pois fazia a interconexão entre teologia, pastoral e ciências da religião respeitando as particularidades metodológicas de cada uma dessas áreas de conhecimento. É preciso ressaltar, contudo, que o INP só congregava representantes da intelectualidade católica – *fine and safe people*. Em sua grande maioria, eram padres, com raros leigos e raríssimas mulheres. A figura do Pe. Alberto Antoniazzi, sempre presente às reuniões, é emblemática: transitava pelos três campos (teologia, pastoral e ciências da religião), gozava da confiança da hierarquia católica, e expressava com elegância todas as suas críticas – especialmente à teologia pré-conciliar. O certo é que ao findar a reunião todos saímos interpelados e provocados a pensar e pesquisar.

Além desses, constituíram-se espaços de interface em alguns seminários e institutos de formação teológica. O melhor exemplo é o ITER, de Recife, onde a Teologia sempre foi conectada à realidade social do Nordeste e isso incentivou o uso do instrumental teórico oferecido pelas ciências da religião.

8 Criado pela CNBB e colocado sob a direção do então Pe. Virgílio Rosa Neto, o INP fundiu (e esvaziou) os Institutos Nacionais de Pastoral Catequética e Litúrgica que, no afã de implementar as reformas pós-conciliares, contrariaram os setores eclesiais conservadores então hegemônicos na CNBB. O INP reunia-se um dia por mês, no sábado seguinte à reunião do Grupo de Reflexão Teológica da Conferência dos Religiosos. Isso lhe possibilitava economizar custos e ganhar em diversidade de pensamento. Com certeza, seu estudo traria uma grande contribuição à história da Igreja católica no Brasil contemporâneo.

Naquela mesma época as igrejas evangélicas se voltam para o estudo científico da religião a partir do movimento ecumênico (que no primeiro momento era interno ao campo protestante). Richard Schaul destaca-se nesse processo, trazendo para o Brasil a teologia da secularização que era o tema em voga nos EUA. Não se tratava, então, propriamente de fazer um estudo científico da religião, mas de aplicar a contribuição das ciências sociais para entender melhor sua situação como igrejas minoritárias face à tradição católica dominante. Nesse contexto ganha relevo o estudo da função social das igrejas, seja como fator conservador, seja como fontes de renovação e mudança. Aí situam-se as primeiras tentativas de compreensão sócio-política do Protestantismo brasileiro na visão de brasileiros. Esses estudos “foram patrocinadas pelo Setor Igreja e Sociedade, da Confederação Evangélica do Brasil”, dissolvido em 1964, pois após o golpe militar a Confederação procurou desvincular-se de estudos e pesquisas “perigosas”. Esses pesquisadores da religião se juntaram para fundar o Instituto Superior de Estudos Teológicos, que pouco depois mudou seu nome para ISER e acabou se transferindo para o Rio de Janeiro.

Nessa produção vai se destacar, além do ISER, o Centro Ecumênico de Documentação e Informação – CEDI. Enquanto este voltou-se para o trabalho de conscientização dos membros dessas igrejas – e gradativamente, também de agentes de pastoral católicos – o segundo abriu-se para o diálogo com o mundo acadêmico, vindo a produzir em 1977 a revista *Religião e Sociedade* em parceria com o Centro de Estudos da Religião, da USP.

No espaço protestante a interface entre a teologia e as ciências da religião parece ter sido favorecida pela força da teologia norte-americana, cuja tradição está bem próxima às ciências da religião. Diferentemente dos católicos – e dos protestantes de tradição luterana alemã – os protestantes mais influenciados pela teologia norte-americana não se preocuparam em demarcar as fronteiras entre teologia e ciências da religião. Rubem Alves, Antonio Mendonça, Jether Ramalho, Waldo César e Elther Maciel, por exemplo, contribuíram tanto para uma quanto para outra.

A contribuição da academia (1975-1990)

É no contexto dos “anos de chumbo” da ditadura militar que a academia – centros de pesquisa e ensino de nível universitário e, mais propriamente,

9 Cfr. Rubem ALVES, *op.cit.* n. 2, p. 134.

programas de pós-graduação – se interessam pelas ciências da religião. Aquele campo antes desprezado e só explorado por iniciativas individuais – em geral pessoas para as quais a religião ocupava lugar importante em sua biografia, bem como estudiosos de ritos e crenças “exóticos” – passa a despertar a curiosidade de pesquisadores. A razão maior desse interesse certamente foi o fato de várias igrejas, inclusive a mais alta hierarquia católica, terem assumido decididamente a causa dos Direitos Humanos. Embora encontrasse oposição no seio dessas igrejas, os grupos de defesa dos Direitos Humanos ganham muito destaque na sociedade por sua capacidade de mobilização social, sua força argumentativa, sua voz na sociedade e – muito importante! – sua ligação com o Exterior, onde sua voz era repercutida. Como explicar tal fato, se as igrejas sempre haviam se destacado por sua postura anticomunista e eram, por definição, parte do esquema de poder estabelecido? Nesse contexto, as religiões cristãs tornam-se objeto de pesquisa científica.

Essa conjuntura política, ao criar um clima favorável ao entendimento, propicia a superação de antigos preconceitos que impediam ou pelo menos dificultavam o diálogo respeitoso entre organismos eclesiais e a academia ciosa de sua laicidade. Pelo lado das igrejas, porque a academia era vista no sentido pejorativo da palavra: só produzia estudos esotéricos e inúteis, uma vez que vivia fechada sobre si mesma, sem abrir-se à realidade social e política do povo e do Brasil. No sentido inverso, predominava na academia a idéia de que as igrejas e seus centros de pesquisa só produziam trabalhos “pastorais” – também no sentido pejorativo da palavra: submissos aos interesses eclesiásticos, sem senso-crítico, desprovidos de teoria e ignorando os “mestres da suspeita” que fizeram desmoronar a credibilidade da religião. Mas – à quelque chose le malheur est bon – o clima ditatorial daquele momento favorecia a costura de um amplo arco de alianças na sociedade para fazer face à ditadura militar e protestar contra seus abusos. Foi isso que possibilitou o entendimento entre esses dois setores intelectuais, fazendo que ambos os lados superassem os respectivos preconceitos e estabelecessem um proveitoso diálogo intelectual. Assim, a intelectualidade ligada às igrejas trouxe sua vinculação orgânica com grupos e movimentos populares, de ampla base social, para o espaço de liberdade e de rigor metodológico aberto pela academia.

Universidade e institutos eclesiásticos antes separados por antigos preconceitos recíprocos, vem a estabelecer um espaço de diálogo respeitoso quando os pesquisadores da academia percebem que após o golpe militar de 1964-68 as religiões no Brasil não podiam mais ser vistas como o foram na primeira metade do século. De baluartes do anticomunismo, passam a ter

influentes setores que se alinham com a “esquerda católica”. Para entender isso, a Universidade abre espaços de interface com vários momentos de diálogo entre pesquisadores da academia e das igrejas sobre temas da Igreja da Libertação, como a própria Teologia da Libertação, as Comunidades Eclesiais de Base – CEBs – as Pastorais sociais, o Ecumenismo e as mudanças internas ao campo protestante, com destaque para a expansão pentecostal. Alarga-se então o espaço de interface entre a Teologia e as Ciências da Religião, que passa a incluir também a academia e não somente intelectuais ligados às igrejas cristãs.

Os Programas de Pós-Graduação, que começam a se multiplicar na década de 1970, obrigaram a universidade brasileira a desenvolver a pesquisa que, com raras exceções, ficara em segundo plano nos cursos de graduação. Foi então que os PPGs da área de Ciências Sociais se abriram para o campo da religião. Destaca-se, então o Grupo de Trabalho (GT) “Religião e Sociedade”, sob a coordenação de Lísias Negrão. Ele toma a iniciativa de convidar para as reuniões de seu GT, reunido durante os congressos da ANPOCS, pessoas sem vínculo com PPGs daquela área, mas que vinham produzindo pesquisas sobre as CEBs, Teologia da Libertação e Pastorais sociais. Ao acolhê-las como interlocutoras – e não como informantes – o GT estabeleceu uma ponte inovadora e respeitosa entre a academia e a intelectualidade ligada a organismos religiosos ou pastorais.

Também a revista *Religião e Sociedade* foi um espaço privilegiado de encontro e diálogo entre estudiosos trabalhando em institutos ligados às igrejas e os que trabalhavam em universidades laicas¹⁰. Por sua natureza, a revista tinha que atender os dois lados: as igrejas – que sustentavam financeiramente o ISER – e a área acadêmica que lhe dava prestígio e assegurava o subsídio do CNPq. Ocorre, porém, que ela nunca alcançou boa penetração nos ambientes eclesiais, e os estudiosos ligados às igrejas precisam divulgar sua produção principalmente nesses ambientes. Por isso, preferiam revistas como a *REB*, para o campo católico, enquanto *Religião e Sociedade* pendia cada vez mais para o mundo acadêmico.

Passado, porém, o momento de atuação mais incisiva das igrejas cristãs em defesa dos Direitos Humanos, seja pelas mudanças na conjuntura brasileira seja pela linha restauradora do pontificado de João Paulo II e pelo enfraquecimento dos organismos ecumênicos, diminuiu muito o interesse da

10 Fruto da parceria entre o ISER e o Centro de Estudos da Religião, da USP, desde a morte de Douglas Monteiro ela ficou, na prática, sob a responsabilidade do ISER.

universidade pela temática referente à Igreja da Libertação¹¹. É fato que cada época tem seus temas de moda, porque pesquisas sobre temas da atualidade não só têm mais acesso ao financiamento, como seus resultados atingem um público maior do que a comunidade científica. Mas penso que, além desse motivo, o desinteresse da academia pela temática da Libertação deve ser explicado pela matriz positivista para a qual o catolicismo é essencialmente medieval e por isso está fadado a desaparecer no mundo moderno. Assim visto, o movimento renovador dos anos 1970 é entendido como um desvio temporário no seu percurso histórico – algo como um abalo de terra capaz de criar um novo leito para o velho rio, até que, com o passar do tempo o processo de sedimentação faça retornarem as águas ao seu curso natural. Ou seja, findo o período de Medellín e Puebla, sanadas as tensões com os regimes militares, e tendo João Paulo II assumido o projeto da “restauração católica”, só restaria ao catolicismo latino-americano voltar a seu leito anterior e exercer a função de guardião da ordem estabelecida. No campo protestante, por sua vez, o vigor do movimento pentecostal e neo-pentecostal parecia acabar de vez com o Ecumenismo ou, pelo menos, tirar-lhe toda força renovadora.

Isto posto, a academia deu o assunto por encerrado – para todos os efeitos, a Igreja da Libertação foi um fenômeno original do cristianismo latino-americano, mas não resistiu à queda do muro de Berlim – e voltou-se para outros temas em voga, como o movimento pentecostal e as formas exóticas que sempre atraem o grande público. No campo das igrejas, a restauração conservadora de João Paulo II e Bento XVI e o refluxo do movimento ecumênico barraram o desenvolvimento das tendências renovadoras e conseqüentemente, o estímulo ao seu estudo. E assim, aquele diálogo entre praticantes das ciências da religião da academia e das igrejas perdeu fôlego e hoje praticamente não existe mais. Os antigos preconceitos, por sua vez, voltaram a ganhar terreno, de modo a manter distância entre a academia e as igrejas¹².

Mas daquele período restou uma preciosa conquista: o reconhecimento acadêmico e a consolidação da subárea formada pelos PPGs de Teologia e

11 Em sua dissertação *Comunidades eclesiais de base no Brasil: interfaces entre religião, política e produção do conhecimento*. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997, Solange RODRIGUES analisa o interesse pelas CEBs e temas correlatos. Comparando as comunicações apresentadas no GT *Religião e Sociedade*, entre 1980 / 88 e 1989 / 96, ela constata que a temática das CEBs é abordada em 20 comunicações no primeiro período e apenas 6 no segundo.

12 Solange Rodrigues, com quem comentei este texto, sugere que haja um viés generacional nesta observação e que um novo diálogo pode estar em curso entre pesquisadores das novas gerações. Tomara que ela esteja coberta de razão.

Ciências da Religião. A ANPTER, fundada em 1995 e mais tarde substituída pela ANPTECRE, melhor estruturada para ter uma vida longa e profícua, é juntamente com a Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER), uma herança daquele período.

Observação autocrítica

Ao chegar a este ponto da história, fica claro que a análise está presa a minha trajetória profissional na sociologia da religião¹³. Mais grave ainda, porque a principal atividade de pesquisa se dava num organismo ligado à Igreja católica – o CERIS – e depois num organismo ecumênico – o ISER – mas com pouca participação na academia – salvo o mestrado em Teologia da PUC-Rio. É possível que noutros espaços religiosos – por exemplo, na área luterana – ou acadêmicos – institutos de pesquisa e PPGs – muita coisa acontecesse sem que eu soubesse. Esta é uma observação que deixo aqui registrada, para abrir espaço a contribuições que venham enriquecer essa análise.

Com certeza eram realizadas no Brasil pesquisas em outras ciências da religião. Cabe aqui uma menção especial às pesquisas no campo da história patrocinada por CEHILA. Por seu enfoque metodológico a partir dos vencidos, seu caráter ecumênico e sua insistência em desvincular-se das instituições eclesiais, CEHILA criou no Brasil uma nova forma de história religiosa. Ao tomarem como objeto principal a vida do povo e, a partir desse lugar epistêmico fazerem a história de uma igreja ou religião, os pesquisadores e pesquisadoras do CEHILA fizeram um trabalho transdisciplinar de grande valor, apesar de um certo basismo¹⁴ inerente ao seu lugar epistêmico. Talvez tanta originalidade tenha sido a causa de sua marginalização tanto pela academia – que a colocou sob suspeita de ter sofrido contaminação da “opção pelos pobres” – quanto pelas instituições eclesiais – que se vêem como benfeitoras dos pobres e não como corresponsáveis por sua opressão. Hoje a produção de CEHILA ganhou caráter muito mais acadêmico, embora tenha perdido aquela originalidade epistêmica.

Também em outras disciplinas, como a psicologia, a filosofia, a geografia e o estudo comparado das religiões, havia bons pesquisadores em atividade no Brasil – Edênio Valle é prova disso – mas tenho a impressão de que

13 Sigo a tradição da sociologia francesa, em que fui formado, que vê apenas diferenças de estilo entre ela e a Antropologia.

14 Aqui destaca-se a obra de Eduardo Hoornaert, sempre valorizando as bases populares.

eram pesquisadores individuais que não chegaram a constituir propriamente uma área de conhecimento especializado. Só mais tarde essas outras áreas ganharão lugar ao sol no mundo acadêmico.

Enfim – last but not least – cabe uma observação sobre o florescimento da área bíblica. O Centro de Estudos Bíblicos (CEBI) foi e ainda é, com certeza, um espaço privilegiado de interface entre as ciências da religião e a teologia. Nele a teologia luterana, melhor do que qualquer outra, desenvolveu um precioso diálogo com as ciências da religião. E por ser um centro ecumênico por natureza, esse diálogo se desdobrou por muitos outros campos do conhecimento. Se esta análise pouco se refere a esse campo, não é por deficiência do campo e sim do analista...

Consolidação ou confinamento da subárea da Teologia e das Ciências da Religião?

Até 1990 apenas três PPGs eram credenciados pela CAPES¹⁵ que, com o objetivo de consolidar a subárea, incentivou a realização de dois encontros (realizados em 1993 e 1995) entre esses Programas e outros que estavam em processo de criação ou de credenciamento. Resultado é que, em 1996, já eram sete os PPGs credenciados junto à CAPES. Num texto de 1997, eu dizia que se essa sub-área

“está prestigiada, é em boa parte devido à atuação dos últimos presidentes da área de filosofia, que souberam e sabem reconhecer a contribuição própria da teologia e das ciências da religião na produção do saber. (...) Esse apoio ajuda a derrubar antigos preconceitos de origem positivista, ao mesmo tempo que a concessão de bolsas de estudo e auxílios financeiros para a pesquisa impulsionam os institutos confessionais ainda arredios ao pensamento laico a se abrirem ao diálogo com o mundo acadêmico em geral”¹⁶.

Nesse processo de constituição da área científica, entram a ANPTECRE e a Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER). A

15 Eram eles os Programas da PUC-Rio, PUC-SP e do IMS-São Bernardo – SP. O PPG da EST-São Leopoldo – RS ainda estava em processo de avaliação.

16 Cfr. Pedro A. RIBEIRO DE OLIVEIRA: Teologia e Ciências da Religião: uma área acadêmica, in Márcio F. dos ANJOS (ORG.): *Teologia: profissão*: SOTER - Loyola, São Paulo, 1996, p. 100.

SOTER, fundada em 1985, congrega pessoas individuais e tem-se projetado no campo científico por meio de seus congressos anuais e sua defesa da autonomia da produção teológica, nem sempre isenta das tentativas de interferência das autoridades eclesiásticas. Suas dificuldades não são mais do que um espelho dos percalços que atrapalham o desenvolvimento dessa área científica no Brasil, seja pelo lado das igrejas e tradições espirituais, seja pelo lado da comunidade acadêmica.

Para as igrejas e tradições espirituais fica sob a suspeita de tornar-se uma ameaça à doutrina estabelecida todo estudo científico – e por isso mesmo, crítico – sobre o que é matéria de fé. A Teologia que dá credibilidade às verdades afirmadas por via da fé e reforça a doutrina oficial é objeto de grande zelo das autoridades religiosas; por isso elas estabelecem normas estritas para a formação de seus praticantes e para a aceitação de seus resultados. Já as ciências da religião só são bem-vindas quando seus confirmam a doutrina oficial; mas são descartadas se levantam suspeita sobre seus fundamentos racionais. Diante dessas ameaças em potencial, a estratégia eclesiástica leva à criação de barreiras entre o campo eclesial e o campo universitário. Essa estratégia desdobra-se em duas frentes: formar seus próprios intelectuais – de preferência entre membros do próprio clero ou pessoas submetidas ao voto de obediência – e desqualificar tudo aquilo que, vindo de fora, possa contrariar sua doutrina¹⁷.

Estamos assistindo atualmente uma grave ameaça ao espaço de interface entre teologia e ciências da religião. Ela vem de dois lados: um é o Acordo Bilateral entre a Santa Sé e o Brasil, que identifica o Ensino Religioso – disciplina cuja finalidade é estudar os fenômenos religiosos numa perspectiva inter-cultural, como elemento da formação cidadã – com o ensino de uma confissão religiosa – processo educativo cuja finalidade é aprimorar e fundamentar a fé. Não vamos aqui discutir a (in)constitucionalidade desse Acordo; para o objetivo desta análise, basta assinalar que sua aprovação representaria o esvaziamento dos cursos de ciências da religião – por serem inúteis ao ensino confessional. A outra ameaça vem da “bancada evangélica” no Congresso Nacional, ao propor o reconhecimento da profissão de teólogo, nela confundido com o ministro religioso com estudos de terceiro grau. Ambas as propostas teriam, se aprovadas, o efeito de substituir a exigência do rigor metodológico que hoje norteia a subárea pela exigência de obediência às normas eclesiásticas.

17 Basta pensar nos empecilhos colocados pela hierarquia católica para evitar a publicação da coleção “Teologia e Libertação”. Uma história bem documentada e completada por entrevistas com seus personagens – antes que percam a memória – daria um excelente material para teses de doutorado em diferentes disciplinas.

Já para a comunidade acadêmica, ciosa de sua laicidade, a teologia e as ciências da religião deveriam ter um status inferior. O saudoso Antônio Mendonça foi enfático ao denunciar “o desprezo da própria religião em si, vista pelas classes dirigentes como superstição própria das classes iletradas” e afirmar que “contra a pesada tradição positivista da universidade brasileira, a teologia está agora nos vestibulos do reconhecimento como saber sério e organizado”¹⁸. É como se a academia dissesse “o que de bom pode vir da Teologia?” Sinal evidente desse desprezo é que a comunidade acadêmica não coloca a priori sob suspeita o mérito científico de um estudo sobre relações raciais feito por um negro, nem de um estudo de relações de gênero feito por uma feminista, mas o estudo científico de fenômenos religiosos feito por quem pertença a uma igreja fica sob suspeita de ser apologético até prova em contrário.

Assim, aos dois lados interessa o confinamento da teologia e das ciências da religião como campos de saber marginais. Na direção oposta trabalham hoje a SOTER e os PPGs em Teologia e Ciências da Religião associados à ANPTECRE. Sua atividade no mundo acadêmico reforça a luta contra os preconceitos herdados da tradição positivista; já sua atuação junto às igrejas é em favor da liberdade do pensamento teológico. Neste embate, ainda estamos bem longe de criar no Brasil algo como estava no projeto de Darci Ribeiro para a UnB: ter ali um Instituto de Teologia com toda a autonomia de uma universidade laica e sob gestão do Estado. Aquele estudioso da cultura brasileira intuía a importância da religião para o nosso País e queria que seu estudo científico não ficasse sob a tutela eclesiástica.

Conclusão

Revendo o caminho percorrido até aqui na constituição da interface entre teologia e ciências da religião no Brasil, pode-se perceber que o pivô desse processo é a teologia. É ela que convoca as ciências da religião ao diálogo – e não o inverso. Não é, contudo, qualquer teologia que exerce essa função. As teologias que não fazem mais do que explicitar e justificar uma dada confissão religiosa, e por isso estão submetidas à autoridade eclesiástica a cujo serviço se colocam, facilmente dispensam a contribuição das ciências da religião. São as teologias *ad extra*, isto é, voltadas para os problemas do “mundo” que apreciam a contribuição das ciências da religião.

¹⁸ Cfr. Antonio G. MENDONÇA: “Currículo teológico básico”, in Márcio F. dos ANJOS (ORG.): *Teologia: profissão*: SOTER - Loyola, São Paulo, 1996, p. 139 e 141, respectivamente.

Não por acaso, desde seu princípio o movimento ecumênico entre nós tem sido também um movimento em favor dos Direitos Humanos. No seu espaço foi gestada a Teologia da Libertação – embora em sua origem não tivesse ainda esse nome – que desde o nascimento teve a marca ecumênica. Essa teologia, ao legitimar o uso das “mediações sócio-analíticas”¹⁹ tem uma relação inteiramente outra com as ciências sociais e isso abre um novo espaço de interface com as ciências da religião. Como vimos, essa interface foi criada e consolidou-se numa conjuntura política de ditadura e de grandes mudanças nas igrejas cristãs. O diálogo com a comunidade acadêmica deu uma enorme vitalidade à teologia brasileira, que em poucos anos tornou-se mundialmente conhecida e respeitada – embora também reprimida pelas autoridades eclesiásticas.

Essa teologia que precisa dialogar com as ciências da religião para fazer um discurso plausível para o mundo de hoje conquistou seu lugar na comunidade acadêmica e nos espaços eclesiásticos – apesar de fortes correntes contrárias, como vimos. Hoje esse lugar está ameaçado na medida em que os movimentos ecumênico e em favor dos direitos humanos perdem força nas igrejas cristãs. Muitas delas já não se voltam mais para o “mundo” – perdido e sem remissão – mas para o “público interno” que se satisfaz com um catecismo ou, no caso das igrejas evangélicas, com uma fervorosa pregação com bastante referências à Bíblia. Em tais casos, uma teologia confessional dá perfeitamente conta do recado. Aqui reside, em meu entender o desafio para nossa subárea: ela só tem força na medida em que as igrejas cristãs se voltam para o “mundo”, porque isso requer um constante esforço de compreensão do mundo e reflexão sobre a fé religiosa.

19 O principal formulador da legitimidade do instrumental socioanalítico para a teologia foi Clodovis Boff com seu livro *Teoria e Prática*.

Programação

2 de Maio - Segunda-feira

13h30 às 17h30 - **Recepção e entrega dos materiais**

Local: Saguão do Auditório Ruy Barbosa

14h às 17h30 - **Assembleia da ANPTECRE**

Só para os coordenadores dos Programas associados

Local: Sala

19h30 - **Abertura oficial do Congresso**

Local: Auditório Ruy Barbosa

20h - **Conferência inaugural**

Teologia e Ciências da religião: interfaces.

Evolução e situação desde a perspectiva mundial

Prof. Dr. José Maria Castillo / Espanha

21h30 - **Coquetel de conagraçamento**

Local: No saguão do Auditório Ruy Barbosa

3 de Maio - Terça-feira

8h30 às 10h - **Conferência**

Teologia e Ciências da Religião: interfaces.

Evolução e situação desde a perspectiva brasileira.

Conferencista: Prof. Dr. Pedro Ribeiro de Oliveira (PUC-Minas)

Debatedor: Prof. Dr. Alberto da Silva Moreira (PUC-Goiás)

10h30 às 12h

Mesa de debate Nº 1 - Tema: Jesus: sábio ou Deus?

Moderador: Prof. Dr. Antônio Manzato (PUC-SP/Teol)

Debatedor 1: Prof. Dr. Wilhelm Wachholz (EST-RS)

Debatedor 2: Prof. Dr. Johan Konings (FAJE-BH)

Local: Auditório Ruy Barbosa (Prédio 19)

Mesa de debate Nº 2 - Tema: Messianismos no Brasil

Moderadora: Profa. Dra. Zuleica D. P. Campos (UNICAP)

Debatedor 1: Prof.Dr. Antônio Maspoli (UPMackenzie)

Debatedor 2: Prof.Dr. Pedro Lima Vasconcelos (PUC-SP)

Local: Auditório João Calvino (Prédio 41)

12 às 13h30 - **Almoço**

13h30 às 15h30 - **Grupos temáticos de 1 a 21**

Local: Todos os GTs funcionarão no Prédio 60

GTs de 01 a 07: salas do 1º. andar

GTs de 8 a 14: salas do 2º. andar

GTs de 15 a 21: salas do 3º. andar

15h30 às 16h - **Intervalo para café**

16 às 18h - **Grupos temáticos de 1 a 21 (continuação)**

Local: Os mesmo locais em salas do Prédio 60

19h30 às 21h - **Noite cultural**

“A correspondência epistolar entre Sigmund Freud e Oscar Pfister”:

Apresentação dramatizada

Local: Auditório Ruy Barbosa – Edifício 19

Responsável: Prof^ª. Dr^ª. Karin H.K. Wondracek (EST-RS)

4 de Maio - Quarta-Feira

8h30 às 10h – **Conferência**

Tema: Análise da situação dos Programas:

Papel e perspectivas para a Sub-área

Teologia e Ciências da Religião na Universidade brasileira.

Conferencista: Prof. Dr. Marcelo Perine (ex- CAPAES PUC-SP)

Debatedor: Prof. Dr. Luiz Carlos Susin (PUC-RS)

Local: Auditório Ruy Barbosa

10h30 às 12h:

Mesa de debate Nº 3 - Tema: Diálogo interreligioso

Moderadora: Prof^a. Dr^a. Neide Miele (UFParaíba)

Debatedor 1: Prof. Dr. Luis Henrique Dreher (UFJF)

Debatedor 2: Prof. Dr. Frank Usarski (PUC-SP/ CER)

Local: Auditório Ruy Barbosa (Prédio 19)

Mesa de debate Nº 4 - Tema: Violência e religião

Moderador : Prof. Dr. Luís Rossi (PUC-PR)

Debatedor 1: Prof. Dr. Ricardo Bitun (UP Mackenzie)

Debatedor 2 : Prof. Dr. Jung Mo Sung (UMESP)

Local: Auditório João Calvino (Prédio 41)

12h às 13h30 - **Almoço**

13h30 às 15h30 - **Grupos temáticos de 1 a 21 (continuação)**Local:

Nas mesmas salas do Prédio 60

15h30 às 16h - Intervalo para café

15h30 às 17h45 - **Grupos temáticos de 1 a 21 (continuação)**

Local: Nas mesmas salas do Prédio 60

18h - **Clausura do Congresso**

Grupos Temáticos

GT 1: Gênero, Aconselhamento Pastoral e Interculturalidade

Proponentes:

Prof. Dra. Valburga Schmiedt Streck
valburga@est.edu.br

Prof. Dra. Clélia Peretti
clélia_fael@hotmail.com

Prof. Dr. Sidnei Vilmar Noé - UFJF
sideneinoe@ufff.edu.br

Ementa do GT:

A mudança cultural em curso nas últimas décadas traz novos desafios para o aconselhamento pastoral com o objetivo de apoiar pessoas e grupos na sua busca pelo sentido da vida e no enfrentamento do cotidiano. Entendemos que na América Latina é preciso que o Aconselhamento Pastoral esteja em constante diálogo com sistemas de saúde psíquica e física, com serviços sociais e educacionais, bem como com outros sistemas de apoio, formando uma rede de colaboradores. O GT 1 pretende consolidar estudos sobre questões de gênero na perspectiva de Aconselhamento Pastoral e de reintegração social de sujeitos (pessoas, famílias, redes sociais ou comunidades) que se encontram em situações de vulnerabilidade. O desafio de uma sociedade multicultural nos leva a repensar as diferenças não em termos de igualdade, mas de identidade. O valor da diferença consiste em construir a partir do interior a identidade de cada ser humano, e de reapropriar-se das dinâmicas intersubjetivas eticamente sustentadas pela mesma dignidade. O grupo reflete sobre práticas de cuidado e de aconselhamento para a reintegração da identidade do sujeito e dos sujeitos nos seus âmbitos pessoal, social ou familiar, e, objetiva ainda subsidiar o preparo de agentes e profissionais para a ética do cuidado. A mudança cultural em curso nas últimas décadas traz novos desafios para o aconselhamento pastoral com o objetivo de apoiar pessoas e grupos na sua busca pelo sentido da vida e no enfrentamento do cotidiano. Entendemos que na América Latina é preciso que o Aconselhamento Pastoral esteja em constante diálogo com sistemas de saúde psíquica e física, com serviços sociais e educacionais, bem como com

outros sistemas de apoio, formando uma rede de colaboradores. O Grupo Temático Aconselhamento Pastoral, Gênero e Interculturalidade pretende consolidar estudos sobre questões de gênero na perspectiva de Aconselhamento Pastoral e de reintegração social de sujeitos (pessoas, famílias, redes sociais ou comunidades) que se encontram em situações de vulnerabilidade.

1.

Maria Cristina S. Furtado PUC-RJ

Embora os estudos mais recentes das ciências afirmarem que a homossexualidade não é doença ou desvio, e o avanço da hermenêutica bíblica traga luzes novas nesta direção, as igrejas cristãs oficialmente continuam não aceitando as novas visões, com algumas igrejas incentivando as ‘terapias de cura’. Somente as Igrejas cristãs inclusivas, parte da Igreja Anglicana e alguns grupos isolados em diversas denominações cristãs, inclusive na Igreja Católica, têm realizado um trabalho pastoral de respeito e aceitação da homossexualidade conjugado à vivência da fé cristã. No entanto, cada vez mais a população LGBT e suas famílias procuram no aconselhamento pastoral auxílio para a possibilidade de unir identidade, sexualidade e a fé cristã, mas com frequência saem desorientados, pois se deparam com um clero despreparado, preconceituoso e preso às orientações hierárquicas da sua Igreja, com justificativas não convincentes. Nesta comunicação através do olhar do teólogo Luis Carlos Susin, analisaremos, segundo a antropologia de Emmanuel Lévinas, o que se encontra por trás dessas reações pessoais e institucionais às novas identidades, e a possibilidade de transformação através da ética levinasiana de modo que venhamos a ter o reconhecimento da alteridade do ‘outro’, e um aconselhamento pastoral que parta da ‘escuta’ e ‘singularidade’, para com base no amor incondicional de Deus possa auxiliar na reintegração da identidade daquele que procura ajuda, no âmbito pessoal, social e familiar.

2. Gênero e empoderamento: mulheres conquistando a cidadania

Clélia Peretti
 clelia.peretti@pucpr.br

Elizabet Terezinha Castaman Nogoeseke – PUC-PR

O presente trabalho discorre sobre o empoderamento das mulheres à

luz do movimento feminista e da pedagogia freiriana. A inclusão social, o aumento do poder e da autonomia pessoal e coletiva de indivíduos e grupos sociais nas relações interpessoais e institucionais, principalmente daqueles submetidos a relações de opressão, discriminação e dominação social, proporcionaram espaços de formação de grupos de mulheres e de discussão sobre temáticas relacionadas ao gênero. O empoderamento das mulheres representa um desafio às relações patriarcais, em especial dentro da família, ao poder dominante do homem e à manutenção dos seus privilégios de gênero. O impacto do feminismo nas práticas religiosas das mulheres, tanto na influência sobre o desenvolvimento de um novo discurso – Teologia Feminista, quanto nas mudanças provocadas no discurso teológico, proporcionou a criação de espaços feministas de espiritualidade e de práticas sociopastorais de vários tipos. A consolidação da autonomia individual, que não se opõe aos ideais coletivos, pelo contrário, sustenta-a, leva a Teologia Feminista à ruptura com o pensamento institucional e a separa da Teologia da Libertação ainda patriarcal e repleta de imagens masculinas de Deus. Sua reflexão é enriquecida pela contribuição da vivência concreta e pelo fato de a coerência ética não pertencer só aos setores religiosos. Os diferentes desdobramentos teóricos e práticos, influenciados também pela pedagogia freiriana, levam a uma nova compreensão de ser humano, do cosmos e da necessidade de uma convivência na igualdade de diretos e de dignidade.

3. Crises da Vida: Uma compreensão pelo Aconselhamento Pastoral

Rafael Souza Rodrigues – EST
rafafisioteo@gmail.com

A pesquisa bibliográfica tem a finalidade de refletir sobre o papel do aconselhamento pastoral nas crises da vida. São apresentadas algumas definições e tipos de crises, assim como a natureza e os processos dinâmicos que envolvem uma crise, sempre na perspectiva do aconselhamento pastoral. Referenda-se bíblicamente o tema, dissertando sobre a vida do profeta Jeremias e as suas crises pessoais, buscando compreender suas estratégias de superação. Duas possibilidades de intervenção nas crises, pelo aconselhamento pastoral, são o modelos de Gary Collins e Howard Clinebell, que fornecem subsídios importantes para auxiliar as comunidades de fé a cumprirem a sua missão de servir ao próximo, através do suporte à pessoas em crise.

4. A contribuição da Antropologia do Concílio Vaticano II para o Aconselhamento Pastoral

Geni Maria Hoss – EST

geni.maria@yahoo.com.br

O artigo resulta da análise da visão de ser humano do Concílio Vaticano II e a repercussão desta na maneira de ser e estar no mundo da Igreja, especificamente na dimensão do cuidado. A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* afirma a dignidade e a vocação da pessoa, deduzidos da sua criação como imagem de Deus. Para cumprir sua missão no mundo, a Igreja – Povo de Deus – assume o compromisso com o cuidado, a denúncia profética em condições de desrespeito à dignidade, o engajamento por uma sociedade justa e solidária. A Igreja, a partir do Vaticano II, acontece especialmente através do protagonismo das comunidades locais onde as relações de cuidado são efetivamente possíveis. A acolhida, a escuta e o aconselhamento se tornam relevantes espaços de ação eclesial quando possibilitam promover a dignidade da pessoa na perspectiva cristã: O ser humano como imagem de Deus e, como tal, uno, dotado de inteligência, sabedoria, consciência, capacitado para tomar decisões, assumir responsabilidades, construir sua própria história e realizar-se segundo um projeto de vida significativo. Trata-se de ajudar a criar unidade interior, de construir / reconstruir a comunhão plena em todas as dimensões da vida: Uma comunhão nascida da Trindade, a imagem, segundo a qual o ser humano foi criado. Este é o horizonte do serviço de Aconselhamento Pastoral no âmbito da Igreja Católica a ser apresentado.

5. As faces do HIV/AIDS no Brasil. Há espaço na Igreja para quem vive e convive com o HIV/AIDS?

Elisa Fenner Schröder – EST

elisaschroder@yahoo.com.br

Os dados estatísticos apontam aumento considerável dos casos de HIV/AIDS no Brasil e, por isso, se torna necessário discutir a temática também dentro da Igreja. O objeto da pesquisa é o Aconselhamento Pastoral voltado à pessoas com HIV/AIDS, bem como, seus familiares, apontando o Aconselhamento Pastoral como uma forma de acolhimento e via de acesso a igreja. A feminização do HIV/AIDS é um fenômeno que vem ocorrendo nos últimos anos inclusive entre as pessoas com mais de 50 anos de idade, por isso, torna se necessário discutir as questões de gênero que envolve a temática do HIV/AIDS, tendo no Aconselhamento Pastoral uma forma de ir ao encontro das

peessoas que vivem e convivem com a doença. Como referenciais teóricos são utilizados tanto livros, periódicos e artigos quanto materiais disponíveis na Internet que tratem sobre a temática do HIV/AIDS e do Aconselhamento Pastoral sejam relevantes para a pesquisa, tais como o site do Governo Federal, da Federação Luterana Mundial e da IECLB. Trazer a discussão para dentro da Igreja é um dos objetivos da pesquisa, buscando assim vencer preconceitos e tabus que cercam o HIV/AIDS e os muitos desafios que ainda precisam ser vencidos.

6. Aconselhamento cristão e cidadania para os nordestinos das periferias de São Paulo: desafios, reflexões e propostas

Paula Coatti Ferreira
coatti@uol.com.br

Este estudo versa sobre a contribuição do aconselhamento cristão para o desenvolvimento da conscientização e exercício da cidadania para os nordestinos da periferia da cidade de São Paulo. Para tanto o, trabalho divide-se em três partes. A primeira analisa a formação do perfil sócio-econômico e religioso dos nordestinos das periferias de São Paulo e as influências de suas origens migratórias e principais características intrínsecas à formação e modificação de sua identidade cultural e pessoal. A segunda caracteriza o tipo de aconselhamento cristão atualmente oferecido, e identifica referenciais aplicativos que propiciem a recuperação da identidade pessoal e cultural e promoção da integralidade humana desses indivíduos. A terceira e última parte, avalia as possibilidades do conseqüente desenvolvimento da conscientização e exercício da cidadania, para o indivíduo e para a igreja, e apresenta os limites e as perspectivas futuras para ambos.

7. Cuidado: da ação divina ao agir humano

Marcelo Martins – EST
marceloalaine@ibest.com.br

Este trabalho tem por objetivo discorrer sobre o tema “Cuidado”. O tema do cuidado fundamenta-se na Teologia, nos textos bíblicos e no diálogo com autores como, Leonardo Boff e Henri Nowen. Na primeira parte do trabalho enfatiza-se a questão de, “Deus, o cuidador por excelência”. Busca-se mostrar como o Deus cristão é aquele que é cuidador, pois se preocupa com sua criação desde o seu nascimento, mostra-lhe seu desvelo nas horas mais cruciais da vida e, mesmo quando é ignorado, ainda dispensa cuidado. Na

segunda e terceira parte serão discutidos dois exemplos bíblicos de cuidado, como o intuito de mostrar através desses o agir humano. O primeiro texto refere-se ao Velho Testamento. Trata-se do cuidado do rei Davi para com Mefibosete – um portador de deficiência. O segundo se encontra no Novo Testamento, onde se destaca o cuidado do samaritano para com o homem que fora roubado e espancado por ladrões, na parábola que Jesus contou. Nesta passagem serão examinadas as ações do samaritano. Cabe ressaltar, ainda, que esse estudo é parte de uma pesquisa mais ampla cujo foco da pesquisa é: “Apoio à familiares de autistas”. Objetiva-se pesquisar e analisar as bases de apoio para pais e familiares que têm se deparado com o desafio de ter um filho autista. Utiliza-se a questão do cuidado e da espiritualidade por entender que essa prática é essencial para as famílias que convivem com tal situação. Na pesquisa destacam-se temas como: solidariedade, inclusão, espiritualidade, cuidado, preconceito, ajuda.

8. Sexualidade e Aconselhamento: Tabus, Erotismo e Espiritualidade

José Antônio Lucas Guimarães – UPMackenzie
jluucasguimaraes@yahoo.com.br

Partindo do conceito de Michel Foucault sobre a história do sexo como história do discurso, aborda-se a sexualidade em sua relação com a religião em busca de uma atuação no aconselhamento. A revolução sexual colocou o sexo em evidência, o que não significou sua evidência na religião. Através da pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa pretende-se mostrar que o/a conselheiro/a pastoral, ao viver e conviver com adolescentes e jovens, é chamado a repensar sua metodologia e a compreender esse novo cenário que confronta e o desafio a tomar posição de vanguarda ou caduquice. O aconselhamento tem o papel de gerar valores em diálogo com os direitos de cidadania da pessoa possibilitando que todos possam se afirmar em sua expressão sexual de forma livre e realizadora. O/A conselheiro/a é desafiado/a a orientar uma diversidade de tipos de atrações sexuais, bem como lidar com as conseqüências do sexo (gravidez na adolescência, estupro e doenças). Somente através de (práticas) didáticas que tornem a religião, através do aconselhamento, capaz de responder a esses desafios é possível

9. Relações de gênero: Jesus e as mulheres de seu tempo.

Clélia Peretti e Albertina Laufer – PUCPR

clélia.peretti@pucpr.br; teatinas@ig.com.br

Objetiva-se com esse estudo delinear alguns elementos bíblicos importantes no que concerne às relações de gênero e refletir sobre o significado desses nas práticas de aconselhamento pastoral. Entende-se que a categoria de gênero possibilita uma compreensão mais clara dos papéis de ser homem e do ser mulher a partir de uma contextualização bíblica. A partir de uma visão de voltada para diferenças enquanto constituição e a igualdade enquanto dignidade discute-se o relato da criação em que o homem e a mulher são apresentados como obra da criação de Deus. É Deus quem os cria à sua imagem e semelhança. No entanto, sabe-se que devido a uma compreensão descontextualizada do referido relato, a mulher, na sociedade judaica e no contexto vivido pro Jesus, tem sido tratada com discriminação. Apresentando um reino onde o ser humano é imagem de Deus, Jesus evidencia, portanto, que a mesma dignidade que é reservada ao homem, é igualmente reservada às mulheres. No seu itinerário de guia e mestre, Jesus devolve à mulher a dignidade da mulher ser humano, dando-lhe a possibilidade não somente de também exercer o seu papel ativo na sociedade, mas de exercer o caminho do discipulado que era reservado de forma exclusiva ao homem. A partir da perspectiva delineada por Jesus, aprofundam-se as práticas de cuidado com as mulheres, ligadas ao reconhecimento de seus direitos, dignidade e responsabilidades. Estamos convencidos de que o referencial hermenêutico de uma da teologia do aconselhamento pastoral é e deveria ser o que disse e viveu Jesus. A sua mensagem, dinamicamente considerada, é voltada para a restituição da integridade e da dignidade do ser homem e do ser mulher. As mulheres acompanharam Cristo em toda a sua trajetória. Elas não só participaram como protagonizaram boa parte dos momentos cruciais da vida de Cristo. Com o aprofundamento de alguns relatos simbólicos dos Evangelhos quer se mostrar como é possível resgatar os fundamentos bíblicos do protagonismo feminino nas igrejas.

10. Pastores alternativos para um rebanho “alternativo” – ação pastoral das igrejas protestantes na comunidade homossexual brasileira

Claudia Ferreira da Paixão – UMESP

A questão da homossexualidade ainda surge num cenário tímido dentro dos espaços de reflexão das igrejas protestantes do Brasil. Ora pelo desconhecimento dos temas que envolvem a questão homossexual, ora pelo desinteresse em conhecê-los. De acordo com Câmara (2008:12), a existência da comunidade homossexual é um ponto de partida para o diálogo com o cristianismo a respeito desta comunidade. A comunidade homossexual “compõe” a membresia das nossas igrejas apenas como a parte, não como o todo. São impedidos de atuar nos cargos de liderança, mas atuam em níveis periféricos da igreja. De qualquer forma, a comunidade homossexual está excluída em nome de uma inclusividade. Talvez fosse possível afirmar a existência de uma comunidade dentro de outra comunidade, que invisibiliza a primeira.

11. Lugar da Justiça na Missão: partindo do pensamento de Carlos René Padilla

Paulo Cappelletti – UMESP
pcappelletti@uol.com.br

Essa monografia propõe uma abordagem, à luz do livro *O que é missão integral?*, de Carlos René Padilla, trabalhando de forma mais específica o seu pensamento que trata a questão do lugar da justiça na missão. A fim de se compreender melhor a proposta do trabalho algumas definições da palavra missão são apresentadas. Sabendo, contudo, que isto não basta, outros pontos, tais como: os congressos mundiais que refletiram sobre a justiça num contexto evangélico, os desafios a serem superados quando se almeja realizar a justiça – pensando em algo mais prático - e a “grande” promotora da justiça, são salientados. A evangelização integral deve encetar no âmbito da igreja, ou seja, com pessoas que provaram da justiça advinda do Cristo. Enquanto se delimita a nomenclatura “igreja” a uma versão institucionalizada, lamentavelmente, torna-se bem difícil obter êxito, no sentido de chegar-se ao próximo, a fim de que este conheça e desfrute da justiça. Assim, a evangelização dentro da missão precisa trazer consigo comunhão, serviço, compromisso, interdependência de todos, pois de nada adianta ser igreja para o mundo, quando não se é dentro dela mesma.

12. A Direção Espiritual Católica, seu poder subjetivante e influência no desenvolvimento da espiritualidade feminina

Rosa Maria Guimarães Bastos Ferreira de Souza – PUC-PR

rosa@pinho.com.br

A vida humana é uma admirável aventura. Apesar das dificuldades e dos sofrimentos que nela se encontram inevitavelmente, oferece de modo permanente a possibilidade de crescer-se em maturidade, amor e liberdade. Para alcançarmos essa experiência, mais do que tentar dominar tudo na nossa vida, é preciso que nos tornemos disponíveis aos chamados que Deus nos dirige ao longo da nossa existência e nos deixarmos conduzir por eles. Esse trabalho se propõe a ajudar na compreensão desses múltiplos apelos, colocando em evidência o papel da direção espiritual no cenário dos dias atuais, especialmente na vida de mulheres que recebem ou receberam esse tipo de orientação. Os resultados alcançados na pesquisa demonstraram que o caminho teórico-metodológico percorrido fez vislumbrar horizontes e possibilidades além das expectativas do início do trabalho. Evidenciou-se que, com a ajuda da direção espiritual, os sujeitos tornaram-se mais maduros, de uma maneira geral, com maior estabilidade emocional, determinação e auto-confiança; Com sensíveis ganhos nas habilidades de relacionamento, maior facilidade e segurança na administração de conflitos e no processo de tomada de decisões; E, sobretudo, apresentando-se mais confiantes e próximos de Deus.

GT 2: Gênero nas Ciências da Religião

Proponentes :

Prof. Dra. Sandra Duarte PUC-PR
sanduarte@uol.com.br

Prof. Dra. Neide Miele
ppgr@cchla.ufpb.br

Ementa do GT:

O objetivo do GT 2 é o de reunir pesquisadoras e pesquisadores cujos trabalhos envolvam a articulação entre gênero e religião. O GT acolherá propostas de comunicações que discutam aspectos teórico-metodológicos dos estudos de gênero e religião. Também são bem-vindas propostas que avaliem a produção científica sobre gênero dos programas de Ciências da Religião no Brasil.

1. Mulheres na IEAD: uma análise de sua ascensão no corpo eclesiástico e de sua conduta moral

Sérgio Batista de Oliveira- Mestrando - PUC-GO
teologosergio@hotmail.com

Danielle V. Bandeira de Lima - Doutoranda - PUC-GO
danihistoriadora@yahoo.com.br

O presente trabalho tem como objetivo analisar os princípios morais vivenciados pelas mulheres da Igreja Assembléia de Deus, comparando a CGABD a Igreja Madureira, uma vez que enquanto a primeira permanece com princípios tradicionais a segunda já sofreu gradativamente algumas modificações. Para tanto, além dos autores que se voltam para a Igreja Assembléia de Deus, o estudo da hermenêutica feminista e dos estudiosos que adotaram o gênero enquanto categoria de análise servirão de base para essa compreensão, uma vez que a partir deles consegue-se ter uma percepção de quais os princípios religiosos seguidos por essas mulheres que tendem em alguns casos a endossar o patriarcalismo e o androcentrismo dessa instituição.

2. Análise do discurso de Rozane Rangel da Cunha: Megatendências para uma mulher cristã - sob a perspectiva de gênero e religião

Adriana Thomé – Mestranda/UMESP
libiebrasil@hotmail.com

A presente proposta objetiva analisar a questão de gênero e religião, por meio dos relatos descritos no livro *Megatendências para a Mulher Cristã*, redigido por Rozane Rangel da Cunha, a partir de uma releitura crítica baseada nos estudos de *Gênero e Religião*. Nesse texto se verifica o uso da religião para sacralizar determinadas representações de gênero, legitimando a dominação e sujeição das mulheres.

3. Livre Mercado: O Trânsito Religioso e a recomposição das formas religiosas na Igreja Evangélica Assembleia de Deus, em São Bernardo do Campo.

Emerson Roberto da Costa: mestrando/UMESP
emerson_roberto_costa@yahoo.com.br

O campo religioso contemporâneo, diante das mais variadas ofertas, tem apresentado intensa mobilidade religiosa. Os sujeitos religiosos, a partir de suas próprias demandas e combinações simbólicas, transitam nas mais diversas expressões religiosas apropriando-se de elementos que atendam a suas necessidades provocando uma movimentação incessante, num processo de ressignificação contínua.

A partir dos postulados das Ciências da Religião, essa comunicação propõe-se a analisar esse evento tendo como universo de análise a Igreja Evangélica Assembleia de Deus, em São Bernardo do Campo; objetiva ainda, demonstrar, mediante a análise do conjunto de dados obtidos em instrumento de pesquisa, uma conexão entre os elementos indicadores da pesquisa e o fenômeno caracterizado para identificar quais são as motivações de gênero para o trânsito de homens e mulheres que circulam das diversas alternativas para esse grupo religioso; busca identificar como a instituição religiosa reage a essa circulação de pessoas e, a partir desse referencial, compreender os contornos que essa relação estabelece indicando os novos padrões religiosos desenvolvidos a partir desse fluxo.

4. O universo feminino da Nação Xambá

Lúcia Helena Guerra – UFPE

luciaguerra.ufpe@gmail.com

A construção deste artigo é fruto de pesquisa realizada ao longo dos últimos quatro anos no Terreiro Santa Bárbara da Nação Xambá, localizado na cidade de Olinda/PE. A princípio não se previa uma discussão entre gênero e religião, o mote principal da pesquisa era compreender as transformações ocorridas no terreiro ao longo da última década; entre elas a conquista do título de Quilombo Urbano; para tal foi necessário realizar um resgate histórico desde a chegada da Nação Xambá ao estado de Pernambuco na década de 20 até os dias atuais. Ao analisarmos os primórdios das religiões afro-brasileiras no estado, dois aspectos chamam a atenção, o primeiro diz respeito ao predomínio das mulheres entre os praticantes e o segundo a hegemonia das lideranças masculinas. Diferente da Bahia onde as chefias masculinas atuavam como coadjuvantes, em Pernambuco eram os homens que legitimavam as lideranças femininas, apesar das mulheres representarem a maioria de frequentadoras destas religiões. Este aspecto não caracterizava a Nação Xambá e foi a partir desta observação que as questões de gênero passaram a integrar a pesquisa “Xangô rezado baixo, Xambá tocando alto”. Ao escolher trabalhar o feminino na Nação Xambá acabei utilizando gênero como uma categoria analítica, considerando o papel fundamental das lideranças femininas na construção da identidade cultural desta nação de candomblé e na articulação das mulheres de terreiro em Pernambuco que une tradição e modernidade, para discutir e garantir o espaço feminino na religião e na sociedade de uma forma geral.

5. O Islã e o sexo: estudo de caso da obra O Jardim das Delícias de Xeique Nefzauí

Matheus Oliva da Costa – Unimontes - MG

matheusskt@hotmail.com

O presente trabalho investigou um aspecto do islã que não nos é tão conhecido, sexualidade. Nosso objeto de estudo é a obra O Jardim das Delícias, um tratado de sexologia escrito entre os anos 1349 e 1433, com a autoria atribuída a xeique Nefzauí. Temos como objetivo refletir sobre a relação entre religiosidade islâmica e o sexo na obra citada acima. Para isso, analisamos os elementos religiosos presentes nesse tratado sexual com os autores Daniel Farah e Neuza Nabhan, pesquisadores brasileiros do islã. Quanto à sexualidade no islã usaremos Bouhdiba como referencial, grande estudioso dessa temática.

Sendo um estudo de caso de uma obra literária do século XIV, será uma pesquisa bibliográfica. Fundamentamos principalmente nos autores acima citados para a análise e reflexão do tema. Como resultados, na análise da obra, percebemos que o xeique Nefzaui escreve elogios sexuais às mulheres, contos eróticos, receitas afrodisíacas, mas sempre antes empregando uma “formula sacramental” (louvares e saudações à Allah e ao profeta), mostrando, como indica Bouhdiba, uma sacralização do sexo no islã. Refletimos também sobre as relações de gênero presentes na obra, a qual acreditamos ser representação da sociedade islâmica da época. Essas relações variavam desde uma respeitosa, inclusiva e até apreciadora visão das mulheres à concepções machistas e patriarcais dos relacionamentos humanos. Dessa forma, este trabalho lançar luz sobre esses aspectos do islã ainda tão obscuros para as Ciências da Religião, contribuindo para o crescimento e qualidade dessa disciplina.

6. Percepções quanto ao lugar da religião e do gênero no mundo do trabalho: alguns resultados de uma pesquisa de campo.

Naira Pinheiro dos Santos – doutora/UMESP
nairapinheiro@gmail.com

No mundo moderno ocidental o processo de secularização teve como consequência não apenas a separação entre a esfera de ação da religião e esfera de ação secular e do Estado, mas implicou também numa crescente diferenciação entre os campos de ação social, de tal modo que o mundo do trabalho é ele também constituído e perpassado por separações de esferas. Na prática, mas sobretudo no imaginário, nas percepções. Separação entre esfera pessoal e esfera profissional, entre esfera doméstica e esfera de produção, entre esfera privada e esfera pública sendo que cada uma dessas separações remete a tantas outras que lhes são associadas. Tais separações são socialmente representadas como oposições hierárquicas e incompatibilidades entre atividade profissional e preocupações ligadas à esfera pessoal/privada, na qual se situariam a religião e as atividades domésticas. Procuraremos apresentar aqui alguns resultados de pesquisa de campo empreendida junto a duas empresas de origem francesa atuando no Brasil quanto à percepção dos sujeitos questionados no que diz respeito à permeabilidade e/ou incompatibilidades entre algumas das esferas associadas à vida privada e aquelas da vida profissional. Mais especificamente trataremos de averiguar se estes/as percebem o sexo e/ou a religião como fator de influência sobre a relação que os sujeitos estabelecem com o trabalho e no ambiente de trabalho e sobre a trajetória profissional.

7. Abordagens de gênero nas práticas religiosas afro-brasileiras

Nilza Menezes Lino Lagos – doutoranda/UMESP
nilzamenezes@uol.com.br

Temos como proposta fazer uma análise da bibliografia disponível para os estudos de gênero e religião afro-brasileira. O campo ainda é pouco estudado apesar de algumas abordagens muito interessantes. Muitos dos trabalhos se dedicam a personagens que exerceram papel relevante no cenário religioso afro-brasileiro, dando visibilidade ao papel das mulheres.

Temos como marco inicial das abordagens de gênero nas práticas religiosas afro-brasileiras o trabalho da antropóloga e Ruth Landes (2002), que na década de 40 do século XX apontava a especificidade e importância das relações de gênero dentro deste campo religioso. Em *A Cidade das Mulheres*, ela pontua questões que mais tarde são retomadas por Patrícia Birman (1995), Laura Segato (1995) e Terezinha Bernardo (2005), trazendo interessantes perspectivas de estudo que perpassam pela questão de gênero.

8. Romaria do Bom Jesus da Lapa: um espaço de expressão e (re)configuração das relações de gênero

Sandra Célia Coelho G. S. S. de Oliveira – doutoranda - PUC-GO
sandraccgs@hotmail.com

O presente trabalho é minha proposta de pesquisa para o doutorado em ciências da religião na PUC-GO. O tema do estudo é o catolicismo popular, mais especificamente o catolicismo popular como um espaço de expressão e (re) configuração das relações de gênero. Este estudo justifica-se a partir das pesquisas literárias e observações feitas durante pesquisa realizada para o mestrado, em que ficaram evidenciadas a presença das relações de gênero nas romarias e algumas mudanças que estão ocorrendo nas relações de gênero, principalmente no lugar que a mulher ocupa na família e na sociedade. Essas mudanças trazem algo novo para um catolicismo cuja trajetória histórica tem sido marcadamente patriarcal, mas não está imune às transformações que ocorrem na sociedade e tem de reconhecer a necessidade de modificar tanto suas relações internas quanto suas relações com a sociedade mais ampla. Objetivando analisar, a partir de como as mulheres participantes da Romaria do Bom Jesus da Lapa percebem seu cotidiano e de como se inserem na referida romaria, que características da identidade de gênero feminina aí são expres-

sadas, bem como quais impactos essa participação pode causar nas relações de gênero dentro da própria romaria e para além dela, nas relações cotidianas dessas mulheres. Desvendar a realidade em estudo, desmistificando os preconceitos, é um fascínio da reflexão, não para obter respostas conclusivas e absolutas, mas, sobretudo, para suscitar novas discussões.

9. Gênero, Religião e Política no Brasil: o processo eleitoral de 2010 para presidência da República

Prof. Dra. Sandra Duarte de Souza – doutora/UMESP
sanduarte@uol.com.br

A corrida eleitoral de 2010 para presidência da República trouxe para a arena da política partidária o tema da moral sexual, que teima em persistir a despeito das incontáveis mudanças sociais acerca da sexualidade no século XXI. A mobilização de religiosos dos mais diversos grupos contra a eleição da candidata do PT, Dilma Rousseff, se pautou especialmente em dois argumentos: o de que a candidata seria favorável ao “casamento gay” e ao aborto. Católicos, protestantes históricos, pentecostais, neopentecostais e espíritas kardecistas se reuniram num “ecumenismo” atípico em defesa de uma sexualidade rigorosamente delimitada e regulada por padrões religiosos conservadores. A presente comunicação enfatiza a ambigüidade da laicidade no Brasil e tem por objetivo analisar as implicações de gênero que se revelaram durante o processo eleitoral e em que medida a religião influenciou tal processo.

GT 3

Religião, Teologia e Economia

Proponentes:

Prof. Dr. Élio Estanislau Gasda FAJE
gsdasj@hotmail.com

Prof. Dr. Alberto Moreira PUC-Goiás
alberto-moreira@uol.com.br

Prof. Dr. Jung Mo Sung UMESP
jung.sung@metodista.br

Ementa do GT:

A recente crise despertou um interesse maior pela economia. Assistimos um verdadeiro bombardeio de notícias econômicas. Este GT busca estimular uma pesquisa interdisciplinar sobre a relação entre religião, teologia e economia. Reflexões teológicas e das ciências sociais já mostraram as dimensões religiosas e teológicas das lógicas e teorias econômicas contemporâneas, em especial do sistema de mercado capitalista; assim como as dimensões e pressupostos econômicas dos sistemas religiosos. A partir desse pressuposto, este GT pretende discutir questões como: a economia como um lugar teológico ou objeto de reflexão crítica da teologia; aspectos religiosos e teológicos do capitalismo; teologia da libertação e economia; Doutrinas Sociais das Igrejas cristãs e a economia contemporânea; Sagrada Escritura e Economia; globalização econômica, utopias e éticas teológicas.

1. Capitalismo e religião: uma relação com muitas possibilidades e alguns limites

Prof. Dr. Alberto da Silva Moreira - PUC Goiás
alberto-moreira@uol.com.br

Esta comunicação trata de algumas relações possíveis entre religião e capitalismo. Na visão departamentalizada, que não é privilégio do senso comum, religião e capitalismo pertencem a ordens totalmente diversas, que nada têm de substancial em comum. Mas conceitos são construtos teóricos para reduzir a complexidade da realidade; também é assim quando se trata de religião

e capitalismo. A própria realidade econômica e religiosa, vividas cotidianamente nos quadros da cultura global, provocou uma contínua permeabilidade e deslocamento dos conceitos, bem como a falência da visão simplista. Alguns modelos explicativos que estabelecem em maior ou menor intensidade a relação entre religião e capitalismo, mais antigos ou mais recentes, são expostos e comentados. Por fim busca-se, através de uma reflexão sobre a economia do dom, contrafaturar uma tendência oposta, que imagina possível a total assunção do religioso pelo mercado ou vice-versa.

2. Interfaces entre teologia e economia: discussão metodológica

Fábio César Junges EST

A presente comunicação problematiza a economia como um lugar teológico ou objeto de reflexão crítica da teologia. Ao se problematizar essa relação não se está descartando a possibilidade da economia como lugar ou objeto de reflexão teológica. O que se faz é trazer para o debate essa intrincada e complexa articulação, dada, por vezes, como descontada. Na Teologia da Libertação, essa relação foi desenvolvida pelo Departamento Ecumênico de Investigações, sediado na Costa Rica, com a colaboração, dentre tantos outros, de Franz Hinkelammert e Hugo Assmann. No Brasil, o teólogo Clodovis Boff tem se destacado nesse debate. A questão metodológica da teologia é preocupação de C. Boff em toda sua trajetória teológica. Na medida em que a teologia trabalha com realidades seculares, dentre elas a economia, C. Boff entende que a teologia precisa fazer uso de mediações. Trata-se da exigência teológica de relação entre teologia e economia, expressa na constitutiva dimensão sociolibertadora da teologia e a tarefa teológica da crítica da idolatria. Como se vê, teologia e economia constituem dois jogos de linguagem distintos. A sua interlocução exige cuidado e cautela, a fim de que a identidade das duas disciplinas seja garantida, ao mesmo tempo em que se procura sua articulação positiva e construtiva. Esta breve reflexão releva dois níveis na discussão da economia: o primeiro, da discussão teológica da economia; o segundo, do campo técnico-operacional da economia. Este último pertence propriamente ao campo específico das ciências econômicas, enquanto propostas operacionais sobre a inflação, emprego, distribuição de renda. Cabe ao fazer teológico o primeiro nível, como crítica da idolatria que ocorre na economia, pertencente ao próprio coração da tradição bíblica, expressando-se no seguinte esquema: da análise da economia, desvelar os seus fundamentos teológicos e econômicos; da reflexão teológico-bíblica, dialogar com as ciências econômicas,

sociais, políticas e antropológicas a fim de visualizar perspectivas. Enfim, para uma reflexão teológica socialmente relevante hoje, é fundamental o estudo das interfaces entre teologia e economia.

3. Problemas no uso da metáfora do êxodo na crítica ao capitalismo na teologia da libertação

Jung Mo Sung - UMESP
jung.sung@metodista.br

Toda reflexão teórica sintetizadora necessita fazer o uso de metáforas e a escolha das metáforas acaba por direcionar e influenciar no processo da construção da argumentação teórica. A Teologia da Libertação fez da metáfora do Êxodo, a libertação da terra da escravidão para uma terra da liberdade, uma das principais na crítica ao capitalismo dependente latinoamericano e também ao capitalismo globalizado. Esta comunicação quer mostrar como esta metáfora conduziu as reflexões para uma crítica metafísica do mercado capitalista a tal ponto que dificulta em muito a elaboração de diretrizes para uma sociedade alternativa. Isto porque não é possível pensar algum sistema econômico alternativo hoje sem nenhum elemento ou dinâmicas presentes no capitalismo atual.

4. Nietzsche e a destruição redentora da globalização: crítica ao pensamento antiutópico em Franz Hinkelammert

Flavio Scarrone - UMESP

Nesse estudo, procuraremos aprofundar e criticar o pensamento antiutópico de matriz nietzschiana, enquanto pensamento impulsionador do novo totalitarismo do mercado total. Em diálogo com o pensamento de Franz Hinkelammert, mostraremos as implicações mítico-religiosas da estratégia da globalização capitalista, pretensamente redentora da humanidade. O princípio da igualdade, herança do cristianismo, tornou-se o motor dos movimentos sociais de emancipação; no entanto, esse princípio foi considerado por Nietzsche a hipócrita vingança dos fracos e dos sacerdotes e abertamente tratado como causa da agonia da humanidade. Segundo Hinkelammert, o pensamento antiutópico de Nietzsche estaria na raiz do pensamento que, perpassando o século XX, vai desenhando linhas e formulando orientações duma antiemancipação. Acabar com o humanismo emancipatório e com suas utopias significa, nessa linha de pensamento, favorecer o florescimento do humano por intermédio da “besta loura”, do super-homem. A estratégia da

globalização se encarrega de levar pelo mundo o “humano” que floresce da luta contra o humanismo utópico. Depois do fracasso das utopias do Estado absoluto fascista e socialista, a utopia antiutópica de uma sociedade perfeita se realizaria pelo totalitarismo do mercado total. Para Hinkelammert, o novo mito do poder é ativado na lógica sacrificial: precisa abolir os direitos humanos para salvar vidas. Dessa forma, não apenas a violação dos direitos humanos se transforma em imperativo categórico da razão prática, como, também, o amor ao próximo se transforma em razão da destruição do próximo.

5. A visão econômica e social de Calvino

Hermisten Maia Pereira da Costa – UP Mackenzie

João Calvino é um dos personagens mais curiosos da história no que se refere à sua influência. Ele é relativamente pouco conhecido, no entanto, as suas ideias modelaram diversos aspectos da cultura ocidental. A partir de documentos preferencialmente primários, analiso os princípios que nortearam a ética de Calvino quanto ao trabalho e a sua visão social.

6. A teologia da economia no pensamento do filósofo católico Michael Novak

Luis Cavalcante de Souza Filho – UP Mackenzie

Existem pesquisas apontando para cosmovisões religiosas e teológicas do pensamento e da prática econômica, e o inverso também é perceptível, ideologias econômicas com suas variáveis pragmáticas influenciando os aspectos religiosos e teológicos. A análise da elaboração de uma teologia da economia com os pressupostos do filósofo católico Michael Novak, principalmente, a partir de sua obra principal *O Espírito do Capitalismo Democrático*, fornece elementos analíticos dentro de uma consciência epistêmica e de uma multiparadigmaticidade que pode nos ajudar em entender melhor ou aumentar a complexidade da relação da teologia e economia e da economia com a teologia. A economia tem se tornado uma “ciência superior”, no sentido de impor para as análises sociais, religiosas e políticas a supremacia do raciocínio econômico; transformando a economia em economicismo, ou seja, a coisificação e reducionismo da vida; o todo e a realidade são reduzidos ao aspecto econômico. A própria epistemologia econômica pode se beneficiar das críticas teológicas e das ciências da religião no aprofundamento da sua teoria econômica. Novak desenvolve uma Teologia Econômica que apontam para estruturas morais subjacentes para pôr em funcionamento as práticas da democracia

e do capitalismo. Para Novak, o capitalismo democrático não seria apenas um sistema econômico, mas um sistema de vida e que têm o seu próprio ethos: evolução do pluralismo; respeito pela contingência e consequências involuntárias; o sentimento do pecado; uma nova e diversa concepção de comunidade, do indivíduo e da família. Compreender as estruturas morais subjacentes da teologia econômica católica de Novak é o desafio desta comunicação.

7. Promoção humana: numa perspectiva cristã

Ami Ribeiro de Amorim - PUC Minas

O mundo antes da revolução industrial era bem diferente. Em relação aos níveis de renda, havia pouco a distinguir entre as diversas civilizações no auge de seu poder. No século XVIII, a renda per capita da Europa não chegava a ser 30% mais alta do que a China, Índia e África do naquele tempo. Em 1870, essa renda per capita era 11 vezes mais alta do que nos países mais pobres do mundo. Um século mais tarde, por volta de 1995, essa discrepância chegou a 50 vezes. A desigualdade entre as nações é de origem recente, fruto da derrubada do trabalho, do surgimento do individualismo e da alienação econômica, social e política dos povos dos países em desenvolvimento. Nesse cenário complicado, começaram surgir pessoas e grupos cristãos que demonstravam por ações diretas que não se conformavam com a situação vigente. Estes optaram por um trabalho de cunho educativo que estimulasse os grupos nas comunidades a se transformarem em sujeitos e agentes no processo de construção de uma sociedade mais justa e fraterna. Todo esse trabalho foi sistematizado por Frances O'Gorman e a equipe Nuclar, gerando as formas de promoção humana numa perspectiva cristã. Todo esse trabalho sistematizado será objeto desta comunicação a qual destacará as quatro tendências: assistência, ensino, participação e transformação. Sendo que cada tendência será abordada no tocante à realidade vivenciada, às atuações que visam atender às necessidades percebidas, à discussão de princípios que fundamentam as práticas e finalmente, às potencialidades e limitações de cada tendência.

8. Salvação e economia no pensamento de Meishu-Sama

Andrea G. S. Tomita e Heloisa H. G. Terror - Faculdade Messiânica-SP

A noção de “arte da vida”, “arte da agricultura” e “arte do belo” – princípios das três colunas de salvação da religião messiânica é consolidada ao longo da própria trajetória de vida do fundador Meishu-Sama (1882-1955)

que propõe a concretização do paraíso neste mundo. Estudos sociológicos sobre o milenarismo da religião messiânica no Brasil feitos por Clarke (2000) apontam para a necessidade de aprofundamento sobre a relação da religião messiânica e economia. Esta comunicação pretende apresentar aspectos da teologia messiânica que contribuem para a criação de uma nova consciência espiritual, artística, ambiental e econômica com base na lei evolutiva da natureza. Desfrutar de uma vida alegre e confortável, em ambientes que expressem harmonia de formas e de sentimentos, em condições de verdadeira saúde física e espiritual corresponde ao estado de genuína felicidade e deve ser o objetivo do ser humano paradisíaco, segundo Meishu-Sama. Seu conceito de Verdade Bem e Belo fundamentado numa perspectiva salvífica se contrapõe à visão capitalista da exploração do belo como mercadoria.

9. Religião, ong e mudança social

Ana Maria Cassu Queiroz – UP Mackenzie

A proposta desta pesquisa é observar as implicações sociopolíticas na realidade brasileira da inter-relação entre os fenômenos sociais, o protestantismo de perspectiva ideológica da Missão Integral e a Organização Não Governamental (ONG) Tearfund. Para tanto, objetiva submeter a considerações o pressuposto ideológico de Missão Integral que orienta o pensar e agir da ONG Tearfund. Também visa estudar o surgimento dos movimentos (protestantismo da Missão Integral e ONGs) bem como a influência que sofreram do contexto sociopolítico das décadas de 1960/70/80, comum a ambos, a fim de conhecer os resultados efetivos em termos de transformação social no cenário brasileiro.

10. O cuidado integral do ser humano diante das perspectivas capitalistas que o trabalho eclesiástico está inserido

Adriana Thomé - UMESP

A comunicação aborda o cuidado integral dos trabalhadores sob a perspectiva da Teoria das Necessidades Humanas. Este assunto vem ao longo dos anos ganhando diferentes enfoques no campo teórico e empírico das pesquisas. Abraham Maslow um dos primeiros precursores, criou a teoria das Necessidades Humanas, a qual trata do homem na esfera física e emocional e, posteriormente, na espiritual, com a inclusão da área transcendental em sua publicação científica. Reflexão interdisciplinar, com base em conhecimen-

tos do campo teológico, buscando subsídios em outras ciências, tais como a Psicologia - Teoria das Necessidade Humanas, a Administração – Organização Científica do Trabalho, a Sociologia da Religião – Sociedade e Igreja e a Filosofia – Ética. Dessa forma, serão abordadas as perspectivas do trabalho humano, e as concepções sobre o cuidado para que respondamos a pergunta: Como a liderança eclesial tem cuidado de seus trabalhadores em meio a uma sociedade utilitária e imediatista, fruto do sistema capitalista?

11. As afinidades eletivas entre a doutrina social da igreja católica (dsi) e o liberalismo: o caso da economia social de mercado

Camilo Antônio Santa Bárbara Júnior - UFS /Sergipe

O presente artigo pretende apontar as afinidades existentes entre o liberalismo e a Doutrina social da Igreja Católica (DSI) apresentando como se formou em 1930, na Alemanha, o que se convencionou chamar Ordoliberalismo e/ou Economia social de mercado. Para este fim utilizar-se-á os princípios permanentes da DSI como elementos que permitirão a comparação com os elementos consensuais que estruturam o credo Ordoliberal e a Economia social de mercado. Nesse sentido, pode-se perceber como determinado credo religioso, no caso o catolicismo europeu, pode favorecer valores importantes do ponto de vista das práticas econômicas e também como essas práticas econômicas podem ser reabsorvidas pelo magistério da Igreja Católica, sobretudo, no que tange à Doutrina social da Igreja Católica. A recepção do Ordoliberalismo pelo magistério da Igreja Católica é identificada, sobretudo, na Carta encíclica *Centesimus annus* (1991), escrita por João Paulo II, na qual se apresenta uma concepção de “capitalismo” que pode ser compatível com princípios ético-sociais defendidos pela Igreja Católica. A hipótese aqui defendida é a de que há uma convergência dentro da DSI que aponta para uma aproximação desta com algumas formas de liberalismo e que, ao mesmo tempo, a distancia, do ponto de vista teórico, das mais diversas formas de socialismo. Essa discussão é importante na medida em que esclarece qual a posição oficial da Igreja Católica em relação ao liberalismo e ao socialismo clássicos e quais mudanças foram ocasionadas pela emergência do pontificado de João Paulo II e Bento XVI.

12. A força do amor e os desafios da justiça na caritas in veritate

Edson Donizete Toneti - PUC-RJ

Qualquer resposta vigorosa do catolicismo às questões sociais dependerá de sua apropriação ativa das raízes religiosas e espirituais do compromisso cristão com a justiça. O Papa Bento XVI, na Encíclica *Caritas in Veritate*, reafirma o quanto a doutrina social está arraigada no Evangelho, sublinhando a caridade cristã como a força dinamizadora do engajamento social cristão. Esta comunicação tem por objetivo realçar três aspectos da abordagem pontifícia. Primeiro, tratará do modo como a encíclica compreende a caridade primordialmente como dom e gratuidade. O mandamento de Jesus de amar ao próximo como a si mesmo convoca o cristão a refletir sobre como o amor exige igual respeito para com o próximo, especialmente os pobres. Compreendido dessa forma, o amor cristão reclama justiça para o próximo, não somente tratá-lo com a graça expressa em dom. Além disso, como uma forma de comunhão entre as pessoas o amor cristão é baseado no relacionamento mútuo em comunidade. Este amor mútuo requer igualdade entre os que estão em relação se ela há de ser autenticamente recíproca. Portanto, compreender o amor cristão de forma relacional requer, necessariamente, justiça. Emerge aí uma estreita ligação entre as exigências do amor e as da justiça, cujas passagens centrais da encíclica sugerem ao compreender o amor como um dom dado gratuitamente. Em segundo lugar, pretende, de maneira suplementar, reforçar a interpretação de caridade presente na encíclica, enfatizando a importância do amor como igual respeito e relacionamento mútuo, na abordagem prática desta no trato da pobreza na economia globalizada. Em terceiro lugar, serão tecidas considerações sobre o discurso eclesial sobre o amor cristão, que pode soar paradoxal em seus aspectos fundamentais em relação às questões de justiça política e econômica, minando a contribuição social deste que a encíclica visa promover.

13. Economia de comunhão – é possível uma terceira via?

José Rodorval Ramalho- Universidade Federal de Sergipe

Desde a encíclica *Rerum Novarum*, o discurso oficial da Igreja Católica sobre a esfera econômica tem se pautado por uma crítica tanto da absolutização dos mecanismos de mercado quanto das experiências de economias planificadas. Para além dos documentos oficiais, também encontramos várias discussões e iniciativas de importantes setores católicos no sentido de buscar

um ponto de equilíbrio ou mesmo uma terceira via entre o Estado e o Mercado. Uma dessas experiências tem sido conduzida pelos Focolares (movimento católico originado na Itália – nos anos 40 – sob a liderança de Chiara Lubich) sob a denominação de Economia de Comunhão (EdC). Considerando que o Brasil é o país com o maior número de empresas de EdC, depois da Itália; considerando que as formulações teóricas da EdC acerca do capitalismo repetem certos equívocos já antigos no universo católico; nos propomos, aqui, a analisar algumas dessas formulações (lucro tripartido, cultura de partilha, pólos produtivos), comparando-as àquelas construídas no âmbito da Doutrina Social da Igreja. Desenvolveremos esse percurso analítico a partir de alguns conceitos dos economistas da chamada Escola Austríaca.

14. Sair do abismo: a sedução das utopias

Prof. Dr. Élio Estanislau Gasda- FAJE

A quebra do sistema financeiro em 2008 representa apenas a ponta do iceberg de uma profunda crise estrutural que tem nas finanças seu calcanhar de Aquiles. Assistimos ao alastramento de um processo de destruição inédito na história. O capitalismo não tem limites para sua expansão. Quando tudo é controlado pelo capital, suas crises geram conseqüências devastadoras para a vida no planeta. O capitalismo cometeu um pecado mortal para a ética: opor justiça, responsabilidade e eficiência. Com o aprofundamento do abismo entre a produção voltada para as necessidades humanas, e a direcionada para a acumulação do capital, há uma intensificação do caráter violento do sistema: precarização do trabalho, barbárie social, devastação ambiental. Logo, é preciso ir além das aparências e desmascarar seus fundamentos. O capitalismo banalizou a utopia e sacralizou o acúmulo. A dimensão utópica das religiões ocupa um papel imprescindível na recuperação da capacidade de seduzir a mentalidade contemporânea para encontrar a saída do abismo.

GT 4: Textos Sagrados

Proponentes:

Prof. Dr. Lindomar Rocha Mota –PUC- Minas
lrocha@pucmins.br

Prof. Dr. Haroldo Reiner PUC-Goiás , EST e UNICAP

Prof. Dr. Geraldo Dondici – PUC-RJ

Prof. Dr. Pedro Lima Vasconcellos
plvasconcellos@pucsp.br

Prof. Dr. Cláudio de Omiveira Ribeiro UMESP
cláudio.ribeiro@metodista.br

Prof. Dr. Ênio José da Costa Brito PUC-SP
brbrito@pucsp.br

Prof. Dr. Etienne Alfred Higuete UMESP
etiennehiguete@metodista.br

Prof. Dr. Rui de Souza Josgrilberg UMESP
rui.josgrilberg@metodista.br

1. A virada hermenêutica da teologia: os impactos da hermenêutica moderna e contemporânea na teologia cristã

Carlos Alberto Motta Cunha – Mestrando Teologia FAJE
carloscpn@terra.com.br

O objetivo deste texto consiste em fazer breve síntese da trajetória da hermenêutica moderna e analisar sua relação com a teologia cristã. Desde Friedrich Schleiermacher ao Paul Ricoeur, a hermenêutica e a teologia vem se atualizando e se redefinindo, não como ciências autônomas, de regras “infalíveis”, que habilitam o hermeneuta a manusear o texto bíblico como melhor lhe convém. Ao contrário, mostram-se como disciplinas dinâmicas, em que o

leitor-intérprete se deixa conduzir pelo texto. Interpretar é teologar! É trafegar por via de mão dupla, em que leitor e texto trocam experiências num processo constante de leituras recíprocas.

Hermenêutica e teologia não são vistas como universais, perenes, igualmente válidas em todos os lugares e todos os tempos, mas como disciplinas que se fundem, com o propósito de propiciar, ao leitor-intérprete, a habilidade de ler e interpretar o seu tempo em conexão com a hermenêutica dos textos bíblicos.

2. Entre o autor e o intérprete

Prof. Dr. Haroldo Reimer (PUC Goiás; UEG; CNPq)

haroldo.reimer@gmail.com

A comunicação visa discutir as possibilidades de outorga e extração de sentido no processo de interpretação de textos e de textos sagrados em particular. Retoma elementos da discussão da *intentio auctoris* em Schleiermacher e Dilthey e perspectivas da *intentio lectoris*, com cotejo crítico de elementos da *intentio operis* de U. Eco. Reconhece-se a relativa autonomia do texto em relação ao autor a partir do momento de sua fixação por escrito ou da perda de sua referencialidade performática. Contudo, busca-se manter a noção de projeção de sentido por meio da noção de estilo da obra ou da intencionalidade comunicativa inerente à maioria dos textos. Interpretação é sempre um jogo entre a busca e outorga de sentido entre autor e intérprete, que revela muitos meandros e possibilidades.

3. Título da Comunicação: Kenosis e secularização no pensamento de Gianni Vattimo

Marcos Paulo Nogueira da Silva - PUC Minas

mpfilosofia@hotmail.com

A teologia da *kenosis* ou o relato *kenótico*, baseado no texto bíblico de Filipenses 2,5-11, é um dos ensinamentos mais importantes do cristianismo. Sua presença e influência são tão significativas que ele não está presente somente na estrutura religiosa ocidental, mas se faz notar também no âmbito filosófico. Vattimo é exemplo de um proeminente filósofo que se apropriou da noção de *kenosis* para dar legitimidade à sua conhecida “ontologia fraca”. Para ele, a *kenosis* é o rebaixamento de Deus ao nível do homem e isso significa que o Deus do Novo Testamento tem no enfraquecimento o seu traço consti-

tutivo. Essa perspectiva já estaria presente no pensamento heideggeriano que Vattimo denomina de filosofia de inspiração kenótica: a encarnação de Deus aparece primeiro no texto paulino que trata da kenosis e depois transfigura-se no pensamento pós-metafísico de Heidegger que trata do ser como evento. Por conta de seu fundo religioso, por vezes Vattimo prefere usar a expressão secularização ao invés de ontologia fraca. Isso se explica porque esse último termo não comporta uma noção que lhe é fundamental, a saber, o caráter religioso do processo. Verificar, portanto, como a noção de kenosis pavimenta o caminho que Vattimo percorre para tratar acerca da secularização é o tema dessa pesquisa.

4. O platonismo agostiniano

Leonam Rocha de Almeida - PUC – Minas

leonamra@yahoo.com.br

Quando se fala em santo Agostinho, buscando pensar nas fontes e alcance de seu pensamento, existe consenso entre os estudiosos que “todo o pensamento da antiguidade conflui em sua obra e que dela derivam correntes de pensamento que encharcam toda a tradição doutrinal dos séculos posteriores” (Carta Apostólica Augustinum Hipponensem, 1). Sua grande influência sobre a cultura ocidental, portanto, é garantia de que esta cultura erigiu-se sobre dois dos grandes pilares tradicionais do espírito humano. E se o platonismo foi a principal fonte grega em que ele bebeu, faz-se legítima a colocação de algumas perguntas: existe um platonismo agostiniano? Quais as influências desse platonismo em seu pensamento? O que é mais correto: falar em cristianismo platônico ou em platonismo cristão? Seguindo a direção dessas questões, descobre-se que, ao menos para o santo Doutor, não foi sem sofrer profundas revisões de conteúdo que o neoplatonismo veio a contribuir para a formulação da teologia cristã.

5. Vontade e medida no diálogo de beata Uita de santo Agostinho

Josadaque Martins Silva (UMESP)

josadaquemartins@bol.com.br

Procurar-se-á por meio desta comunicação expor certas direções para um estudo da correlação entre as noções de “vontade” e “medida” no diálogo De beata uita de Santo Agostinho. Conforme Santo Agostinho todos os ho-

mens desejam naturalmente a felicidade, todos querem a felicidade. Contudo, não é feliz quem não tem o que deseja, e nem tampouco é feliz quem tem o que quer. No entanto, Agostinho também aprende de Cícero que ter o que se quer é diferente de ser feliz, pois ter o que se quer significa cair na malícia da vontade que ocasiona males ao homem. Neste aspecto, a posse de bens pode ser compatível com a infelicidade, pois só é feliz quem desfruta do Sumo Bem, da verdadeira sabedoria. Por essa razão, Agostinho procura um bem cuja posse não se perca, um bem imperecível, imutável, permanente e independente. Ora, tal bem só pode existir numa natureza divina, donde a afirmação de que a felicidade estará em Deus. Assim, quem possui e conhece a Deus é feliz. Além disso, Santo Agostinho também entende que a sabedoria torna o ser humano feliz, tendo em vista que é ela que lhe concede a medida da alma, que, por sua vez, é limite que evita os excessos, os vícios. Portanto, na perspectiva agostiniana a sabedoria é a medida da alma e orientadora da vontade, no percurso em busca da felicidade.

6. Os Textos sagrados como fonte de informação

Michelle de Kássia Fonseca Barbosa – UFPB

mickassi@hotmail.com

Um dos eixos temáticos apresentados por Holanda proposto para o currículo do Ensino Religioso apresentado nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso é o do estudo dos Textos e Livros Sagrados: orais e escritos. Os textos produzidos pelos grupos religiosos são estudados como fonte de informação em vários aspectos, incluso o histórico, o cultural, o exe-gético. Este trabalho visa reunir informações específicas sobre a história do livro ou registros escritos sobre o sagrado, e com isso servir com uma fonte de informação, aos docentes em Ensino religioso e aos pesquisadores dos textos sagrados. O objetivo deste trabalho é fazer um resumo bibliográfico sobre informações específicas da biblioteca do sagrado, ou seja, reunir informações sobre os textos religiosos de várias religiões. A metodologia utilizada é a de pesquisa bibliográfica.

7. Carta de Aristéia a Filócrates, a lendária tradução da LXX: um estudo teológico e literário

Antonio Marcos dos Santos - PUC-RJ

antonioseminarista@hotmail.com

A comunicação tem como objetivo apresentar teológica e literariamente o texto que conta a lendária tradução dos 72 anciãos judeus do texto do Primeiro Testamento para a língua grega. O estudo apresentará uma breve análise contextual, teológica e literária do escrito, assim como os elementos relevantes em nível histórico.

GT 5: Ecologia e Religião: Apresentação da Temática

Proponentes:

Prof. Dr. Afonso Murad – FAJE
amurad@marista.edu.br; murad4@hotmail.com

Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin PUC-RS
leomar.brustolin@puhrs.br

Ementa do GT:

O GT visa reunir pesquisadores de Teologia e Ciências de Religião em torno do tema das Interfaces entre a ecologia (compreendida na tríplice dimensão de ciência, paradigma e ética) e a religião no Brasil. Algumas questões norteiam o GT: Como a ecologia tem alterado o discurso e as práticas das religiões e das Igrejas cristãs? Em que medida as teologias cristãs estão integrando elementos da ecologia na sua reflexão? Como a espiritualidade ecológica se compagina com as religiões e suas teologias? Qual a contribuição de teólogos contemporâneos sobre a interface da ecologia com a experiência religiosa e sua tematização?

Em forma de esquema, serão colocadas algumas questões centrais que envolvem a temática. Inicia-se delineando a multiplicidade do conceito de “Ecologia”, enquanto ciência, ética e paradigma e a relação entre estas dimensões. A seguir, as três principais correntes de ética ecológica. A partir daí, delineiam-se as possibilidades de interface com as religiões, a partir das “sete tarefas das religiões em relação à ecologia”, conforme a concepção de Marcial Maçaneiro, em obra recente. Por fim, apresentam-se questões abertas a serem refletidas, algumas das quais serão abordadas por diferentes apresentações no GT.

1. O homem e a natureza no pensamento teológico-pedagógico de João Amós Comenius

Edson Pereira Lopes – UP Mackenzie

edson.lopes@mackenzie.br; enttlopes@gmail.com

Nos últimos anos vem crescendo a discussão em torno das questões ambientais. Prova disto é que o ano de 2010 foi declarado, pela Organização das Nações Unidas (ONU), o ano da Biodiversidade com a finalidade de celebrar e valorizar a vida na terra e explicitar que o homem é parte integrante da natureza e tem a responsabilidade de protegê-la. A partir desta perspectiva, o presente artigo tem como o objetivo refletir a respeito da relação do homem com a natureza numa perspectiva teológico-pedagógica, tendo como referência o pensamento de João Amós Comenius, considerando o pai da Pedagogia Moderna.

2. A fecundidade axiológica do sagrado no ensino religioso

Josineide Silveira de Oliveira – UERN, UNICAP, SEEC/RN

josilveira@unp.br

Maria Augusta de Sousa Torres - UERN, UNICAP, SEEC/RN

A pesquisa trata das lições de Ética que podem ser absorvidas pelos alunos e professores do Ensino Fundamental por meio da observação do sagrado ecológico. Desenvolver-se através de dois movimentos. Um tem como referência o ecossistema da Lagoa Piató Açú-RN e o outro ocupa-se da obra literária *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto, no qual a natureza é venerada pelo poeta como lugar de tensão e esperança. O Ensino Religioso é a área de conhecimento tutelar pela qual experimentar-se a conjugação natureza e cultura através de um saber pedagógico que comporta aulas-passeio e palestras com pessoas da comunidade, que compreendem a lógica do sensível exposta nos ciclos hierofânicos de manifestação do sagrado. Recrutar o sagrado imanente na natureza, seja pela via da observação direta nos arredores da Lagoa Piató, ou por entre as linhas da poesia de João Cabral, supõe advogar em favor de uma educação que sabe dialogar com a multiplicidade dos saberes, sabe exercitar uma escuta sensível e investir numa racionalidade aberta.

3. A alteridade recalcitrante das coisas, plantas e animais: considerações filosóficas sobre a hermenêutica agápica de William Desmond

Prof. Dr. José Carlos Aguiar de Souza PUC-Minas
jc-aguiar@ig.com.br

A racionalidade instrumental e as teorias contemporâneas como o construcionismo (Rorty) interpretam plantas e animais a partir de matrizes subjetivistas de controle e domínio, enquanto que o objeto permanece mudo. Nossa comunicação visa discutir, a partir da hermenêutica benevolente oferecida pela metaxologia de William Desmond, uma articulação de sentido e valor para além da humanidade. A intermediação metaxológica propõe que o ser humano seja capaz de uma generosidade hermenêutica não-instrumental. O subjetivismo e o objetivismo (empirismo) exclusivos não conseguem fazer jus à alteridade recalcitrante das coisas. A questão das formas de vida não-humanas precisa ser articulada a partir de uma intermediação para além da humanidade, por assim dizer. A concepção de uma estrutura de determinação não-humana permite a formulação de um princípio hermenêutico de resistência que ultrapasse nosso controle subjetivo das coisas.

4. Ecologia e religião: para re-ligar o ser humano ao mundo

Oscar Roberto Chemello - PUC-RS
chemellobeto@yahoo.com.br

A situação atual do planeta requer uma constante reflexão sobre os caminhos que o pensamento técnico-científico provocou na forma de vida e nas relações entre ser humano e ambiente. As modificações climáticas, a extinção de espécies, a destruição da natureza gera visivelmente o questionamento sobre a crise ecológica. Assim, a ecologia passou a ser tema central nos debates e de um questionamento sobre o antropocentrismo moderno. Vive-se um tempo de ecocentrismo e uma rejeição do antropocentrismo, apresentado como uma das causas da crise ecológica. A religião pode refazer a posição antropológica do ser humano no mundo. Os relatos bíblicos revelam a criação especial do ser humano por Deus. O ser humano é apresentado como o ápice da criação, aquele que dá nome, significado, que cultiva e cuida da criação de Deus. Frente a isso, seria correto o ecocentrismo? Deve-se rejeitar o antropocentrismo? A proposta teológica quer re-ligar o ser humano ao mundo. A religião deve ajudar o ser humano a voltar a sentir-se parte do mundo criado; a criatura que faz parte desse mundo, que administra e cultiva, mas que cuida do mundo

porque assim cuida de si mesmo. No Gênesis, o ser humano é Adão (Adam), aquele que vem do solo, da Terra (Adamah). A religião pode reler e refazer a posição antropológica no mundo e não absorver o humano no ecológico. A tarefa é sanar a relação do ser humano com o mundo; ligá-lo a natureza como parentesco e não na agressividade atual. Redescobrir a vocação humana, buscar uma espiritualidade ecológica são caminhos viáveis para as tendências de cuidado com a vida. Não basta apenas resolver a crise ecológica, sem pensar o antropológico. Cuidar do ser humano significa cuidar de toda a criação.

5. Crise Ecológica e Cristianismo

Elias Gomes da Silva - Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)
filosofia.elias@hotmail.com

Esta comunicação tem como principal finalidade descrever e analisar o entrelaçamento relacional entre o cristianismo e a crise ecológica. A rigor, a suposta acusação de alguns ambientalistas sobre a questão da religiosidade e do meio ambiente, sobretudo a partir dos aportes teóricos formulados no século XX pelo historiador norte americano Lynn Townsend White Branco Jr. (1907-1987). O objetivo é demonstrar quais foram as principais críticas estabelecidas sobre a religião (cristã) em relação aos chamados problemas de ordem ambientais. Segundo esse autor, as matrizes de todos os nossos problemas ambientais e ecológicos estão fundamentadas na concepção antropológica judaico-cristã. A afirmação da narrativa bíblica de que o homem é a imagem e semelhança de Deus (Gênesis 1, 26) e que, portanto é “hierarquicamente” superior aos demais seres vivos, possibilitou a formatação de uma mentalidade, onde em última instância o que predomina é noção dualista entre o homem e a natureza. Toda a nossa atitude ecológica sempre vai estar associada às nossas crenças. Nesses termos, o conceito de ecologia humana ficou profundamente condicionado pelas crenças sobre nossa natureza e destino, quer dizer, pela religião. Porém, Branco Jr. é bem claro ao afirmar que não se trata necessariamente de qualquer tipo de religião, pois suas críticas estão sempre voltadas veementemente ao cristianismo, seja esse católico ou protestante. O principal argumento foi tentar estabelecer a diferenciação entre o cristianismo e as demais religiões pagãs. Os elementos contidos no interior do paganismo, principalmente no que diz respeito à relação homem-natureza, deveriam ser encarados como valores extremamente superiores aos valores propostos pelo ocidente cristão. Na antiguidade, cada árvore, cada nascente, cada córrego, cada montanha tinha seu próprio espírito protetor. Sempre que alguém cortasse uma árvore, ou cavasse uma mina, ou fosse represar um córrego era

necessário obrigatoriamente apaziguar em especial esse espírito protetor. Todavia, com o advento das colônias de extração (America Latina) e de migração (America do norte) essa relação homem- natureza foi eliminada desencadeando diversas crises sendo a ecológica a principal. Em suma, é necessário reconhecer a positividade contida no interior das críticas dos ambientalistas. Através desta, ocorreu o efeito desencadeador na promoção de mudanças de paradigmas “concretos” de caráter teológico e social. É nitidamente perceptível nos registros e anais da historiografia eclesiástica o aparecimento de diversas manifestações religiosas cujas principais características são o fortalecimento de uma espécie de postura ascética e escatologizante. Em suma, trata-se daquele tipo de religiosidade onde a verdadeira devoção é minimizada pela intolerância e fanatismo. Neste contexto, a experiência salvífica é diminuta, visto que simplesmente se restringe as expressões litúrgicas e a esperança “irresponsável” de morar no céu, esquecendo-se sobretudo, da terra. É necessário combater o fanatismo religioso, visto que o mesmo formata e configura um ser humano triplamente alienado; de si mesmo, da sociedade e da natureza como um todo. Assim, as críticas formuladas pelos ambientalistas serviram para provocar mudanças.

6. A doutrina judaico-cristã da Criação face à hodierna crise ecológica: aproximação histórico-teológica desde a crítica de Lynn White Jr.

Moisés Nonato Quintela Ponte. Mestrando Teologia / (FAJE)
moises@jesuits.net

O presente trabalho tem duplo objetivo: ir à raiz histórica da crítica ecológica à teoria judaico-cristã da Criação para, em seguida, analisar algumas das respostas dadas pela teologia cristã, em vista de uma nova hermenêutica da Criação consoante com os desafios ecológicos hodiernos. A estrutura do texto em duas partes busca responder a seu duplo escopo, de modo que, primeiramente, analisar-se-á, a partir de uma aproximação histórica, a origem da crítica à doutrina da Criação, a partir do artigo do medievalista Lynn White Jr., intitulado, “As raízes históricas de nossa crise ecológica”. Fruto de uma conferência ministrada em dezembro de 1966, o artigo de White Jr. ganhou grande repercussão, popularizando-se sua tese de que a doutrina judaico-cristã da Criação se encontrava na raiz da crise ecológica eclodida no século passado pelo fato de ter promovido uma visão do ser humano como dominador da natureza, dando origem à sua exploração tecno-científica. Na segunda parte deste estudo, apresentar-se-á a reviravolta causada pela crítica de Lynn White

Jr. na teologia cristã, que se viu obrigada a revisitar a doutrina da Criação, relendo o mandado divino de “domínio” sobre a criação dado ao ser humano em Gn 1,26. Após se constatar o esforço de teólogos norte-americanos em elaborar uma teologia do ser humano como *stewardship* da natureza, interpretar-se-á a doutrina da Criação à luz da hermenêutica de Paul Ricoeur e Franz Rosenzweig, que compreendem a criação divina como separação, possibilitando a relação e se tornando para o ser humano, enquanto revelação, exigência de redenção.

7. “Conhecimento de deus, comportamento ético e ecologia na religião do antigo israel: uma abordagem a partir do profeta Oséias”

João Luiz Correia Júnior – UNICAP
joaoluizcorreia@uol.com.br; jota@unicap.br

Há alguma relação entre “conhecimento de Deus” e respeito pelo outro nas relações sociais (comportamento ético), que têm consequências ecológicas em escala planetária? Para Oséias, um dos profetas da Religião do Antigo Israel, parece que sim. Pelo menos é o que se pode observar a partir da leitura atenta do seu texto e, de modo especial, de um de seus oráculos (Os 4,1-3). Para Oséias, “conhecimento de elohim (Deus)” supõe proximidade e familiaridade com a vontade divina, fonte inspiradora para a vida comunitária em Israel. O “conhecimento de Deus” ocupa o lugar que outras expressões religiosas atribuem ao respeito ou temor de Deus (que falta em Oséias): “Porque é amor que eu quero e não sacrifício, conhecimento de Deus mais do que holocaustos” (Os 6,6). Cultivar o conhecimento, o afeto e a fidelidade a Deus equivale a manter-se em ligação com a Vida, cuidar do precioso dom da vida em todos os níveis, desde a relação interpessoal até a relação sócio-ambiental e ecossistêmica, em escala planetária. Por outro lado, a ausência do conhecimento de Deus (Os 4,1) significará a destruição de tudo, desde o esfacelamento das relações humanas em sociedade (Os 4,2) até a destruição do ecossistema (Os 4,3). O presente trabalho é fruto da interpretação desses três versículos (Os 4,1-3), do ponto de vista literário e teológico, com o intuito de levantar alguns aspectos para o debate em torno do tema Religião e Ecologia.

8. A dimensão ecológica enquanto parte integrante do processo de santificação na teologia adventista do sétimo dia.

Fábio Augusto Darius - EST

fabiodarius@aol.com / fadarius@ucs.br

É somente quando o Homem percebe seu lugar enquanto parte integrante da Criação e assume uma relação intrínseca de interdependência para com ela é que ele encontra o vínculo original com o Criador. Assim sendo, o convívio harmônico e quase “simbiótico” com a Natureza é uma espécie de pré-requisito básico para que o Homem se liberte de sua condição de dominador e, submisso ao Criador e enxergando a si mesmo como parte integrante da Natureza, encontre sentido para sua vida. Esse propósito quase idílico destoa do status de “protestante” do adventista do sétimo dia segundo a concepção weberiana clássica. Antes, essa mesma intenção reforça o caráter notadamente anabatista dos seus membros. O ideal adventista concernente ao processo de santificação remonta a instauração do próprio Éden em plena contemporaneidade. É interpretando os textos denominacionais dos primeiros tempos da instituição sob esse prisma que as páginas escritas deixam de ser notadamente legalistas e teóricas para se converterem em textos práticos de ajuda aos crentes que desejam se libertar de um mundo dominado pelos mais vis sentimentos para enfim viver sob influência menos nefanda. Contudo, em um mundo altamente desumanizado, como o que ora se configura, é tarefa das mais difíceis conciliar os ditames escriturísticos institucionais com as contingências diárias cada vez mais urgentes e menos relacionadas às coisas divinas. O artigo objetiva, em linhas gerais, discutir possíveis contribuições dessa denominação ao abordar a dimensão ecológica de suas práticas primeiras e contemporâneas.

9. Refletindo sobre o fim: a relação entre teologia e ecologia na obra de Jürgen Moltmann

Leomar Antonio Brustolin - PUCRS

leomar.brustolin@pucrs.br

A fé cristã crê que todo o cosmos está chamado a uma total cristificação e divinização. A atual forma de existência do universo, com sua história, de milhões de anos, assim como teve um início, conhecerá um fim. Confirmam esta posição as teorias científicas sobre a origem e destino do universo. Então, apesar da necessidade de preservar este mundo, não dá para ignorar a descontinuidade entre o progresso humano e o advento do Reino de Deus. A chegada dos novos céus e da nova terra pressupõe a intervenção de um novo

ato criador divino. Sem esta nova intervenção de Deus o mundo não chegará ao seu cumprimento total. Uma das causas que suscita a intervenção divina é a própria idéia de progresso humano que muitas vezes é ambígua. Nem toda forma de ação humana é verdadeiramente uma humanização da história. Diante dessas aporias, questiona-se: como conciliar a preocupação de conservação do ambiente com a noção escatológica do fim dos tempos? Por que a questão do fim se intensifica diante das catástrofes naturais e da escassez de recursos? Qual a mensagem da teologia cristã diante dos anúncios da proximidade do fim? Para responder, o texto vale-se do pensamento de Jürgen Moltmann sobre o futuro da criação

10. Conclusões abertas do GT 5: Ecologia e religião

Afonso Murad e Leomar Brustolin

GT 6: Violência e Religião

Proponentes:

Prof. Dr. Ricardo Bitun

rbitun@mackenzie.br

Prof. Dr. Paulo D. Barrera Rivera

dario.rivera@metodista.br

Ementa do GT:

Este grupo de trabalho tem por objetivo estabelecer um palco acadêmico para a discussão e divulgação de estudos provenientes de pesquisadores comprometidos com o ideário de liberdade religiosa e pluralidade religiosa vigente no país urbano e moderno. Em um cenário religioso competitivo, que se apropriou de mecanismos mercadológicos para a promoção de seus bens de religião, não é incomum a constatação de violência, real ou simbólica, em que se vitima toda a sociedade. As periferias urbanas, regra geral, consideradas, não apenas pelo senso comum, como regiões violentas, apresentam ao mesmo tempo grande diversidade de grupos religiosos. A intensidade da violência religiosa, onde os fiéis são ao mesmo tempo promoventes e destinatários de tais práticas que se disseminam tanto na grande mídia, como nos pequenos nichos sociais, acontece com maior intensidade no contexto urbano, moder-

no e democrático. A partir de constatação da existência de práticas religiosas violentas, este grupo de trabalho tenta discutir como essas práticas acontecem e como são encaradas em regiões da cidade social, econômica e culturalmente diferenciadas. O grupo acolhe pesquisadores dos campos das Ciências da Religião, Ciências sociais, teologia e áreas correlatas.

1. Metáforas da violência simbólica no contexto religioso

Williani de Almeida Carvalho

Este trabalho tem como objetivo analisar o uso das metáforas nas interpretações bíblicas que legitimam o uso de figuras que defendem um poder unilateral e androcêntrico (centrado no masculino) e que norteiam a assimetria de gênero e, conseqüentemente, a violência simbólica em relação às mulheres que fazem parte das igrejas que compõem o cenário religioso nacional. Nesse bojo, encontra-se o contexto judaico-cristão, objeto de análise do presente trabalho.

2. Religião, etnicidade e legitimação da violência.

Irene Dias de Oliveira

Pretende-se refletir sobre a relação entre etnicidade, religião e a legitimação da violência. Entende-se que a religião é uma referência de identidade em geral. Ela governa a ordem do indivíduo e mantém um conjunto de práticas e deveres que dão significado e “nomia” à existência das pessoas. Como as crenças e as práticas religiosas de um determinado grupo étnico poderiam construir e legitimar práticas violentas?

3. Violência simbólica e segregação religiosa: relações “não aparentes” no campo religioso de Rio Grande da serra, município do grande ABC.

Claudio Noronha

Nossa proposta de trabalho procura debater elementos que envolvem o crescimento das igrejas evangélicas no município de Rio Grande da Serra, periferia urbana do Grande ABC paulista. Em pesquisa realizada na região, observamos que decorrente da situação socioeconômica frágil, segregação e vulnerabilidade social, vivida por parcela da população, as redes sociais formadas em torno desse grupo religioso tornam-se importantes para amenizá-los.

Isso ocorre através das contribuições materiais (cestas básicas, emprego, etc.) e pela “força espiritual” advinda da participação nos espaços de culto (palavra, oração, louvor, etc).

Por outro lado, o crescimento expressivo das igrejas evangélicas implica - em uma visão apriori - em certa “violência simbólica”, considerando que são, em geral, dotadas de enorme exclusivismo cristão (evangélico) refutando como caminhos “legítimos” de salvação, qualquer outra religião. A despeito de muitos fiéis, ou mesmo lideranças nesse campo, participarem de “espaços sociais” que envolvem uma diversidade de instituições religiosas, permeia no discurso evangélico - contra a Igreja Católica, e principalmente, as religiões no campo do espiritismo - a luta, ou guerra espiritual, estimulando um certo clichê religioso do “nós” contra “eles”.

Assim, muitos grupos religiosos, em especial (mas não só) os simpatizantes das religiões afro, embora presentes no município, exercem suas práticas de forma bastante discreta, praticamente escondida, evitando sofrer as diversas formas de preconceitos que costumam sofrer principalmente dos grupos evangélicos. Por tudo isso, entendemos que embora as redes religiosas evangélicas tenham inequivocamente importância para seus fiéis e simpatizantes, significam uma força social “limitadora” para outras expressões religiosas, o que ocorre de forma “não aparente”, mas com significativa intensidade.

4. Educação e religião atrás das grades alternativas de combate a violência e a criminalidade

Anáize Anália de Oliveira

Silvana Chaves da Silva

Vivemos numa sociedade excludente e punitiva, que condena e marginaliza todos que vivem às suas margens. A escassez de políticas públicas para as classes minoritárias tem causado um aumento considerável no número de delitos praticados por mulheres em nosso país. Sem educação e sem perspectiva de melhoras, muitas dessas mulheres vão parar atrás das grades e às vezes só lá lhes são oferecidas as oportunidades que se lhes negaram nas suas vidas de libertas. Passíveis de uma dupla “condenação”, ser mulher e presidiária, algumas delas tem encontrado dentro das prisões a chance de superar os desafios impostos pelo cárcere com dignidade e vêem que ainda é possível voltar ao convívio social deixando de lado o mundo da criminalidade. O presente artigo busca analisar a importância da educação e da religião dentro das penitenciárias femininas como uma busca de resgatar valores e incentivar a recuperação das apenadas, dando-lhes a oportunidade de reintegrar-se dig-

namente à sociedade. Buscaremos compreender a influência que a educação e a religião exercem na vida das detidas no Centro de Recuperação Feminina Maria Júlia Maranhão e suas expectativas quanto à utilidade dos mesmos na sua ressocialização.

5. O cristianismo legitima a violência? O caso Dietrich Bonhoeffer

Carlos Caldas

O Cristianismo, desde seus primórdios, tem tido, no que tange à questão da violência, posições ambíguas frente à sociedade. Como exemplos destas ambiguidades podem-se mencionar a oposição aos combates entre gladiadores nos primeiros séculos da era cristã e a teoria da guerra justa de Agostinho, as Cruzadas e a posição pacifista de Francisco de Assis, o apoio e bênçãos dadas em nome de Deus a exércitos, tanto no catolicismo como no protestantismo, e a posição pacifista da Reforma Radical. A partir desta constatação inicial, o presente trabalho visa apresentar especificamente o envolvimento de Dietrich Bonhoeffer (1906-1945) na tentativa frustrada de assassinar Adolf Hitler, durante a Segunda Guerra Mundial. A partir da experiência de Bonhoeffer, tomada como estudo de caso, uma pergunta norteará a apresentação, a saber: a teologia cristã contempla possibilidades ou casos em que a violência é justificada?

6. Igrejas evangélicas e enfrentamento da violência: um estudo de caso

Bruno César Ferreira de Barros Correia

Em 2003 iniciou-se a pesquisa Configurações da religiosidade em Natal. Os percursos desta investigação nos levaram a concentrar nossas atenções num bairro específico da cidade. Trata-se de um bairro com graves problemas sociais, denso em termos populacionais e estigmatizado como violento. Entretanto, com significativo número de igrejas evangélicas. A intenção da pesquisa foi prescrutar o que cada igreja estaria fazendo no tocante transformação do quadro social negativo no qual estão imersas. Para compreender este cenário, lançamos mão de um intenso trabalho de campo (mapeando todas as igrejas do bairro), em seguida delineamos o perfil de cada comunidade religiosa para, de posse desses dados, tecer a análise acerca da face pública, do engajamento social dessas instituições. Esta comunicação é, pois, a partilha dos resultados desta pesquisa, bem como do processo de investigação empreendido.

7. Guerreiros do Senhor: pentecostais na ordem violenta das favelas cariocas

Rodrigo da Silva Coelho

A organização transnacional do crime afetou as regiões metropolitanas e, demasiadamente, os bairros mais populares e as favelas. Ao analisarmos tais efeitos na cidade do Rio de Janeiro, vemos com clareza as marcas desse processo ali presentes. Nessa direção, propomos o recorte “pentecostalismo e violência”. Esta comunicação visa ajudar a compreender como os atores religiosos – em especial, os pentecostais – se comportam na ordem violenta das favelas cariocas. Não se objetiva esgotar este assunto, porém contribuir para o debate em questão.

8. A religião como manifestação dos desejos sociais: reflexões sobre a religião e a ética no islã.

Patricia Simone do Prado

A religião, como produto da sociedade revela em seu escopo não somente uma busca pelo sentido da vida, mas o reflexo da estrutura social a qual se faz presente. Um produto humano, que busca no transcendente subsídio para legitimar sua prática e razão de existir no social. Tal fenômeno se adéqua a sociedade gerando consenso moral, logo, o Sagrado nesse contexto, pode se tornar o senhor e legislador de uma nação o que O leva a uma condição de “aprisionamento” no conceito humano sobre Sua pessoa. Tomando o Islã como análise, verifica-se que a maneira como países islâmicos se organizam e concebem a ação do Sagrado na sociedade se diferencia do ordenamento de outras sociedades não islâmicas. Alláh (Deus), no conceito islâmico, se organiza em uma visão moral diferente de Iavé, o deus judaico-cristão. Deuses participantes de um bloco monoteísta, mas que se distinguem a partir de sua essência e manifestação. Essa visão da deidade se reflete na forma e estrutura do relacionamento social e ético.

O Sagrado como ordenador do Cosmo não parece ser a origem dos problemas entre os homens, mas o conceito que se dá a Ele sim pode gerar violências, violências simbólicas ou reais. Deus não pode se prender a um conceito filosófico-teológico, pois Ele não é conceito, logo como instituir uma convivência ética a partir de pressupostos de um Sagrado criado pelo desejo de uma sociedade? Nesses ordenamentos, que se distinguem de sociedade para sociedade, de cultura para cultura, que tipo de ética poderia nortear as relações humanas sem se prender aos ditames morais da religião?

9. Igreja Mundial e o discurso da verdade: uma análise da mensagem pentecostal adaptada ao contexto da sociedade

Felipe da Silva Paglia

Este artigo tenta apontar o processo de adaptação do discurso pentecostal ao capitalismo da sociedade contemporânea, possuindo como modalidade metodológica a pesquisa de campo, acompanhada pela análise do discurso, considerando ser a melhor maneira para a coleta dos dados e apresentar o teor da mensagem pentecostal. Para isso utilizou-se como objeto de pesquisa a Igreja Mundial do Poder de Deus.

10. Religião e homofobia: uma análise da heteronormatividade compulsória, pelo discurso religioso, reprodutor de violências simbólicas e materiais contra o corpo homossexual.

Jair Bueno de Araújo

Valéria Cristina Vilhena

Este texto pretende lançar um olhar de desconfiança sobre a heteronormatividade compulsória levada a seu limite pela prática da homofobia tendo como um de seus dispositivos de controle o discurso religioso, que se inscreve na subjetividade do indivíduo por normas disciplinares como verdades absolutas que dão sentido aos comportamentos, reproduzindo assim, o religioso desejado, é a religião institucionalizada revestida de poder, dominação e vigilância sobre a sexualidade dos sujeitos religiosos reduzindo-os ao regime binário do lícito e ilícito, permitido e proibido, sadio e doentio, certo ou errado resultante do discurso da própria heterossexualidade que não levam em consideração que os desejos humanos são dinâmicos, mutáveis e inconstantes.

11. Cristianismo e escravidão na perspectiva paulina: reflexões em uma leitura da epístola a filemom

Hugo Anibal Costa de Lima E Moura

Reflexão sobre a questão do regime escravagista em face da mensagem neotestamentária, em Paulo – Carta a Filemom, considerando-se, sobretudo, o surgimento do conceito de uma Nova Humanidade em Cristo, essência do ensino paulino.

12. O rebelde é o outro: uma etnografia da rivalidade-transitiva

José Edilson Teles

Pretende-se roblematizar a construção de duas categorias de diferenciação, usualmente conhecidas entre os pentecostais como “vaso” e “rebelde”. Tenta-se demonstrar que ambas são construídas num contexto de rivalidade a partir da noção de dons espirituais ou do Espírito Santo, repertório pela qual, transitividades são legitimadas. A partir daí, articulamos um diálogo com a noção de rivalidade mimética desenvolvida por René Girard.

13. Sacralização e profanação em Agamben

Marcos Henrique de Oliveira Nicolini

Para Giorgio Agamben a Religião, segundo uma dada tradição Ocidental, ou seja, aquela que de alguma maneira passa por Roma assim, mais tarde, como pelo Cristianismo, não deveria ser pensada a partir do vocábulo latino “Religare”, cuja tradução corrente adotada é “Religar” e seus sinônimos, mas apontaria para o termo “Religere”, grosso modo, separação. Para este filósofo italiano toda separação, mantida tal referência, estaria vinculada à religião e toda religião, neste recorte adotado, fundamentar-se-ia em sacrifícios. Certo conjunto de escritos de Agamben procura descrever a condição imbricada entre o Estado e a Religião no Ocidente, mais ainda, entre dispositivos sociais do biopoder – dialogando com Michel Foucault - que produzem sujeitos e os desassujeitam a partir da violência do sacrifício, cujo sentido primeiro seria o de corte, separação. Os sacrifícios nos permitem, pensando com Agamben, discutir a violência que está na sacralização dos dispositivos do biopoder e nesta produção de sujeitos desassujeitados da relação entre dispositivos e corpos dóceis. Caberia, então, para o autor, o caminho da profanação dos dispositivos e não de sua negação. Nossa comunicação visa, desta maneira, apresentar uma leitura de estratos do trabalho de Agamben e discutir suas implicações no campo da violência e da religião.

14. A violência cristã na história

Jefferson Ramalho

Ementa: Em nossa comunicação pretendemos dialogar com a Nova História, no intuito de problematizar o início das relações entre a religião cristã e o Estado, na primeira metade do século IV de nossa Era. Por meio

de uma releitura da obra de Eusébio de Cesaréia, observaremos o empreendimento desse autor ao construir uma imagem heroica do então imperador romano Constantino, o Grande. Tendo como principal referencial o arqueólogo e historiador francês Paul Veyne, iremos perguntar até que ponto a violência cristã dos nossos dias está relacionada àquele processo de institucionalização da religião cristã e início da aliança entre esta e o Estado.

15. O pastor dos bandidos

Ricardo Bitun e Marcio Malcher

O presente artigo é resultado de um projeto de pesquisa do Grupo de Estudos: Violência e Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, orientado pelo Prof. Dr. Ricardo Bitun que tem como propósito apresentar as nossas primeiras aproximações entre o movimento pentecostal no Brasil e o fenômeno da violência. O objetivo principal da pesquisa foi compreender melhor a maneira como o pentecostalismo cresce e se desenvolve em contextos de extrema violência. A metodologia adotada compreende pesquisa de campo (observação participante e entrevistas) em uma igreja pentecostal, Assembléia de Deus dos Últimos Dias, situada na cidade do Rio de Janeiro, com a finalidade de verificar o surgimento e desenvolvimento do fenômeno religioso, assim como seu relacionamento junto a uma zona de intensa pobreza e violência, onde a ausência do Estado, permitiu a proliferação e comercialização de drogas, e como esta comunidade tem se relacionado com o mesmo.

16. Redes sociais na concorrência por homogeneizar o papel da religião na sociedade

Elena Alves

A ausência de um marco jurídico sobre o Ensino Religioso na Escola Pública produz uma disputa entre diversos atores que concebem uma homogeneidade para a Educação Religiosa na Escola. O início dessa disputa é identificado com mais visibilidade entre 1995 e 1997 com as discussões, publicação e regulamentação da Lei de Diretrizes e Bases para Educação (lei 9394/96), especificamente o artigo 33 que versa sobre o tema. Cada Estado teve a liberdade de regulamentar o artigo e programar, dentro da norma legal, a implementação da disciplina em sua rede de escolas. A disciplina está presente em quase 98.000 escolas entre a rede pública e a rede particular, mas não há consenso sobre o que ensinar, sobre o lugar da disciplina no currículo ou quem deve ensinar. Discutiremos aqui as propostas de dois grupos que

assumem publicamente sua concepção de Ensino Religioso e os componentes que consideram importantes para desenvolvimento da disciplina nas escolas.

17. Percepção da violência entre adventista do sétimo dia moradores em uma favela paulistana

Haller Elinar Stach Schünemann

A violência é um fenômeno complexo na sociedade. Normalmente quando se fala em violência urbana, associa-se a ocorrência de homicídios. Embora, os homicídios sejam apenas uma parte da violência, é aquela que alcança maior destaque na mídia e representa o maior medo das pessoas. Esse tipo de violência ocorre com maior intensidade nas áreas urbanas periféricas, sendo muito associado às favelas. Em nosso estudo junto a uma comunidade adventista localizada em uma favela da periferia de São Paulo constatamos a crença de que pertencer à igreja era um fator de proteção a violência. Nas entrevistas conduzidas pudemos concluir esse tipo de proteção era associado a dois fatores: um o elemento sobrenatural – a crença que Deus protege aqueles que são fiéis a ele. O segundo elemento estava relacionado ao estilo de vida, no qual a não participação em atividades de lazer locais, normalmente associado ao consumo de bebidas alcoólicas e drogas favorecia a diminuição dos riscos. Foi possível constatar ainda a existência de uma percepção dos demais que as pessoas religiosas devem ser respeitadas.

18. Violência e religião: um pastor pentecostal, o tráfico e a comunidade religiosa

Maxwell Pinheiro Fajardo

As regiões de alta vulnerabilidade social das grandes metrópoles normalmente apresentam explosões de violência relacionadas ao tráfico de drogas. Nestas regiões, onde a ação do Estado é menos freqüente, as estruturas criadas pelo poder do narcotráfico estabelecem uma relação de interação com a população local, criando um poder paralelo ao poder do Estado. Nestas mesmas regiões as igrejas pentecostais se apresentam com grande intensidade numérica. Desta forma, os membros de tais igrejas se deparam cotidianamente com a realidade da violência e do tráfico de drogas. Assim, as igrejas pentecostais muitas vezes se tornam um “recurso de contra-poder” ao narcotráfico, chegando inclusive a intermediar e remediar situações criadas pela venda de entorpecentes. É o que acontece na vila Recanto dos Humildes, bairro de Perus, periferia de São Paulo, onde Edson Mendes, o ex-traficante Tocha, hoje pastor

da Igreja Assembléia de Deus, constantemente utiliza o a experiência e os contatos estabelecidos em seus tempos de tráfico para solucionar conflitos travados entre membros de sua denominação e as redes de poder paralelo local. Neste trabalho apresentamos algumas reflexões sobre as relações estabelecidas entre líderes pentecostais na periferia urbana e as situações de violência gerada pelo tráfico a partir de entrevista que realizamos com o Pr. Edson Mendes no mês de janeiro de 2011.

GT 7: Pluralismo, competitividade, alteridade e intolerância religiosa

Proponentes:

Prof. Dr. Drance Elias UNICAP
drance@unicap.br

Prof. Dr. Paulo A. Nogueira Baptista PUC-Minas
pagostin@terra.com.br

Prof. Dra. Aurenea Maria de Oliveira
aurenea@yahoo.com.br

Ementa do GT:

O cenário social atual globalizado, multicultural e plural sob vários aspectos pede tolerância e respeito às diferenças. O campo religioso não é indiferente a esse contexto, tendo em vista que assistimos, contemporaneamente, a um emergir de subculturas religiosas que desafiam a hegemonia de determinadas religiões, colocando, no debate, questões acerca da diversidade, da identidade e da alteridade religiosa. Esse quadro configura o que tem sido denominado de pluralismo religioso e dele angariamos um acirrado processo de disputa entre as religiões que transformaram, outrora, crenças baseadas na fé em empresas de salvação que lutam pela hegemonia no mercado da salvação. O GT quer refletir e discutir sobre o fenômeno do pluralismo, da competitividade entre as religiões, da alteridade e da intolerância. Busca-se

compreender: atitudes de desrespeito à liberdade, de preconceito às filiações religiosas minoritárias; as estratégias utilizadas pelos vários grupos religiosos, no sentido de conquistar adeptos, o problema da distinção entre delimitação de fronteira identitária e problemas de agressividade e violência, em sentido amplo, entre formas religiosas.

1. Os pentecostais chegaram e os presbiterianos reagiram: relação de intolerância em pernambuco na década de vinte

José Roberto de Souza
revjoseroberto@gmail.com

Nosso trabalho busca analisar a reação da Igreja Presbiteriana contra a implantação do movimento pentecostal em Pernambuco na década de 1920. Para tal, buscamos acompanhar o início das atividades das igrejas pentecostais no estado a partir do exame da imprensa pentecostal e presbiteriana e das atas do Presbitério de Pernambuco, órgão que coordenava os trabalhos da Igreja Presbiteriana do Brasil no estado. Estas fontes nos permitem perceber as diferenças entre os grupos que dirigiam estas igrejas; os argumentos e as estratégias implementadas pela Igreja Presbiteriana do Brasil no combate aos pentecostais; e analisar tanto suas características e diferenças doutrinárias quanto a reação dos presbiterianos a um movimento “composto por ‘imigrantes, negros e mulheres’, uma religiosidade de gente marginalizada”.

2. Pluralismo e trânsito religioso: um olhar sobre o cenário das religiões neopentecostais no Brasil

Ronaldo Robson Luiz – UFRN
ronaldo_rrl@hotmail.com

O presente trabalho visa demonstrar como o cenário de competitividade entre as religiões na atualidade tem gerado um comportamento de trânsito religioso. Nesse sentido estamos fazendo um recorte metodológico em relação aos neopentecostais, partindo do pressuposto teórico que esse é o grupo que, de uma forma mais substancial, tem se apropriado de estratégias de mercado para conseguir novos adeptos. Nesse sentido procuraremos demonstrar até que ponto essas estratégias tem sido eficazes para a permanência e geração de vínculo dos fiéis em relação às suas igrejas, ou se ao invés disso, tem se produzido um cenário de baixo compromisso com essas instituições religiosas, promovendo uma condição de constante trânsito religioso.

3. Protestantismo, protestantismos ou protestantismo à brasileira?

Jonatas Silva Menezes – UFSERGIPE

jonatas@ufs.br

Os protestantes históricos, os pentecostais e os neopentecostais, todos participantes do campo religiosos brasileiro, são rotulados sob diversas denominações: históricos tradicionais, pentecostais tradicionais, pentecostais de cura divina, neopentecostais ou pentecostais autônomos; e, no interior desses grupos, outros tantos têm sido criados todos os dias em todos os recantos deste país. Quem são esses religiosos? É possível afirmá-los como participantes de uma nova religião? Seriam eles desviantes dos grupos originais? Fato é que essas separações estabelecem fronteiras quase sempre rígidas, antagonismos e intolerâncias no campo religioso brasileiro. O entendimento neste artigo, mesmo considerando o caráter separador das designações construídas, e considerando ainda o processo histórico de mudanças, é de que esses grupos podem ser interpretados na perspectiva de um grande movimento que mistura, e que este movimento presumivelmente continua e que os mesmos podem ser considerados como integrantes de “um certo protestantismo brasileiro”, tendo em vista que matrizes religiosas, apesar das mudanças, permanecem na qualidade de demarcadoras dessas denominações.

4. As religiões e o desafio do pluralismo religioso: entre o fechamento agressivo e o diálogo e a paz

Paulo Agostinho Nogueira Baptista - PUC - Minas

pagostin@terra.com.br

O objetivo desta Comunicação é apresentar as bases teóricas, sob o ponto de vista da sociologia da religião, sobre como as religiões têm reagido ao desafio do pluralismo religioso. Para Peter Berger, a manutenção das “estruturas de plausibilidade” do “mundo” é fundamental para a realidade subjetiva, para a fé das pessoas. A crise gerada pela modernidade moderna, pela globalização colocou em dúvida o “mundo”, desestabilizou as estruturas de plausibilidade. Diante da crise há várias reações, dentre elas, a reafirmação da tradição, o fechamento e até a reação agressiva-violenta contra a ameaça da perda de identidade. Daí surge o fundamentalismo, a violência, o enfrentamento de conquista, de um lado, mas também o desafio da tolerância e da convivência pacífica entre as religiões.

5. O serviço social e o pluralismo religioso: A importância do fortalecimento do projeto-ético-político-profissional na garantia da cidadania e do respeito à diversidade humana

Milene Silva Cardoso – FTU milene.sc@ig.com.br

A presente proposta aborda os eixos centrais da minha pesquisa no Mestrado em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória/ES. O objetivo desta investigação é examinar como o fortalecimento do projeto-ético-político-profissional do Serviço Social pode ocorrer diante do entendimento do processo do pluralismo religioso para a garantia de direitos de cidadania. Ressalta a importância da tolerância religiosa nas relações sociais para uma cultura que permita o respeito à diversidade. A partir da modernidade, o cenário social é marcado por grandes transformações que atinge às dimensões econômicas, política, social, educacional, cultural e religiosa em escala mundial. Assim, as relações sociais se tornaram mais complexas e o ser social se tornou um “ser moderno” movido pelos interesses capitalistas, sendo afetado, até mesmo na sua subjetividade e espiritualidade. Este estudo, mostra que para o Serviço Social é essencial entender estas transformações, uma vez que, a categoria dos assistentes sociais possui em seu projeto-ético-político-profissional o compromisso pela luta e defesa dos direitos dos cidadãos, no que tange às suas orientações e escolhas, neste estudo em específico, trata-se da escolha religiosa. Neste sentido, o fenômeno religioso se materializa na dimensão ético-político deste projeto profissional, em todas as suas formas e manifestações presentes em nossa sociedade. Pensar a tolerância religiosa, em tempos pós-modernos é entender que o homem moderno ao se encontrar sem referências, fragmentado e com seus direitos violados pela era neoliberal, busca nas diversas religiões, respostas aos seus anseios de direitos de cidadania.

6. A construção de identidade(s) religiosa(s) em tempos de nova era

Prof. Dr. Sergio Sezino Douets Vasconcelos - UNICAP

douets@unicp.br

Ms. Aerton Alexander de Carvalho Silva

A mudança de paradigmas na sociedade atual tem atingido os mais variados âmbitos da vida humana, dentre os quais destacamos a religiosidade. O trabalho busca problematizar alguns aspectos da construção de identidade(s) religiosa(s), a partir do movimento da Nova Era. Nesse contexto o movimento

da “Nova Era” tem encontrado terreno fértil para seu desenvolvimento em vivências religiosas das mais variadas possíveis. Este trabalho, partindo do conceito de “Religião Invisível” de Thomas Luckmann, que apresenta a subjetividade como o “lugar” das opções e construção da(s) experiência(s) religiosa(s), a partir da biografia de cada indivíduo, busca entender alguns aspectos da construção dessas identidade neste movimento que se caracteriza por um sagrado sem lugar, uma religiosidade errante, favorecendo identidade(s) flutuante(s).

7. Pentecostalismo, intolerância e comprometimento do futuro de uma religião.

Drance Elias da Silva - UNICAP
dsrance@unicap.br

Expressões pentecotais surgidas a partir da década de 1970 deixaram marcas em sua práxis religiosa, que, dificilmente, será apagada da história. Desatar o nó de uma simbólica intolerância como forma de auto-afirmação religiosa demanda tempo, esforço e, sobretudo, sensibilidade. O comportamento utilitário, a forma racionalizante de crer, a prática religiosa de resultado compromete o futuro de uma religião considerada dos pobres. O campo religioso pentecostal, por certo, fez avançar o pluralismo religioso no Brasil, e sob o discurso possante e agressivo de várias denominações de tipo neo-pentecostais, foi-se desabainhando a lâmina cortante de uma teológica forma de riscar a carne do crente, permitindo que o corte da intolerância não cicatrize ao mesmo tempo em que torna incerto seu futuro religioso.

8. Roça jeje osún opará oxossy ybualama: reafirmação e construção identitária

Profa. Dra Zuleica Dantas Pereira Campos - UNICAP
zuleica@unicap.br

Através da narrativa de fragmentos de história de vida de Tata Raminho de Oxossi, personagem bastante polêmico e controvertido no mundo afro-brasileiro da Região Metropolitana do Recife, pretendo analisar como este sacerdote criou a sua própria tradição, hibridizando os ensinamentos aprendidos na Tradição Nagô; com os elementos da Tradição Jeje, parte em Pernambuco parte na África para onde foi legitimar o seu saber. Somam-se a essas tradições, outras cultuadas em seu terreiro que faz parte de toda a construção identitária inventada para si, e para a Roça de Oxossi. Seu terreiro é um dos mais frequen-

tados e suas festas e rituais consideradas das mais luxuosas da comunidade afro-religiosa de Pernambuco.

9. Secularização x globalização: sincretismo, pluralismo e tolerância/intolerância religiosa

Aurenéa Maria de Oliveira
aurenea@yahoo.com.br

Este artigo tem como objetivo analisar a partir de uma reflexão sobre a crise do paradigma da ciência moderna ocidental, em sua teoria da secularização utilizada no âmbito dos estudos científicos da religião, a questão do pluralismo religioso contemporâneo no contexto globalizado. Tal pluralismo por sua vez será discutido através da interface que estabelece com a problemática da tolerância/intolerância entre as religiões e também por meio do debate em torno da atuação de um Estado multicultural que preconize normas/consensos, tolerantes ou não, ao redor de diferentes práticas religiosas. Neste aspecto é que se pretende enfatizar as críticas feitas ao modelo de secularização especificamente no que concerne à separação entre o Estado e a religião tendo em vista a necessidade cada vez mais premente que tem se estabelecido daquele atuar no sentido de administrar conflitos que se manifestam no campo religioso.

10. Nova caça às bruxas: demonização e exorcismo na igreja universal do reino de deus

Júlio César Tavares Dias UNICAP
Prof. Dra. Zuleica Dantas Pereira Campos UNICAP

Resumo: As Caças às Bruxas é um episódio histórico marcado pela intolerância religiosa e violência. A Igreja Universal tem promovido algo semelhante a uma caça às bruxas, pois característica sua é a intolerância com que trata as religiões de matriz africana. A intolerância religiosa não é algo novo no campo religioso brasileiro, mas chama a atenção o fato de uma instituição tê-la como elemento principal da construção de sua identidade. Esta comunicação parte da observação semi-participativa que tenho feito nas reuniões da Catedral da Fé de Recife. Aqui buscamos refletir sobre os motivos e o papel do ritual de exorcismo nessas reuniões. Marco teórico para nossas reflexões é o conceito de magia de Marcel Mauss e o de demonização de Pedro Oro.

GT 8: RELIGIÃO E CIÊNCIA

Proponentes:

Prof. Eduardo R. da Cruz PUC-SP
erodcruz@pucsp.br

Prof. Dr Geraldo Luis de Mori FAJE
geraldodemori@faculdade.jesuíta.edu.br

Prof. Dr. João Érico Hammes PUC-RS
ehammes@pucrs.br

Prof. Dr. Mário Antônio Sanches PUC-PR
msancjes@uol.com.br

Prof. Dr. Valério G. Schaper EST
valério@est.edu.br

Ementa do GT:

Considerando a necessidade de seguir investigando as relações entre ciências naturais e religião, a proposta GT “Religião e Ciência” quer contemplar três aspectos fundamentais. Em primeiro lugar, buscar a valorização de paradigmas solidamente estabelecidos, tanto no âmbito da teologia como das ciências naturais. Em segundo lugar, acompanhar a re-leitura da(s) tradição(ões) religiosa(s) à luz dos novos desenvolvimentos científicos na modernidade. Em terceiro lugar, desenvolver o aporte da filosofia e da história da ciência para estes temas, assim como das diversas sub-disciplinas das ciências que têm como objeto a religião. O foco principal da proposta deste GT é o da defesa do diálogo entre religião e ciência. Portanto, há uma preocupação com o mapeamento das implicações éticas e sociais do diálogo, ou da falta deste, para setores específicos. De forma particular, interessa mapear a situação e diagnosticar a realidade brasileira, identificando as nuances deste debate no Brasil. Posto isto, o GT “Religião e Ciência” pretende acolher comunicações relativas aos seguintes sub-temas: Religião e Ciência: epistemologia e ; e problemática geral; Abordagens evolutivas da religião (inclusive a psicologia evolutiva); Religiões

e novas tecnologias; Teologia (também as não cristãs) e cosmologia; Teologia e Biotecnologia; Realismo teológico; Mecânica quântica, Teoria darwiniana da evolução, Psicologia, Ética Ciência; Teologia e Bioética; Fundamentos da Bioética, etc.

1. Ciência versus Religião: Copérnico e Darwin contra o establishment religioso

Felipe Leonardo Correia Luz – PUCMinas

Esta comunicação pretende descrever o conflito entre Religião e Ciência, à luz do seguinte tópico: “Discussões sobre Ciência e Religião sob o olhar crítico de Russell e Hal Hellman”. Procederemos, portanto, à identificação dos principais conceitos sobre esta temática no livro “Religião e Ciência” de Bertrand Russell, especificamente no que se refere aos capítulos 2 (A revolução copernicana) e 3 (Evolução). Utilizaremos além do referido livro do Russell, trechos da obra “Grandes Debates da Ciência” - Dez das maiores contendas de todos os tempos, obra de Hall Hellman. Deste livro utilizaremos especificamente os capítulos 1 (Urbano VIII contra Galileu) e 5 (O buldogue de Darwin contra Sam “escorregadio”). Portanto tomaremos como ponto de partida e fio condutor deste artigo um duplo referencial bibliográfico. “Religião e Ciência” e “Grandes Debates da Ciência”.

Sabemos que estas contendas entre religiosos e cientistas serviram para (de)marcar os temas que devem ser pesquisados e estudados por cada uma dessas áreas ou campos de conhecimento. Bertrand Russell elucidou nesta obra como o saber científico foi por muito tempo utilizado para dar suporte ao poder religioso. Em “Grandes debates da Ciência”, Hal Hellman selecionou dez contendas entre cientistas que em maior ou menor grau foram também debates entre uma determinada posição religiosa (usualmente católica romana) em contraponto com uma leitura científica do mundo. Selecionamos duas dessas contendas e analisamos em diálogo com Bertrand Russell.

2. A epistemologia implícita da religião e da ciência em Chiara Lubich

Fernando Gregianin Testa – PUC – SP

Os diversos sistemas teóricos que colocam em relação ciências naturais e teologia(s) raramente levam em consideração como a religião concretamente se apresenta. A comunicação propõe uma reflexão da relação entre religião e ciência que parte da análise de alguns escritos de Chiara Lubich sobre a natu-

reza. Identificam-se as características que a ligam à reflexão teológica franciscana sobre a Criação e mostramos algumas características de uma epistemologia do conhecimento religioso: uma particular ontologia aplicada à natureza. De posse dessa ontologia se identificam traços de uma epistemologia do conhecimento religioso que consegue se compatibilizar com os conhecimentos científicos em chave dialogal, de modo que tanto a religião quanto as ciências naturais se reconheceriam. Mostramos as semelhanças que tal epistemologia tem com o “realismo crítico” clássico de Ian Barbour em diálogo com a epistemologia da ciência de Imre Lakatos.

3. Expressões, intenções, prospecções - Notas para um diálogo em torno de fé, ciência e ética

Prof. Dr. Valério Guilherme Schaper – EST

valerio@est.edu.com.br

O ensaio de reflexão trata de alguns elementos importantes no diálogo entre ciência e religião, a saber os níveis de linguagem, os recursos expressivos e as intenções supostas em cada destas disciplinas. Concentrando a reflexão em torno das teses incisivas apresentadas por Kolakowski, enfoca-se da questão dos elementos comuns presentes das pretensões da ciência, no caso a matemática, e da religião, especificamente da abordagem empreendida pela mística. A hipótese central de Kolakowski, e que constitui o motor do ensaio, é que ambas as tentativas, ainda que por mecanismos e operações diversas, buscam apreender o que está atrás da realidade. Kolakowski afirma que no limite destas tentativas encontra-se a impossibilidade de um mundo humano, porquanto ambas acabam por eliminar o acaso, a contingência em seus esforços de apreender a realidade. Aceitando este desafio, procura-se no ensaio apresentar rapidamente a caráter contingencial o atual estado da matemática e, superar, em registro teológico cristão uma mística totalizadora, refletindo sobre a relação entre acaso e providência. Esta reflexão desemboca no terreno da ética, demonstrando como a providência abre possibilidades para uma compreensão livre e aberta do desígnio humano.

4. Como Mentir a Deus? Sobre a Inteligência Artificial

Sung Woo Choi – UPM

Alguns homens sonham com o dia em que as máquinas tenham inteligência artificial. Para testar a verdadeira inteligência artificial faz-se testes de Turing: robôs inteligentes que “provam” que não são robôs. Fazer parecer ho-

mem. São robôs com inteligência suficiente para mentir. E se fizerem isso, poderão dizer que o homem conseguiu chegar à verdadeira inteligência artificial, robôs que pensam por si só e que não precisam mais do homem. São máquinas incríveis. São máquinas quase espirituais. Hoje, fala-se das possibilidades de “máquinas espirituais” no futuro próximo. Quando a tecnologia alcançar a ponto de comprimir todos os dispositivos eletrônicos em tamanho de átomos, poderá produzir a tal “máquina espiritual”, um robô que teria a fé. A imaginação futurística da catástrofe pelos robôs tem se mostrado rentável. Robôs espirituais como nos filmes hollywoodianos sobre a memória, “Blade Runner” (nós somos a memória?), sobre a mentira, “AI, Artificial Intelligence” que fala do amor do robô pela mãe biológica, sobre o sonho e a revolta dos robôs, “Matrix”, “Eu, Robô!” etc. É a eterna busca da liberdade. A liberdade para os robôs. As idéias sobre os robôs ficam cada vez mais aprimoradas e sofisticadas dando esperanças de um lado e pesadelos de um mundo de terror para outro. O salmista fala exatamente as características que um robô, competitivo e produzido industrialmente, precisa ter nas próximas décadas. (Salmos 115:5-7) “Eles têm boca, mas não falam; têm olhos, mas não vêem. Têm ouvidos, mas não ouvem; têm nariz, mas não cheiram. Têm mãos, mas não podem pegar; têm pés, mas não andam; e da garganta deles não sai nenhum som.” Os ídolos, de madeira e de pedra, eram para muitos a fonte de renda muito interessante. Ainda mais, os feitos de prata e de ouro eram produtos mais procurados. “Os deuses das outras nações são de prata e de ouro e são feitos pelas mãos dos homens.” (Salmos 115:4) E todos queriam que fossem algo que possa acordar, ficar de pé, andar e falar. “...os ídolos não podem falar; como é que alguém pode confiar num ídolo que ele mesmo fez?” (Habacuque 2:18) “Ai de você que diz a um ídolo de madeira: ‘Acorde!’ e que ordena a um ídolo de pedra: ‘Fique de pé!’ Será que um ídolo pode entregar alguma mensagem? Não, não pode. Ele está todo coberto de ouro e de prata, mas é uma coisa morta.” (Habacuque 2:19) A questão é que os robôs de hoje começam a acordar, começam a ficar de pé e começam a andar. Os robôs começam a falar, a cheirar, a olhar, a ouvir, a pegar com as mãos. Dizem que a próxima vida orgânica se basearia nos silícios, as pedras e as areias, em vez de carbono como é o caso da vida na Terra. Os microprocessadores são feitos de silícios revestidos de ouro e prata. E os robôs são capacitados com os microprocessadores de última geração. Os robôs já começam desenhar, compor músicas, participam nos filmes, nos teatros. A participação dos robôs nos círculos sociais vai crescer. Alguns gostariam de ter o corpo preservado na forma biônica de robôs. “Que fiquem iguais a esses ídolos aqueles que os fazem e os que confiam neles.” (Salmos 115:8) Ainda, o robô para ser um robô de verdade, precisa mentir. “Que valor tem um

ídolo? Um ídolo não é mais do que uma imagem feita por um homem e que só serve para enganar...” (Habacuque 2:18) Deve ser de algo assim que Deus fabricou a humanidade: fazer sentir-se Deus. Os homens não sabiam que tinham esta ambição escondida pré-configurada na fabricação, de querer ser Deus, de brincar de Deus. Ao chegar nas possibilidades iminentes de um robô totalmente autônomo é que a humanidade tem consciência da sua divindade. Nós somos a máquina espiritual de Deus! “O Deus Eterno está no seu santo Templo; que todos se calem na sua presença.” (Habacuque 2:20)

5. Cosmovisão das Religiões Afro-brasileiras e Cosmologia: possibilidades de diálogo em F. Rivas Neto

João Luiz de Almeida Carneiro – PUC SP

A cosmovisão das religiões afro-brasileiras relaciona espírito e matéria de tal maneira que a segunda manifesta o primeiro. Este fato estimula uma visão interdependente entre Ciência e Religião. A teologia com ênfase nas religiões afro-brasileiras com o seu senso crítico aplicado ao senso religioso pode ocupar um papel importante. Um primeiro desafio, no entanto, é dialogar com cosmovisões endogenamente tão plurais. O conceito de “escolas” trazido por F. Rivas Neto da Faculdade de Teologia Umbandista contribui para tanto, quando apresenta um design teórico de convergência: uma ideia que se expressa em várias linguagens. Cada linguagem é uma escola.

A escola de síntese, uma destas linguagens, se aproxima por analogia do modelo Big Bang ao compreender por sua doutrina intitulada “tríplice caminho” que o Orixá deflagrou o seu Poder Volitivo dando origem a manifestação do espírito na matéria como uma triunidade de movimento, luz e som analogamente ao ovo primordial, quando após o big bang se estabeleceram três fenômenos cosmogênicos.

Ainda em F. Rivas Neto é possível compreender como ele relaciona estes mesmos fenômenos cosmogênicos na tradição africana ketu sincretizando jeje-nagô. Pela representação da cabaça da existência/ IGBÁ IWÁ pode ser considerado, por analogia, o ovo cosmogônico que se manifesta em Luz (Oxalá), Som (Oduduwá) e Movimento (Exu – Elemento procriado). Oxalá e Oduduwá são os princípios da criação genérica e o terceiro elemento – IGBÁ KETÁ é a individualização, a existência diferenciada.

6. As duas fontes da Tecnognose no Brasil: Uma apreciação crítica

Eduardo Rodrigues da Cruz – PUC – SP
erodcruz@pucsp.br

Ementa: A discussão sobre aspectos religiosos das propostas pós-humanistas chegou ao Brasil pelas mãos de profissionais da comunicação como Erick Felinto, Paula Sibilia, Mauro Schulz de Carvalho, Airton Jungblut e Wilson R. V. Ferreira. É notável em seus textos a atribuição do qualificativo “gnóstico” a tais aspectos religiosos. Nosso propósito nessa comunicação é tentar reconstruir a genealogia desse uso, a partir de fontes de língua inglesa. Propomos que são duas essas fontes principais: o sociólogo português Hermínio Martins, escrevendo em um contexto britânico e utilizando a expressão “gnosticismo tecnológico” de Victor Ferkiss; e o pensador americano da área de comunicação Erik Davis, que cunhou a expressão Techgnosis, traduzida por Felinto como Tecnognose. Tanto Davis quanto Martins, por sua vez, podem ter seus conceitos traçados a outros pensadores, como Hans Jonas e Eric Voegelin. Davis também depende de fontes “gnósticas” modernas, como Haroldo Bloom e esoterismos diversos. Apesar de todos esses autores defenderem a separação entre a Gnose antiga e o “gnosticismo” contemporâneo, parecem confluir novamente esses movimentos, ao longo de seus argumentos. Indicamos por fim o uso algo parasitário desses termos e do modo de análise, e sugerimos que somente um aproveitamento adequado dos vários estudos críticos disponíveis sobre o gnosticismo pode auxiliar uma caracterização mais adequada da religiosidade no Transhumanismo.

7. Análise da aproximação entre espiritualidade e mecânica quântica através de uma análise de um de seus expoentes, Amit Goswami

Pablo Nogueira Gonçalves Diogo – PUC – SP

O objetivo desta apresentação é discutir o elemento religioso presente na obra de Amit Goswami. Este físico indiano tornou-se uma figura conhecida dentro do movimento Nova Era por sua proposta de interpretar a mecânica quântica tendo como fundamento da realidade a ideia de uma consciência não-local e transcendente, e por sua defesa de uma síntese entre espiritualidade e discurso científico. A origem desta corrente remonta a um histórico das aproximações entre ciência e religião propostas desde meados do século XIX até o surgimento da Nova Era nos anos 1970. Entre as ideias proposta

por Goswami estão a crítica ao realismo materialista, a origem mística das religiões, a incapacidade delas em transmitir de forma adequada a verdade essencial da experiência mística, sua crença de que certos experimentos poderiam sustentar a crença numa dimensão transcendente da realidade e a crise moral vivida pelas sociedades modernas. É possível argumentar, com base na definição de religião proposta por Clifford Geertz, que há um elemento religioso do discurso de Goswami, caracterizado por sua busca de associar ethos e cosmologia a fim de fundamentar uma nova ética para as sociedades contemporâneas. E as definições de espiritualidade e de religião de W. Hanegraaff permitem caracterizar seu trabalho como exemplo de espiritualidade que se assenta sobre um sistema simbólico secular.

8. Estudo teológico-moral sobre “O princípio de responsabilidade” em Hans Jonas

Waldir de Souza – PUC-PR

Estudo teológico moral sobre “O princípio de responsabilidade” em Hans Jonas. A ética da tecnologia não deve ser considerada simplesmente em função da fase aplicativa, mas também em sua insuficiência radical, em sua ambivalência teleológica e em sua dinâmica de saber-poder, que aumenta cada vez mais e, portanto, também em sua fase elucidativa. Dessa forma, a tecnologia exige ser completada e ter sua referência numa antropologia global, na qual possa encontrar o seu papel ao lado das outras dimensões do ser humano - essencialmente humano, com as ambivalências e oposições características do mistério de sua liberdade, a que pertencem às experiências de fortúnio e infortúnio, prazer e dor, bem e mal, nas quais se desdobra a epopéia humana em sua história. A preservação de tal essência constitui o dever basilar da ética e da teologia ao tratar da responsabilidade e da vida. Aqui se encontra a justificativa para a reflexão teológico-moral a que este artigo se propõe. O tema a ser abordado por este artigo quer analisar o impacto dos avanços da tecnociência, da biotecnociência diante do novo agir humano. Desta forma, as reflexões de Hans Jonas se apresentam como elementos de aproximação desta realidade. A partir dos elementos centrais de sua reflexão se fará um estudo teológico-moral. Eis aí o grande desafio para um estudo que detecte os impasses, as possíveis alternativas e os desafios que a boa nova cristã oferece para um mundo historicamente novo: fazer a passagem urgente, porém consciente, da heurística do temor à práxis do amor.

GT 9: Religião e Psicologia

Proponentes:

Prof. Dr. James Farris - UMESP
teology@regra.com.br

Prof.. Dr. Antônio Maspoli de Araújo Gomes UP Mackenzie
maspoli@mackenzie.br

Prof. Dr. Sidnei Vilmar Noé - UFJF
sidnei.noe@ufjf.edu.br

Prof. Dr. Edênio Valle - PUC-SP
edeniovalle@uol.com.br

Ementa do GT:

A abordagem psicológica do fenômeno do campo religioso lança luz sobre a dimensão psíquica da experiência religiosa, isto é, do comportamento religioso intencionado para o objeto sagrado, a fim de aceitá-lo ou para rejeitá-lo. Nessa dimensão situam-se os afetos, as conexões denotativas das cognições, os desejos, grande parte dos conflitos pessoais, inter-pessoais e sociais, inclusive aqueles que têm como objeto as entidades sagradas selvagens ou domesticadas, os estados alterados da consciência, a saúde a doença etc. No Brasil desde a criação do primeiro Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião em 1979 os pesquisadores da área da Psicologia têm estudado várias modalidades do comportamento religioso e têm publicado em periódicos científicos. Não existe, no entanto, até o presente, uma apreciação do ponto de vista metodológico e teórico desta produção. A proposta deste GRUPO TEMÁTICO (simpósio) é apresentar um balanço sobre as perspectivas e os limites de área e produzir uma avaliação crítica a partir dos clássicos e contemporâneos da Psicologia da Religião detectando a preferência por teorias, por metodologias e por temas no campo das Ciências.

Observação: A lista das ementas deste GT será distribuída à parte no início do Congresso

GT 10: Temas de educação e religião

Proponentes:

Prof. Dr. Afonso Maria Ligorio Soares PUC-SP
sofona@uol.com.br

Prof. Dr. Sergio R.A. Junqueira – PUC/PR
srjunq@gmil.com

Prof. Dr. Remí Klein – EST
remiklin@terra.com.br

Prof. Dr. Edson Pererira Lopes - UPMackenzie
teologia@mackenzie.br

Prof. Dra. Eunice Simões Lins Gomes – UFPB

Ementa do GT:

A legislação educacional brasileira a partir de 1996 compreende que as áreas do conhecimento são marcos estruturados de leitura e interpretação da realidade, essenciais para garantir a possibilidade de participação do cidadão na sociedade de forma autônoma, caracterizando a orientação do processo articulador no dia-a-dia da sala de aula, desafiando o (re)olhar sobre o processo de ensino-aprendizagem. Esta concepção é traduzida operacionalmente por meio dos princípios gerais declarados a serem realizados no cotidiano escolar, expressos pelo currículo como um elo entre a teoria educacional e a prática pedagógica, entre o planejamento e a ação, que se torna a meta dos envolvidos nesta situação, favorecendo que cada componente curricular seja orientado para que os estudantes dominem as diferentes linguagens, compreendam os fenômenos, sejam físicos ou sociais, construam argumentações para elaborar propostas e enfrentem as diversas situações de suas vidas. Como também produzir conhecimento no âmbito dos significados simbólicos das práticas e dos ideários religiosos e educacionais, no que se refere especificamente aos ritos escolares, aos sistemas de pensamentos educacionais e à mitologia judaico-cristã com seus ritos religiosos.

1. Religião e Educação - um diálogo interdisciplinar

Laude E. Brandenburg; Remí Klein; Gisela Isolde W. Streck – EST
emiklein@terra.com.br

O presente artigo apresenta a Área de Concentração de Religião e Educação do Programa de Mestrado e Doutorado em Teologia da Faculdades EST, de São Leopoldo, RS. Esta área de concentração visa atender a duas linhas de trabalho da instituição: a formação de professores na área do Ensino Religioso e a reflexão sobre a educação ligada à realidade eclesial. Como uma instituição da área teológica e em consonância com a interdisciplinaridade, a área abriga a reflexão e o diálogo entre a religião e a educação. Identificada com os princípios evangélicos de dignidade humana e de visão integral do ser humano, a linha pedagógica da abordagem da Área de Religião e Educação identifica-se com uma educação que respeita o desenvolvimento e a autonomia do ser humano. Três focos transparecem na relação das diferentes manifestações do fenômeno religioso com a educação: a práxis educativa escolar, a práxis educativa eclesial e os movimentos sociais. A práxis educativa escolar está voltada para a escola em suas diferentes necessidades e possibilidades. A práxis educativa eclesial tem sido igualmente alvo de estudo e de pesquisa no decorrer dos anos que se seguem à criação dessa área de concentração. Além destes focos, uma nova compreensão vem se estabelecendo que é a da Pedagogia ou Educação Social. Essa tendência promissora está ligada à terceira manifestação expressa no enunciado da área: os movimentos sociais. Cada foco recebe expressão por meio de disciplinas relacionadas aos conteúdos específicos de seu enfoque. O artigo também apresenta os grupos de pesquisa vinculados à área de concentração e os projetos de pesquisa desenvolvidos pelos docentes que atuam na mesma.

Palavras-chave: pós-graduação, teologia, religião, educação, interdisciplinaridade.

2. A História da Educação Libertadora no Brasil durante as décadas de 1960 até 1980

Terezinha Sueli de Jesus Rocha PUC-PR
Sérgio Rogério Azevedo Junqueira PUC-PR
srjunq@gmail.com

A relevância desta pesquisa está no fato de situar a Educação Libertadora no contexto histórico do Brasil, entre as décadas de 1960, 1970 e 1980,

ressaltando a importância do estabelecimento de novas relações entre os seres humanos, a natureza e o Transcendente. O estudo traz um levantamento dos acontecimentos dessas décadas e faz um questionamento sobre o compromisso e os reflexos da Educação Libertadora no Brasil, durante o período em que o movimento político autoritário torturou, executou, cassou professores, parlamentares e juízes, instalou a censura e propiciou a mídia tendenciosa e alienante. O núcleo do trabalho é o método histórico, que através da descrição dos acontecimentos registrados e valendo-se de pesquisas das fontes documentais, faz a descrição criteriosa dos acontecimentos da época, com uma avaliação crítica sobre os assuntos, uma síntese de causas e efeitos, consequência dos fatos ocorridos e a análise das provas apresentadas na sequência, primando pela qualidade das informações. Os principais autores que fazemos referência na pesquisa são Paulo Freire (2005), Ricardo Antoncich (1982), Moacir Gadotti (2000), Leandro Rosa (1993) e Danilo Gandin (2008), João Batista Libanio (1983), personagens que fizeram história com seus posicionamentos sobre a Educação Libertadora. Esta pesquisa tem uma grande importância, porque procura fazer o resgate dos pontos mais relevantes da História da Educação do Brasil, em um tempo e um momento especiais para a nação. São pontos importantes, que deverão ser lembrados e portanto registrados, a fim de manter viva na memória a história vivida e sofrida pelo povo brasileiro, onde a Educação Libertadora teve importante papel na busca da cidadania.

Palavra-chave: Teologia; Educação; Educação-Libertadora

3. Aproximações Pedagógicas entre Teologia e Ciências da Religião

Lilian Conceição da Silva Pessoa de Lira – EST

A realidade histórica e o contexto existencial são lócus para a reflexão e a produção científica, e o labor teológico deve assumir os desafios e as demandas oriundas de seu contexto. Tal labor teológico histórico tem se constituído a partir do diálogo científico com outras ciências, tanto da área de humanas (antropologia, ciências sociais, psicologia, filosofia, educação, entre outras), quanto de outras áreas (biologia, bioética; física; etc.). Durante as últimas décadas do século XX, a Teologia, especialmente no contexto latinoamericano, e a partir da Teologia da Libertação, tem contribuído, cientificamente, para a reflexão e a produção teórica de temas candentes tais como: gênero; raça/etnia; inclusão; deficiência; diversidade; interculturalidade e outros. Passados um pouco mais de dez anos da conquista de sua cidadania acadêmica, con-

siderando seu reconhecimento junto ao Ministério da Educação (MEC) em 1999, os desafios ao labor teológico e científico devem continuar decorrentes da escuta atenta às demandas sociais mais pungentes. Mas há que se considerar, igualmente, o desafio de se pensar como ciência que deve garantir seu espaço acadêmico historicamente negado aqui no Brasil, e somente conquistado no final do século XX. A partir do século XXI, vários programas de Ciências da Religião têm sido criados aqui no Brasil, sendo característica comum desses programas a multidisciplinaridade. Nessa perspectiva, o desafio pedagógico da Teologia e das Ciências da Religião parece ser o mesmo. Identificá-lo e apresentá-lo é o objetivo do presente texto.

4. O diálogo entre a Teologia e a Cultura Brasileira - Uma aproximação entre o ministério pastoral e a tarefa educacional na vida do Rev. Erasmo Braga

Antonio Carlos Anacleto – UPM

Resumo: Nesta comunicação pretende-se abordar a obra escrita deixada pelo Rev. Erasmo Braga voltada para a área da Educação, com destaque para a conhecida “Série Braga”. Munido de uma clara cosmovisão teísta, Braga marcou a sociedade brasileira ao oferecer seus valorosos serviços à causa educacional. Porém o maior e mais importante legado oferecido à sociedade brasileira por Erasmo Braga é a reconhecida “Série Braga”, um conjunto de quatro livros voltados para a antiga escola primária que dava destaque para o desenvolvimento da leitura. A “Série Braga” foi usada no Brasil por, pelo menos, cerca de 40 anos e alcançou mais de cem edições sendo difundida em quase todos os estados da federação. O reconhecimento desta grandiosa obra pode ainda ser destacado pela sua tradução para o idioma japonês, a fim de ser utilizado para orientação de imigrantes, e também, pelo convite que Braga recebeu no ano de 1930 para participar da comissão civil que veio a dar sugestões ao governo brasileiro quanto a uma proposta de reformulação da educação. Por estes fatos vê-se a relevância deste personagem na questão educacional e sua capacidade de oferecer um diálogo da religião com a cultura brasileira.

5. Sentido do termo ideologia no texto constitucional e legislação infraconstitucional em vigor; seus propósitos e função socioeducacional

Roseli Pereira Corrêa de Lima e Moura – UPM

1. Garantias constitucionais e infraconstitucionais da prática educacional de orientação confessional no Brasil contemporâneo. 2. Ideologia no direito socioconstitucional à educação. 3. Ideologia na legislação educacional brasileira em vigor. 4. Ideologia e não confessionalidade do Estado laico brasileiro. 5. Ideologia e sua função socioeducacional.

6. O uso da linguagem simbólica na educação

Iêda de Oliveira Caminha Silva – UFPB e Eunice Simões Lins Gomes-UFPB

Considerando que no espaço escolar compete ao estudante compreender diferentes saberes e, para isso, precisa dominar as múltiplas linguagens do componente curricular; Considerando que na educação, pode-se fazer uso do imaginário sócio-cultural, bem como do imaginário arquetipal. Reconhecendo que o ser humano vive do símbolo e este o coloca em outras realidades que o faz transcender, que o homem recebe uma formação com base nos saberes sistematizados e nos saberes cotidianos, mas poderia também receber uma formação que contemplasse o uso do simbólico. O nosso objetivo consiste em analisar o uso da linguagem simbólica na educação. Nossa metodologia consiste em uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa e para análise será utilizada a teoria proposta por Gilbert Durand tendo como referência a imaginação simbólica, a partir do pensamento simbólico, buscando um caminho que leve a transcendência do humano na educação. Concluímos que o uso da linguagem simbólica na educação possibilita um modelo de formação que permite relacionar os diferentes modos de vida humana às estruturas antropológicas universais dos símbolos.

Palavras-chave: Linguagem simbólica. Imaginário. Educação.

7. Cinco motivos para estudar religiões

Angelo Dos Santos Cardita - Universidade Lusófona do Porto (ULP), Portugal

A comunicação tenta uma aproximação aos motivos que poderão justificar o estudo científico das religiões em contexto universitário. O objetivo

consiste em explicitar a importância social e cultural de que o estudo das religiões se pode revestir nas sociedades modernas e democráticas, em ordem a superar o pressuposto da simples “utilidade” (económica) das carreiras universitárias. Neste sentido, começaremos por uma reflexão sobre o bem comum, como o horizonte de sentido que permite incorporar e relativizar a mentalidade tecnocrática. De seguida, apresentaremos cinco motivos para o estudo das religiões: 1) para compreender o ser humano, 2) para fomentar a liberdade, 3) para construir a paz, 4) para cultivar a esperança, 5) para abrir a Universidade à diversidade epistemológica do mundo. Desta forma, a reflexão unirá imperativos sociais a uma visão epistemológica e metodológica, numa proposta capaz de renovar não só o entendimento da relação entre teologia e ciências da religião, como as escolhas pedagógicas inerentes à relação entre religião e educação.

8. A autoridade do Ensino Religioso segundo Leonel Franca em sua obra: Ensino Religioso e Ensino Leigo – perspectivas pedagógicas e sociais

Fabiana Cristina da Conceição – PUC/SP

Os entraves acerca das questões que versam sobre o Ensino Religioso nas Escolas refletem uma problemática de outrora. Há tempos tal ensinamento vem sendo colocado em pauta sobre os olhares de inúmeros pensadores renomados e com diversas propostas de aplicabilidade e eficácia. A obra *Ensino Religioso e Ensino Leigo – aspectos pedagógicos, sociais e jurídicos* de Leonel Franca é datada de 1931 e devido a sua riqueza de conteúdo, foi escolhida para ser objeto de estudo em nossa dissertação de mestrado. Devido à sua grande abrangência, objetivamos com este trabalho, discutir sobre o Ensino Religioso a partir do olhar de Leonel Franca, sobretudo nos âmbitos pedagógicos e sociais, devendo-se respeitar o contexto sócio-histórico ao qual a obra está inserida. O autor explana sobre o Ensino Religioso partindo de uma diferenciação referente à instrução e a educação. Em seu texto essa diferença é decisiva para que o ensino ocorra de maneira substancial a fim de contribuir na formação da consciência moral de seus educandos. Nesse segmento é imprescindível que o aluno encontre respostas a questionamentos que todo o ser humano se faz no decorrer de sua vida, no que se refere a sua finalidade, destino e além-túmulo. O autor realiza diversas pesquisas empíricas, especialmente no campo europeu, e conclui que a formação da consciência moral do indivíduo deve ser tratada como uma questão ético-religiosa que reflete na sociedade a qual ele faz parte. É neste segmento que desenvolveremos um trabalho metódico sobre a ação do Ensino Religioso segundo o padre jesuíta, Leonel Franca.

9. Livros de Ensino Religioso: uma produção de conhecimento no período de 1995 a 2010

Isabel Cristina Piccinelli Dissenha - PUC PR

Afonso Maria Ligorio Soares – PUC SP

A presente pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de identificar e analisar a produção do conhecimento no Ensino Religioso por meio do estado da arte, nos livros produzidos no Brasil, no período de 1995 a 2010, a fim de contribuir na construção da estrutura desta área do conhecimento e da formação do(a) professor(a). Os(As) autores(as) que deram sustentação teórica para esta investigação foram: Bardin (1977), Junqueira (2002, 2007), Adami e Marchiori (2005), Lakatos (2001), Romanowski (2002 e 2006), Brandão (1986), Noronha e Ferreira (2000), Malhotra (1993), PCNER (1997), Oliveira L. (2007), Oliveira E. (2009), Laville e Dione (1999), Garcia (1997). A metodologia da investigação foi qualitativa, empregada através da pesquisa exploratória e do tipo “estado da arte” ou “estado do conhecimento”. Foram analisadas setenta e sete obras, e o instrumento utilizado como referencial para classificação de livros fora o roteiro aprovado pelo Conselho Técnico-Científico da Educação Superior (CTC-ES), pois o que se buscava era estabelecer a identidade desta disciplina inserida no currículo escolar brasileiro. Esta análise identifica que há um crescimento da pesquisa nesta área de conhecimento, assim como da sistematização e divulgação por meio dos livros. Porém pode-se perceber que temos a carência de publicação de obras que abordem temas referentes à formação de professores, sistematização dos aspectos pedagógicos e metodológicos, assim como, de novas proposições de estrutura curricular subsidiada pela Ciência da Religião. Outra temática não explorada é sobre os livros didáticos e as novas tecnologias para apoiar a ação docente e discente, o que exigirá novas perspectivas de publicação.

Palavras-chave: Ensino Religioso. Produção de conhecimento. Estado da arte ou do conhecimento

10. Alunos não confessionais em escolas confessionais: uma análise comparada do Ensino Religioso no Colégio Arautos do Evangelho e Colégio Adventista de Cotia/SP

Juliana Neri Munhoz - PUC-SP

O objeto do presente projeto são os alunos não confessionais presentes nas aulas de Ensino Religioso no Colégio Arautos do Evangelho na Granja Vianna (SP) e Colégio Adventista de Cotia (SP). Será feita uma análise com-

parativa de como se dão as relações de alunos não confessionais (que não possuem a mesma denominação religiosa da escola ou não tem religião) com a realidade escolar e as aulas voltadas a doutrina religiosa. Buscando entender e comparar como os alunos de diferentes denominações religiosas ou sem religião lidam com a realidade escolar e se relacionam neste espaço. Pensando principalmente nas diferenças que, através da religião possam ali existir e na forma como o conhecimento religioso é transmitido, pois o espaço da sala de aula é um ambiente de socialização e convivência

11. Aspectos Elementares do Ensino Religioso

Michelle de Kássia Fonseca Barbosa – UFPB

Eunice Simões Lins Gomes – UFPB

Como em cada profissão, a prática do ensino religioso é disciplinada através de preceitos éticos e normas legais que orientam a conduta do profissional docente, estabelecendo seus direitos, deveres e responsabilidades. Informações sobre estes aspectos foram identificados e compõem este artigo, além das informações referentes ao fenômeno religioso, aos aspectos históricos do ensino religioso e a formação do docente específico nesta área do conhecimento. O objetivo deste estudo é refletir e analisar sobre os aspectos elementares do ensino religioso no contexto atual: leis, resoluções, fundamentos, formação e paradigmas curriculares, sobre aspectos básicos, essenciais, referentes ao ensino religioso. A metodologia utilizada foi a descritiva e bibliográfica. Abordagem qualitativa.

Palavras-chave: Ensino Religioso; religião; Paradigmas curriculares.

12. Uma Análise de Conteúdo do Ensino Religioso na Revista Nova Escola entre os anos de 1997 a 2010

Maria Cristina Floriano Bigeli – UNESP/Marília

A Revista Nova Escola é distribuída na maioria da rede pública de ensino do país, o que a torna, muito provavelmente, o periódico educacional que os professores mais têm acesso. Como a revista se auto-atribui ser “a maior revista de Educação do país” e aborda “temas atuais e as grandes questões que afligem os educadores”, pretendemos analisar o conteúdo sobre o Ensino Religioso presente em seus artigos, reportagens e entrevistas, buscando compreender quais são as argumentações utilizadas para defender sua visão a respeito de tal ensino.

13. Ensino Religioso – Educação e Direitos Humanos: Uma experiência com base nas perspectivas dos direitos humanos

Maria Lina Rodrigues de Jesus e Raquel Miranda de Oliveira – EST-RS

Este artigo tem por objetivo relatar uma experiência, realizada de forma partilhada com a professora de história e com alunos (as) da modalidade EJA - Educação de Jovens e Adultos. Cujas propostas tiveram a finalidade de agregar valores e conhecimentos sócio-históricos, através das disciplinas de Ensino Religioso e História, considerando as perspectivas dos direitos humanos. Este trabalho, entre outros objetivos, buscou favorecer, aos alunos da Escola Catarina Chequer – Vila Velha ES, momentos de reflexão, interação e conexão de saberes, a fim de favorecer, ampliação de conhecimentos, compreensão dos fatos, suas consequências na atual sociedade em seus diferentes contextos sociais. Buscou refletir e elaborar possíveis encaminhamentos referentes à vivência de práticas cidadãs no campo pessoal e da coletividade, em favor da construção de uma cultura de promoção e defesa dos direitos humanos.

Palavras-chaves: ensino religioso, história, educação e direitos humanos.

14. O “Ensino Religioso” no Ensino Superior do Modelo Educacional Confessional: presença e impasses

Francisco Luiz Gomes de Carvalho - PUC/SP

Mediante observação das matrizes curriculares dos cursos de graduação do UNASP percebe-se a oferta comum a todos os cursos das seguintes disciplinas: Cosmologia Bíblico-Cristã, Antropologia Cristã, Fundamentos do Cristianismo, Interpretação Bíblica da História. Como tais disciplinas são tidas como Ensino Religioso (ER) por esse sistema educacional confessional, interessa pesquisar como o ER é entendido por tal sistema de ensino comparando com a concepção legal explicitada nas legislações vigentes.

GT 11

Espiritualidades contemporâneas, pluralidade religiosa e diálogo

Proponentes:

Prof.Dr. Gilbraz de Souza Aragão UNICAP
gilbraz@unicap.br

Prof. Dr. Newton Darwin de Andrade Cabra I UNICAP
newton@unicap.br

Prof. Dr. Toberlei Panasicicz
roberlei@pucminas.br

Ementa do GT:

Diante do contexto culturalmente plural em que nos encontramos e que desafia as tradições religiosas, acreditamos estar frente a uma grande oportunidade para o diálogo entre as diversas religiões. Sem renegar ou desconhecer o que há de único e irrevogável em cada religião, trata-se de perceber, no convívio com a diversidade, o que é essencial em cada tradição e, portanto, de manifestar um dinamismo espiritual que está entre e para além das religiões. Incluem-se nessa espiritualidade aquelas expressões laicas e sem deus e o diálogo inter-religioso que elas todas proporcionam faz repensar o compromisso ético das religiões para com a paz mundial. O Grupo Temático sobre Espiritualidades Contemporâneas, Pluralidade Religiosa e Diálogo, então, está aberto ao debate de pesquisas sobre a aplicação da espiritualidade no cotidiano; a questão da existência do espírito; os estágios do desenvolvimento espiritual e a função da meditação, bem como sobre os desvios espirituais do comportamento supersticioso e do misticismo. Esperamos, com tais discussões, alcançar uma resposta para aqueles que negam qualquer validade da religião na sociedade contemporânea, e, talvez, o caminho para uma nova compreensão da religiosidade, que se contraponha ao flagrante fundamentalismo religioso de nossos dias. Esse GT, com foco nas Espiritualidades e no Diálogo, pretende subsidiar assim, teoricamente, as práticas de diálogo inter-religioso que vêm sendo ensaiadas com apoio dos Programas de Ciências da Religião e Teologia no Brasil, no sentido de verificar a plausibilidade de uma mística comum e transreligiosa para o nosso tempo de transformações axiais.

1. Espiritualidade Leiga e Sociedade do Conhecimento: uma leitura dos escritos de Marià Corbí.

Roberlei Panasiewicz – PUC – Minas
roberlei@pucminas.br

O silêncio interior é o caminho para a espiritualidade. Desenvolver o conhecimento silencioso é o caminho para compreender as tradições religiosas do passado, interpretar a mística das tradições, lidar com o legado religioso do passado sem andar para traz, sem mitos, nem símbolos, nem crenças, nem religiões (isto leva a formulações que programam as comunidades). Este conhecimento silencioso é a única oferta das tradições religiosas às novas sociedades industriais de inovação e de mudança constante. A espiritualidade leiga é a vida do silêncio interior e da unidade e o caminho de serviço aos outros. Ela leva a completa autonomia, pois o conhecimento silencioso não abala, pelo contrário, fundamenta a liberdade. Há diferentes procedimentos de silenciamento para conseguir o conhecimento silencioso: da mente (raciocinar), da ação (agir) e da devoção (sentir). O objetivo desta comunicação é apresentar a compreensão de Marià Corbí sobre espiritualidade leiga e sua busca de diálogo com a sociedade do conhecimento.

2. Audiovisual: oportunidade para uma experiência espiritual inter-religiosa na nova cultura.

Luis Carlos de Lima Pacheco – UNICAP
lucapacheco@gmail.com

Esta comunicação traz uma reflexão desenvolvida na Dissertação de Mestrado intitulada: IMAGENS DE FÉ: Uma busca de critérios na produção de subsídios audiovisuais para o Ensino Religioso no Brasil, defendida no programa de Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco, no ano de 2010. Parte da pergunta sobre o audiovisual como oportunidade para a vivência da experiência do sagrado na cultura contemporânea, marcada pela tecnologia eletrônica, que possibilita novas tecnologias de comunicação e informação, onde o fluxo de imagens e sons gera novas formas de compreensão do real, influenciando também as práticas religiosas. Os referenciais epistemológicos da Modulação, do pesquisador francês da comunicação religiosa, Pierre Babin, e o referencial da Transdisciplinaridade, do pesquisador romeno Basarab Nicolescu, contribuem para esta reflexão em torno do audiovisual como ambiente propício para a vivência do sagrado na cultura eletônica.

3. As tradições da Wicca e as novas buscas espirituais.

Karina Oliveira Bezerra, mestranda em Ciências da Religião – UNICAP

Karina.olibe@hotmail.com

A Wicca tem 57 anos de existência, no entanto, possui uma infinidade de tradições. A primeira tradição, considerada por alguns dos seus membros como a verdadeira, é a Wicca Gardneriana. Como o nome alude, é a tradição do fundador da Wicca, Gerald Gardner. A princípio só se chamava Wicca, acrescentando posteriormente o nome composto, para indicar os covens da Wicca, com apenas os princípios sistematizados por Gardner. Mesmo na Inglaterra – país de origem da Wicca- e principalmente nos EUA, a Wicca foi se fracionando em várias tradições, à medida que encontrava pessoas criativas o suficiente, para acrescentar às práticas Gardnerianas, outros elementos pagãos e mesmo políticos, como o feminismo. Pretendemos nesta comunicação demonstrar e discutir sobre as diversas tradições que compõem a Wicca. Deixando claro a priori, que não é nosso intuito chegar a conclusões sobre os debates muitas vezes calorosos que permeiam as querelas das tradições wiccanas. Nosso intuito é informativo e de diálogo

4. A religiosidade como alternativa terapêutica: o olhar da religião protestante na cidade de Guanambi.

Pablo Luiz Santos Couto – UNEB

pabloluizsc@hotmail.com

Sandra Célia Coelho G. da S. S. de Oliveir - PUC-GO

sandraccgs@hotmail.com

Apresenta a importância e o papel da religião como geradora da fé e sua influência na cura milagrosa, o estudo torna-se indispensável, uma vez que muitas pessoas têm recorrido às práticas e aos rituais religiosos na obtenção da cura de doenças. O trabalho foi desenvolvido na Igreja Protestante Batista Filadélfia Independente em Guanambi-BA. O método utilizado foi a análise amostral a partir de uma entrevista semi-estruturada, referente à metodologia quanti-qualitativa, em uma pesquisa empírico-bibliográfica. Foi constatado que os rituais mais praticados foram às orações em suas várias formas: através de promessas bíblicas, das vigílias ou das campanhas de oração. Percebeu-se uma unanimidade entre os entrevistados no que tange a importância da religião, pois afirmaram que ela leva-os a acreditar nas promessas bíblicas e os

conduzem à fé, na crença de que o impossível pertence ao Divino. Conclui-se que a busca pelo sagrado e sobrenatural é algo próprio do ser humano, e isso tem levado muitos indivíduos a buscar na religião a eficácia para o suprimento das necessidades e principalmente a cura das doenças. Palavras-chave: Religião; Ritual Religioso; Fé; Cura.

5. Uma espiritualidade transreligiosa.

Maruilson Souza – UNICAP
maruilson@gmail.com

Nesse início de século intensifica-se a percepção de que a espiritualidade tradicional e exclusivista já não dá conta da sede espiritual que perpassa a humanidade. Se por um lado, corre-se o risco da superficialidade, por outro há indícios de caminhos comuns que perpassam as diversas religiões, que navegam em águas profundas onde as diferenças e contradições se desfazem. A proposta desta comunicação é apresentar indícios e discutir com os participantes possíveis elementos para uma espiritualidade transreligiosa. Palavras-chave: Espiritualidade e novos paradigmas, Transdisciplinaridade e religião, Mística.

6. O novo tempo espiritual e religioso nas redes sociais do ciberespaço

Valter Luís de Avellar – UNICAP
valvellar@yahoo.com.br

Esta comunicação apresenta uma análise da religiosidade e espiritualidade presentes nas redes sociais como o Orkut, o Facebook e o Twitter. Para isso, abordaremos alguns aspectos sobre essa nova forma de religiosidade brasileira e globalizada, a interação humana com a perspectiva da sociedade secularizada, a propagação da fé e da mística nessa sociabilidade virtual da Internet, os efeitos terapêuticos e logoterápicos nesse novo estágio das relações humanas e nessa nova maneira de elaboração do conhecimento. Palavras-chave: Ciberespaço e religião, Espiritualidade transreligiosa, Redes sociais e religiosidade.

7. “Que é a verdade?” (Jo 18,38): Uma breve aproximação à teologia do pluralismo religioso desde a perspectiva latino-americana.

Pedro Julio Triana Fernández – UMESSP

Fala-se que não estamos vivendo em uma época de mudanças, mas sim

em uma mudança de época. Fala-se, também, que estamos vivendo na chamada época «pós-moderna», onde, desde uma visão e interpretação unitária da realidade passa-se à vivência de uma pluralidade radical, da descontinuidade e da fragmentação. Isto se faz uma realidade no meio de um processo planetário que se identifica com o termo «mundialização», que se refere ao processo de unificação e concentração do mundo em sistemas sociais cada vez mais amplos, aproximando-se cada vez mais às dimensões mesmas do planeta. Entretanto, em um mundo onde a globalização neoliberal perpetua o empobrecimento das grandes maiorias, matizado por guerras, violência e divisões culturais, onde se desrespeita e agride nosso lar natural, e onde inclusive a luta contra o terrorismo tem no fundo matizes religiosos, a mundialização desafia a todas as religiões a lutarem juntas por alcançar uma ética mundial. Portanto, em nosso mundo globalizado e mundializado de hoje o diálogo inter-religioso se torna urgente, não apenas para teorizar teologicamente, senão para possibilitar a paz, a justiça e a fraternidade humana, contribuindo assim a dar uma resposta comum na solução dos grandes e graves problemas que enfrenta a humanidade. Então, o presente texto pretende, desde a realidade latino-americana, fazer uma aproximação panorâmica a uma temática que desde princípios do século constitui o mais novo e relevante desafio para a igreja e a teologia: a teologia do pluralismo religioso. Palavras-chave: Conhecimento e religião, Pluralismo religioso, Cristianismo e diálogo inter-religioso.

8. “Todo ponto de vista é a vista de um ponto”: o relativismo é a janela que se abre para um diálogo religioso.

Carlos Alberto P. Vieira – UNICAP
vieira@unicap.br

O fundamentalismo ainda se faz presente em nosso meio, promovendo uma violência desencadeada por um “pensamento forte”, em nome de uma “razão absoluta”, se alastrando como um câncer, contaminando e matando a sociedade paulatinamente. A presente comunicação pretende demonstrar que na chamada pós-modernidade, com a desconstrução dos grandes relatos, desestruturando suas “verdades” em benefício de uma visão pluralista dos significados, não cabe mais discursos fundamentados no pensamento metafísico. Propomos então a busca necessária e possível de uma religiosidade pós-metafísica. Palavras-chave: Religião e relativismo, Cristianismo e diálogo inter-religioso, Pós-metafísica.

9. Espiritualidade: um olhar pós-moderno

Adriana Thomé – UMESP
libiebrasil@hotmail.com

Atualmente o tema espiritualidade ganhou uma posição relevante dentro da discussão de como deve ser a vida cristã. O assunto não é novo, mas está nas capas de diversos livros lançados pelo mercado editorial cristão nos últimos anos. Mais do que um modismo a espiritualidade está na pauta do dia. Espiritualidade tornou-se mais do que uma questão de práticas devocionais, um estilo de vida, uma forma nova de ver, interpretar e agir historicamente, ela é a vivência da nossa fé, impulsionada pela ação do Espírito Santo, e isto acontece através do ver, do ouvir, do sentir, do caminhar, do orar. A espiritualidade nunca deveria ser um modismo, mas uma realidade na vida do cristão, uma vida de comunhão com Deus, através do exercício da oração. No afã de um estereótipo de espiritualidade, alguns entraves podem acontecer: o consumismo, o ativismo, a falta de equilíbrio no dia-a-dia, a secularização. Refletir sobre a modernidade e a pós-modernidade e seus desdobramentos sobre a espiritualidade é a grande tarefa que temos pela frente. Diante deste panorama, o presente estudo buscará fazer uma releitura conceitual e reflexiva sobre a espiritualidade pós-moderna. Palavras-chave: Pós-modernidade e religião, Espiritualidade e pluralidade, Secularização.

10. Cristianismo e Espiritualidade no contexto de um novo paradigma de conhecimento.

Gilbraz Aragão – UNICAP
gilbraz@unicap.br

O cristianismo afastou-se do Espírito e necessita hoje de uma nova plataforma lógica para tematizar a espiritualidade e para oferecer o seu testemunho espiritual ao mundo, sequioso de experiências místicas. Apresenta-se aqui, então, uma “Abordagem Integral” do conhecimento, que associa tanto as crenças mais tradicionais das religiões, quanto os princípios culturais e científicos modernos e pós-modernos, mostrando um novo lugar para a religiosidade no mundo: o de uma espiritualidade transreligiosa – em diálogo com uma ciência transdisciplinar. E concluímos nos perguntando como o cristianismo pode se reencontrar no contexto dessa nova compreensão da realidade e do conhecimento. Palavras-chave: Religiões, Espiritualidade, Transdisciplinaridade.

11. Mística, Lugar de encontro e diálogo inter-religioso: contribuições de Juan Martin Velasco e Andrés Torres Queiruga

Francilaide de Queiroz Ronsi – PUC-RJ

francilaide@ig.com.br

Diante do contexto ricamente plural em que nos encontramos, acreditamos estar frente a uma oportunidade única para que ocorra o diálogo entre as mais diversas tradições. Trata-se de, sem renegar ou desconhecer o que há de único e irrevogável em cada religião, poder no convívio com a diversidade acolher o que é específico e essencial de cada uma. Para isso, buscamos a contribuição de Juan Martin Velasco, que com suas reflexões nos apresenta a importância que está adquirindo a dimensão espiritual no diálogo inter-religioso. E de Andrés Torres Queiruga, que nos afirma a autêntica necessidade de um encontro entre as religiões. Compreendemos que em todas as religiões existe a experiência mística unicamente graças ao convite e desejo de Deus que deseja tornar-se conhecido. E sem fazer oposição à singularidade cristã na interpretação positiva das outras religiões e do pluralismo religioso, apontamos a mística como um novo paradigma. Palavras-chave: Velasco, Queiruga, Diálogo inter-religioso.

12. Desafios para o discurso religioso cristão no mundo atual.

Edir Vieira – PUC-PR

edirvieira09@gmail.com

Busca-se apresentar posicionamentos divergentes e dialogantes entre autoridades reconhecidas perante o desafio da apresentação do cristianismo em um mundo marcado pela pluralidade, pela indiferença religiosa e pelo relativismo cultural. Trabalha-se então as convergências e divergências nas interpretações de autores como Joseph Ratzinger, Hans Kung, Jurgen Habermas, Paolo Flores d'Arcais e Comte-Sponville. Palavras-chave: Religião e novos paradigmas, Cristianismo e pluralismo religioso, Ratzinger e Habermas.

GT 12: Teorias da Religião

Proponentes:

Prof. Dr. Luís Henrique Dreher - PPCIR-UFJF
luis.dreher@ufff.edu.br

Prof. Dr. Eduardo R. Cruz PUC-SP
erodcruz@pucsp.br

Prof. Dr. Rui Josgrilberg UMESP
rui.josgrilber@metodista.br

Prof. Dr. Luiz Felipe Ponde PUC-SP
lfponde@pusp.br

Ementa do GT:

O GT “Teorias da Religião” pretende abordar questões teórico-metodológicas prévias, implícitas ou alternativas ao estudo e a compreensão do fenômeno religioso pelas/a partir das ciências da religião praticadas no Brasil. Pretende, assim, contribuir em termos prático-políticos para uma maior auto-interpretção crítica da área, de seu estatuto epistemológico e da inserção singular das ciências da religião na universidade. Estas são entendidas como área própria do saber científico que, embora necessariamente pressuponham uma atitude aberta ao diálogo interdisciplinar, buscam legitimar seu direito próprio à existência acadêmica para além de arranjos pragmáticos ou institucionais provisórios. O GT propõe-se investigar, debater, e se possível delinear, os elementos fundamentais para a formação e aplicação autocrítica de teorias gerais da religião. No tocante a estas teorias, busca examinar pressupostos, coerência interna, e o grau de extensão de compatibilidades e/ou incompatibilidades externas. Neste sentido, estuda o estatuto das ciências da religião no seu diálogo com outras áreas estabelecidas do saber, indagando sobre a possibilidade de formação conceitual e teórica própria a partir da confluência de vários saberes.

1. Teoria cognitiva da Religião em Bernard Lonergan

Ednilson Turozi de Oliveira – UFJF

voyage2005@bol.com.br

Para Bernard Lonergan (1904-1984), a questão é se faz ou não sentido afirmar que há na capacidade cognitiva humana a probabilidade de se envolver com a religião. A concepção cognitiva da religião faz sua entrada via a autotranscendência do sujeito. A autotranscendência principia com o que é fragmentário, como os sonhos. Esse primeiro estágio consiste dos sentidos e das sensações. Mas, esse mundo do imediato é despertado do sonho, pois se passa ao mundo da consciência por meio de questões e por meio da fala, da linguagem. Num segundo momento, há o nível da inquirição, da imaginação, da compreensão, da concepção e da formulação. Neste ponto, o mundo imediato da experiência é transcendido pelo sujeito. Por um processo de subsunção e de transições nos níveis da consciência, há resíduos do nível anterior que são mantidos nesse segundo nível. Esse nível, contudo, também possui suas armadilhas, pois pode, por um lado, afastar-se da realidade e da verdade, mas pode, por outro, tornar-se de fato uma potência para o que é verdadeiro. O processo cognitivo, por conseguinte, progride para a autotranscendência do sujeito num decurso qualitativo e dinâmico de subsunção e de transições. Nesse sentido, nada é deixado para trás, mas há uma unidade das funções operacionais cognitivas no âmbito da intencionalidade da consciência do sujeito. Nesse segundo nível é necessária uma resposta: 1) “Sim”; 2) “Não”; 3) “Talvez”. Esse é o momento da operação avaliadora, decisiva, deliberativa. Essas operações cognitivas constituem nosso ser-no-mundo. As orientações e operações aí são práticas e existenciais em sua orientação. É nesse momento das respostas que se insere um terceiro nível. Nesse nível nos cabe escolher ou decidir o que nós seremos verdadeiramente e o que faremos com nossas vidas. Esse terceiro nível é o existencial-decisório. É nesse nível que o sujeito lida com o estar, ou não estar, “apaixonado/a por Deus”. Esse é o nível da autotranscendência do sujeito. A autotranscendência se dá em termos de significação e de diferenciação dos graus da consciência cognitiva do sujeito. Enquanto o significado literal é vinculado ao termo, a autotranscendência é uma transição dinâmica e imanente na unidade da consciência. Explorar-se-ão os Capítulos 9,10, 11, 19 da opera magna de Lonergan intitulada *Insight: A Study of Human Understanding* (1957). Além disso, pesquisar-se-á o tema da teoria cognitiva da religião no Capítulo 1: “Método Transcendental” e no Capítulo 4: “Religião” de *Method in Theology* (1972), bem como a Conferência de 1968: *Faith and Beliefs*, que estabelece um diálogo com Friedrich

Heiler (1892-1967), e o artigo de 1980: *The Degrees of Self-Transcendence*. A teoria cognitiva Iouerganiana explica como, em níveis diversos e progressivos, a consciência do sujeito se expande até atingir uma unidade dinâmica, desembocando na autotranscendência. Para ele, é isso que torna a consciência capaz da experiência religiosa.

2. O embate moderno sobre a natureza da religião

Humberto Schubert Coelho – UFJF

humbertoschubert@yahoo.com.br

A religião tornou-se, desde o estabelecimento da modernidade, com sua postura progressista e crítica, um espaço ameaçado dentro das discussões teóricas, da filosofia à literatura. Conquanto tenham sido feitas inúmeras tentativas de uma defesa ou “reinvenção” da religião, os séculos XVII a XIX viram uma progressiva perda de terreno teórico para elementos da psicologia, da cultura e da linguagem, tornando-se mais difícil uma caracterização do elemento religioso, uma vez que dele se distanciavam os muitos elementos a ele associados. Spinoza, Kant, Schleiermacher e o idealismo operam distintas viradas interpretativas que despertam tanto alívio de uns quanto a desconfiança de outros no tocante à efetividade destes conceitos “econômicos” de religião em face das exigências de ordem metafísica, moral, comunitárias e até anímicas. Neste panorama surge, entre outras manifestações, o Espiritismo, como versão renovada da religião em seu grau máximo de exigência, confrontando duplamente ciência e a versão agnóstica da religião com um retorno à autoridade da revelação transcendente, mas agora em formato público e natural. A mediação entre todos estes movimentos demanda uma definição consensual teórica básica sobre a natureza da religião e seu escopo de influências sobre outras ordens da experiência humana.

3. O desenvolvimento da Filosofia da Religião e da Epistemologia Religiosa no século XX

Bruno Henrique Uchôa – UFSC

brunogwood@hotmail.com

A filosofia da religião moderna rompeu com os parâmetros da analiticidade que dirige a filosofia religiosa medieval. Com o advento histórico da filosofia analítica, em distinção a filosofia continental entre o fim do século XIX e início do século XX, algumas ferramentas da analiticidade já presen-

te nas discussões escolásticas foram tomadas de empréstimo pela filosofia da religião, criando uma disciplina mais técnica denominada filosofia analítica da religião. Os primórdios desta discussão podem ser encontrados ainda vinculados aos princípios do positivismo lógico e os critérios de significação de enunciados. Quando aplicado ao discurso religioso a principal preocupação era: são as asserções religiosas constituintes de significado? Em unísono, os proponentes do positivismo lógico bradaram que por não preencher os critérios empíricos de enunciados significativos, o discurso sobre Deus não tem qualquer significação, pois afirmações nestes moldes não podem ser verificadas ou falseadas empiricamente. Deste modo, o discurso religioso era considerado academicamente como sendo irracional. Uma reação forte a crítica positivista veio através de um movimento que ficaria conhecido como Epistemologia Reformada. Um dos seus principais proponentes, Alvin Plantinga, desafiou os críticos positivistas em seus próprios termos, produzindo uma defesa analítica para garantir a racionalidade do discurso religioso. Plantinga apontou que o que se esconde por trás de uma pretensa racionalidade é a noção de evidência, mas como ele indica, o evidencialismo não é necessário para a racionalidade. Nós temos crenças que sustentamos com grande padrão de racionalidade. Por outro lado, não temos nenhuma evidência para ela: como acreditar que existe um mundo externo a nós mesmos sem termos evidência de que não somos cérebros manipulados em um tanque? como acreditar que existe um passado e que eu tomei café há duas horas, mesmo sem evidência de que não fui formado com todas minhas crenças e lembranças implantadas duas horas atrás? Afinal, por que somos racionais em sustentar tais crenças sem termos evidência para elas? A resposta é que acreditamos que tais crenças sejam tão básicas ou fundamentais que elas não precisam basear-se em outras crenças, ou seja, elas não precisam de evidência. Mas por que, pergunta Plantinga, a crença em Deus, não pode ela mesma ser básica? A partir daí, analisaremos os princípios defendidos por Plantinga para a basicidade da crença em Deus e defenderemos a racionalidade do discurso religioso.

4. A interdependência entre piedade e religião positiva no pensamento de Friedrich Schleiermacher

Davison Schaeffer de Oliveira – UFJF
davisonschaeffer@yahoo.com.br

Esta comunicação tem por objetivo apresentar a teoria da religião de Friedrich D. E. Schleiermacher (1768-1834). Pretende-se analisar a construção metodológica própria de sua filosofia da religião, tal como ela foi elabo-

rada sobretudo nos Discursos sobre a religião (1799) e na Fé Cristá (1830). Intenta-se mostrar como Schleiermacher soube combinar uma abordagem transcendental do fenômeno religioso com uma perspectiva positivo-histórica das religiões. Estes são os dois âmbitos interdependentes da sua concepção de religião, a saber: (1) a esfera da piedade; e (2) a esfera da religião positiva. Para Schleiermacher, a religião é tanto um produto da natureza humana quanto um resultado da história e do tempo. A partir da discussão sobre as faculdades humanas, Schleiermacher determina a província peculiar da religião como “sentimento”. E a partir de sua contenda com a religião natural e a ortodoxia protestante, ele inaugura uma nova concepção de método para a teologia, com um caráter eminentemente prático – a orientação da Igreja – e interdisciplinar – em forte diálogo com a filosofia e a história.

5. Benjamin Constant de Rebecque, Schleiermacher e a Epistemologia da experiência religiosa

Marco Antonio Barroso – UFJF
marco.barroso78@gmail.com

O presente trabalho visa comparar as epistemologias da experiência religiosa propostas por dois autores de período romântico europeu, a saber: Benjamin Constant de Rebecque e Friedrich D. E. Schleiermacher. Ambos os autores tiveram grande importância, ao que se sabe, para a construção do marco teórico do que mais tarde viria a ser a fenomenologia da religião, segundo aponta G. van der Leeuw. Em um primeiro momento estudaremos a proposta de Constant de Rebecque, por se tratar de um autor menos conhecido. Em seguida resumiremos a teoria de Schleiermacher. Por fim, em nossa conclusão, levantaremos os pontos em comum e as diferenças entre as duas teorias propostas.

6. Das formas elementares ao sagrado selvagem: a concepção de sagrado na releitura de Roger Bastide

Angela Cristina Borges Marques – Unimontes
cre_unimontes@yahoo.com.br
Matheus Oliva da Costa – Unimontes
matheusskt@hotmail.com

Nos estudos sobre o fenômeno religioso de diversos pesquisadores que se debruçaram sobre essa temática está presente a noção de sagrado. Émile Durkheim, em sua obra *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, enten-

de a dualidade entre sagrado e profano como a característica fundamental do fenômeno religioso. A sua teoria da religião foi reinterpretada, como em Marcel Mauss ou rejeitada, como em Lévi-Strauss. Neste trabalho buscamos refletir sobre a releitura da concepção de sagrado em Roger Bastide. Cientista social que estudou as religiões de matriz afro no Brasil, Bastide criticou e reinterpretou este conceito durkheimiano baseado em suas pesquisas de campo. Faremos, então, uma revisão bibliográfica da obra de Durkheim e de alguns de seus comentadores, em especial de Roger Bastide, em relação ao fenômeno religioso. Como resultado, observaremos que a teoria durkheimiana da religião ainda se mostra bastante atual, mostrando-se como uma rica fonte para pesquisas na área. Contudo, atualizações teóricas, adequações a objetos de pesquisa e lapidações conceituais ainda são necessárias. Dessa forma, entendemos que a teoria de Bastide sobre o sagrado selvagem e o sagrado domesticado apresenta uma perspicaz adequação aos fenômenos religiosos brasileiros, bem como sua releitura do sagrado abre espaço a novas perspectivas nos estudos das religiões.

7. A interdisciplinaridade nas ciências da religião

Ana Maria Cassu Queiroz – UPM
ana_cassu@hotmail.com

Esta reflexão versa sobre o mito da objetividade científica defendido pelas ciências modernas, observando que todo conhecimento constitui-se eivado de valores culturais apropriados e subjetivados. A partir desta constatação, discorre a respeito da necessidade das ciências contemporâneas superarem seu caráter “instrumental hegemônico”, dispondo-se a uma perspectiva do “conhecimento para a emancipação”. Para tanto, reconhece no caminho da interdisciplinaridade, adotado pelas Ciências da Religião, também um referencial paradigmático, dentre outros possíveis, para as ciências contemporâneas.

8. A contribuição do pensamento reformacional de H. Dooyeweerd para o desenvolvimento de uma teoria da religião da religião

Luis Cavalcante de Souza Filho – UPM
prof.luiscavalcante@bol.com.br

A comunicação propõe-se investigar a relevância de aprofundar e entender a religião na interface e proposta de uma cosmovisão calvinista e pensamento reformado. A noção de religião não abarcaria apenas “fenômenos

religiosos externos”, grupos “religiosos institucionais ou não”, a construção cultural, social e econômica, ou ainda, uma área ou esfera da vida. Antes, há que perceber a religião como raiz primária de todo pensamento, que o envolve totalmente e lhe dá direção em cada domínio do empreendimento humano. Segundo o filósofo Herman Dooyeweerd, a religião é “o impulso inato do eu humano para direcionar-se rumo à verdadeira, ou a uma simulada, origem absoluta de toda a diversidade temporal do sentido”. Pretende-se verificar o conceito de religião no olhar da filosofia reformacional através da primeira da obra de Herman Dooyeweerd traduzida para o português, *No crepúsculo do pensamento ocidental: estudos sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico*. O princípio de leitura tem como fio vermelho a própria afirmação dooyeweerdiana da impossibilidade de uma pretensa autonomia do pensamento filosófico e científico.

9. Erotismo e Religião: a experiência com o sagrado em Georges Bataille e Rubem Alves

Anaxsuell Fernando da Silva (Unicamp)
anaxsfernando@yahoo.com.br

Nosso objetivo, nesta comunicação, é inicialmente apresentar os termos Erotismo e Religião presentes em Georges Bataille – autor que expõe a dimensão epistemológica da experiência erótica e seu fundamento religioso estabelecidos sobre as interdições e transgressões – e em Rubem Alves, para quem o corpo e a experiência erótica são pré-condições para a comunhão. A abordagem utilizada é problematizadora e aproximativa, na qual a finalidade é descobrir o sentido da erótica batailliana, produzindo-lhe uma compreensão da categoria “Religião” e a possível apropriação que Rubem Alves faz dessa concepção associando-a a possibilidade de liberdade (e a experiência de poder). Assim, num segundo momento, a partir deste diálogo entre os autores discutimos o encontro entre espiritualidade e sexualidade, evidenciando o ato da continuidade e descontinuidade humana, que supera e condena o ser. Com este cenário teórico configurado, advogaremos que a experiência religiosa se encontra no desvendar do erotismo, sendo este para ambos os autores a substância da vida interior do homem.

GT 13: Cristologia e Antropologia. Olhares cruzados.

Proponentes:

Prof. Dr. Érico João Hammes PUC-RS

ehammes@puccrs.br

Prof. Dr. Geraldo Luiz de Mori FAJE

geraldodemori@faculdadesjesuita.edu.br

Ementa do GT:

A cristologia estuda a principal figura do cristianismo, Jesus Cristo, que marcou profundamente as culturas onde sua mensagem foi anunciada e acolhida. Grande parte desta marca se reflete na própria visão do ser humano que emanou desta figura - a antropologia -, que foi ressemantizada onde a fé cristã enraizou-se e fez história e cultura. Muitas pesquisas recentes têm sido feitas no âmbito da cristologia, com as contribuições das ciências históricas e literárias, provocando grandes deslocamentos no discurso cristológico. Em parte, os resultados dessas pesquisas já têm sido divulgados em nosso país, provocando leituras inovadoras, feitas em geral em diálogo com a tradição latino-americana da teologia da libertação. Muito dessas pesquisas ainda não foi valorizado e aprofundado entre nós. Um dos objetivos desse GT é oferecer um espaço para que os estudos desse campo da teologia sejam mais divulgados e discutidos. Também o campo da antropologia tem sido enriquecido nas últimas décadas, com pesquisas renovadas vindas dos temas clássicos da teologia, como os da criação, da graça e do pecado, ou com novas abordagens na compreensão da constituição somático-psíquico-espiritual do ser humano, da diferença sexual, da sociabilidade, sem contar aspectos oriundos da diferença étnico-cultural e as novidades da cultura pós-moderna. O GT pretende igualmente acolher os estudos provocados por essas distintas temáticas. Finalmente, para além dos temas específicos da cristologia e da antropologia, o GT pretende aprofundar as novas articulações que hoje são feitas entre esses dois campos do saber teológico, mostrando suas relações de mútua fecundação.

1. As chagas de Cristo no palco de Suassuna: a representação teatral como mediação entre o cristológico e o antropológico no imaginário religioso brasileiro.

Cláudio Santana Pimentel – Mestre em CRE – PUC-SP
pimentelclaudio@live.com

Ao aproximarem-se os olhares da Cristologia e da Antropologia sobre o campo religioso brasileiro, é preciso considerar que as representações da Sagrada Família podem oferecer, ao pesquisador, importantes subsídios para a compreensão de determinados aspectos de nosso imaginário religioso. Estas se encontram enraizadas nas leituras populares do catolicismo, as quais servem, muitas vezes, de referência para reinterpretações literárias eruditas da experiência religiosa popular, especialmente no Nordeste, como se pode constatar em autores como João Cabral de Melo Neto e Ariano Suassuna. Pretendemos demonstrar, desde a análise das representações de Cristo no teatro suassuniano, que estas representações permitem ao povo nordestino elaborar a reversão e a superação simbólica de sua condição historicamente subalterna. Pretendemos, também, demonstrar na reescritura dos espetáculos populares religiosos, realizada pelo autor paraibano, o diálogo entre a apropriação das leituras religiosas populares e a recepção da tradição teológica cristã. Concluiremos enfatizando a fecundidade e as possíveis limitações desse modelo de representação para a reflexão cristológica e antropológica.

Palavras-Chave: Cristologia; Imaginário Religioso; Interpretação; Representação Teatral.

2. Cristo, o Proto-Ancestral: Uma Perspectiva das epistemologias do Sul

Antonio Alone Maia – Mestre em Teologia Sistemática PUC-SP
domaia05@yahoo.co.uk

Quais caminhos seriam adequados para se compreender e repensar a Cristologia a partir do universo simbólico africano, tendo como ponto angular as tradições ancestrais? A presente pesquisa busca entender o universo simbólico do povo africano Nyungwe, a partir da relação entre saúde/doença/cura, tendo em consideração a participação dos ancestrais na vida das comunidades. Nesse contexto, busca ainda co-relacionar tal cosmovisão à dimensão de uma Cristologia que permita aos povos em questão, entender, compreender e repensar, por sua própria lógica, a figura do Cristo e suas representações no contexto local.

Palavras Chave: Epistemologias do Sul, Tradição, Cultura, Ancestral, Proto-Ancestral

3. Cristologia Teopoética: encontros dialógicos entre a cristologia da libertação de Jon Sobrino e a poesia de Murilo Mendes

Daniel Santos Souza – Teólogo e mestrando em CER UMESP
dan.vca@gmail.com

Cristologia Teopoética: um encontro de saberes entre a teologia e a literatura, possuindo o mistério de Jesus Cristo em seu centro. Neste diálogo interdisciplinar, busco a construção de uma cristologia aberta, ensaiada e em-tentativa, trazendo as dimensões centrais, sobre esta temática, apresentadas nas reflexões do teólogo Jon Sobrino (1938-) e na poesia de Murilo Mendes (1901-1975). Este artigo – fruto de uma pesquisa de iniciação científica financiada pelo CNPq – adentra, portanto, nas discussões em curso de reavaliação do fazer-teológico latino-americano da libertação.

4. Desafios das interpretações atuais sobre o ser humano para antropologia cristã

Geraldo Luiz De Mori – FAJE
geraldodemori@faculdadejesuita.edu.br

O debate antropológico atual se desenvolve a partir de perspectivas diversificadas e muitas vezes contrárias. É possível distinguir nesse debate três grandes tendências: 1) a das ciências naturais, que compreendem o ser humano a partir da relação mente e corpo ou mente e cérebro; 2) a que reflete sobre a posição singular que o ser humano ocupa no mundo, insistindo sobre sua abertura, auto-transcendência ou excentricidade com relação aos demais seres vivos; 3) a da fenomenologia do corpo, e suas inúmeras distinções na abordagem do corpo (Leib e Körper, corpo sentido e corpo sentinte, corpo originário, corpo orgânico e corpo objetivo etc.). Cada uma dessas tendências levanta questionamentos à fé cristã e à compreensão que esta tem do ser humano. A proposta desta comunicação é a de caracterizar brevemente a tendências acima assinaladas, mostrando em seguida seus desafios e promessas para o pensar teológico do humano. Palavras Chave: Ser humano – Antropologia Teológica - Ciências Naturais – Auto-transcendência - Fenomenologia do Corpo

5. Uma neoantropologia? A vocação da pessoa na cosmovisão evolutiva de Pierre Teilhard de Chardin

Aparecida Maria de Vasconcelos – doutoranda FAJE
aparecidamv@ig.com.br

Hoje, o sentido do ser pessoa caracteriza-se por um esquecimento da sua singularidade. O próprio termo pessoa parece bem depreciado. Paradoxalmente, o valor absoluto da pessoa e dos seus direitos, jamais foi tão proclamado com tamanha intensidade. Interrogar a essência do ser pessoa é tarefa ingente e indispensável para o diálogo-confronto com a contemporaneidade. Assim, nossa comunicação propõe apresentar as intuições centrais da reflexão de Teilhard de Chardin sobre a essência da pessoa em sua cosmovisão evolutiva. Nosso itinerário reflexivo percorrerá, pois, três momentos. Primeiro, o esboço da situação histórica de Teilhard. A seguir, o personalismo, chave da cosmogênese, e por fim, algumas considerações críticas.

6. Cristologia do Espírito: A história recuperada.

Valdecir Luiz Cordeiro: Doutorando FAJE
valdecir@netcourrier.com

As cristologias do Espírito, propostas a partir dos anos 70 do século passado, buscam dar um maior entroncamento trinitário à reflexão cristológica. Pensam a relação entre Deus e Jesus de Nazaré e deste com a humanidade, mediante integração entre cristologia da Palavra e Cristologia do Espírito. Piet Schoonenberg afirma que a encarnação do Verbo de Deus não ocorre num momento pontual da vida de Jesus de Nazaré. A encarnação é história que se concretiza, pela ação do Espírito, na totalidade do evento Cristo, desde a concepção no seio virginal de Maria até a Paixão e morte de cruz, prolongando-se na vida cristã e na história da humanidade, mediante o dom do Espírito no evento pascal. O Espírito, portanto, ajuda na compreensão da encarnação do Verbo eterno do Pai. A pergunta orientadora do nosso estudo parte da constatação de que a encarnação é a categoria chave para a compreensão da relação entre Jesus e Deus. O Verbo, o Filho de Deus, Deus mesmo, se fez gente. E qual seria a categoria chave para compreendermos a relação entre Jesus e o Espírito? Nossa hipótese de trabalho, elaborada a partir do pensamento de Juan Luis Segundo, é a de que a história, entendida como dado antropológico de alcance universal, constitui-se como categoria chave para a compreensão da relação entre Jesus de Nazaré e o Espírito Santo, integrando coerentemente a cristologia da Palavra. Diante da permanente ameaça da imanência, o Espí-

rito mantém a história recuperada, dotando a humanidade das condições de possibilidade para acolher a revelação de Deus e, no caso específico de Jesus, criando as condições para a encarnação do Verbo e para que ela toque a existência humana como evento salvífico de alcance universal.

7. Perspectivas para uma Cristologia a partir da paz num país de violência

Erico Hammes – PUCRS
ehammes@pucrs.br

O objetivo do presente estudo é pesquisar a relação entre Cristologia e estudos de paz e não violência. Com aproximadamente 100.000 vítimas fatais da violência por ano, o Brasil se configura como uma dos países com maior ameaça física à vida das pessoas. Ao definir, conforme a opinião de alguns centros especializados, a paz como transformação criativa e não violenta dos conflitos, aceita-se que o Brasil esteja longe de ser um país de paz. Nasce daí o desafio de rever a contribuição da Cristologia como princípio transformador, uma vez que a tendência predominante da Teologia Cristã é fazer da paz um campo da Ética e muitas vezes apenas na discussão a respeito da chamada Guerra Justa, ou justificação do recurso à guerra. No contexto internacional atual, ao lado desse debate, especialmente no mundo anglo-saxônico, também se incluem as chamadas intervenções humanitárias das Nações Unidas. Nas declarações das Igrejas cristãs, seja do Conselho Mundial de Igrejas Cristãs, ou de algumas Conferências Episcopais (Americana e Alemã, por exemplo) aparece progressivamente a noção de paz justa como superação da guerra justa. Cresce, conseqüentemente, a exigência de revisar a Cristologia enquanto reflete a fé em Jesus de Nazaré como Cristo, num mundo de violência ante o desafio da paz. A comunicação pretende oferecer um panorama atual do estado da questão em vista da realidade brasileira, identificando os potenciais de investigação ainda em aberto com os recursos latino-americanos de uma Cristologia do Seguimento no Espírito Santo.

Palavras-Chave: Cristologia, Paz, Não Violência, Guerra Justa, Violência, Brasil.

GT 14: Paul Tillich

Proponentes:

Prof. Dr. Etienne A. Higuete, UMESP
Etienne.higute@meodista.br

Prof. Dr. Eduardo Gross UFJF
eduardo.gross@ufjf.edu.br

Prof. Dr. Ênio Mueller
enior.mueller@pq.cnpq.br

Prof. Dr. Eduardo R. Cruz PUC-SP
erodcruz@pucsp.br

1. Paralelos entre Tillich e Heidegger: elementos críticos entre o conceito de Deus e do Ser.

Paulo Ronaldo Braga Leal – UMESP

A pesquisa desenvolve paralelos entre as críticas à teologia de Paul Tillich que se fundamentam nas concepções heideggerianas sobre o conceito de ser. Defender-se-á que no uso do conceito do "ser" em Tillich - em relação ao conceito de "Deus", há permanente tensão, não-propriedade (linguagem), e que a "correlação" no método de Tillich deve ser entendida com base no "princípio de identidade" entre Filosofia e Religião.

2. A religião bíblica e a identidade narrativa

Vitor Chaves de Souza – UMESP

A presente comunicação tem por objetivo realizar uma interconexão entre os temas hermenêuticos bíblicos de Paul Tillich e Paul Ricoeur a fim de explorar o conceito de religião bíblica, em Tillich, e da identidade narrativa no aspecto religioso, em Ricoeur, encontrando congruências e divergências. A ponte entre Tillich e Ricoeur está na veemência ontológica do símbolo, do testemunho e da revelação. Ricoeur, ao longo de sua produção intelectual,

buscou o esclarecimento do ser humano no mundo. Sua aposta filosófica está no símbolo – o qual designa principal importância para a compreensão do ser humano. A simbólica, dentre os trabalhos culturais, juntamente com a teoria da narrativa, é uma das tarefas de compreender a realidade que é apreendida através da mediação da linguagem de textos, de história e de cultura. A narrativa cria uma declaração significativa a partir da manifestação de correspondência entre a incisão crítica do que “não é” na veemência ontológica do que “é”. A hermenêutica torna-se fundamental, pois interpretar o mito ajuda-nos a aprender a pensar a partir dos símbolos da falta e da transcendência que são expressas nas narrativas bíblicas. Na religião bíblica, analisada por Tillich, os símbolos expressados levam à questão filosófica do ser. Tillich, ao elaborar o corpo de sua teologia sistemática, relaciona-se mais precisamente aos problemas da fé, discursando sobre o símbolo e a revelação. “Religião Bíblica”, para Paul Tillich, é a relação entre a revelação divina e a recepção humana. O Antigo Testamento e o Novo Testamento são tanto revelação e religião. Enquanto descrição das narrativas revelatórias, a Bíblia é um meio da manifestação divina; enquanto registro da receptividade desta revelação, a Bíblia é religião. Tillich incorpora a ansiedade e dúvida na leitura dos textos bíblicos, enquanto Ricoeur, semelhantemente, diz que é no “intervalo da interrogação” onde a questão da fé pode ser ouvida. A recepção da religião bíblica é caracterizada pela questão do ser e da narrativa que é simbólica, carregada de testemunhos e revelações. O autor propõe uma análise ontológica para mostrar os aspectos existenciais da religião bíblica. Desta forma, veremos as implicações de uma religião bíblica inaugurada pela identidade narrativa, i.e., a teoria da identidade pessoal ou comunitária na qual conhecer é conhecer-se através do texto. Toda narrativa, mítica, metafórica ou fictícia, diz sobre o ser.

3. Tillich e a crítica à idéia de progresso: Aproximações ao pensamento pós-moderno

Cleber Araújo Souto Baleeiro – UMESP

Em sua conferência *A decadência e a validade da idéia de progresso*, de 1964, Paul Tillich tratou da “dificuldade” de se compreender o progresso como uma atitude existencial, a qual faz da história um transcurso rumo a um telos, onde o momento seguinte aparece sempre como superior ao anterior. A partir dessa crítica busco relacioná-lo ao pensamento pós-moderno, especialmente à filosofia de Gianni Vattimo e sua compreensão de pós-modernidade como despedida da modernidade em sua característica de “culto à novidade”, ou seja, de progresso como ideal humano e metafisicamente justificável. Para

isso, apresento a compreensão tillichiana de progresso, enquanto conceito e ideia, suas raízes nas religiões proféticas, em especial na tradição judaico cristã e a forma secular que toma da modernidade. Para Tillich, o conceito de progresso se dá por um processo de abstração e observação; já a ideia de progresso é a transposição do conceito em símbolo, assim, ele aponta para uma atitude existencial onde a história (do ser humano, mas também do cosmos) se converte numa linearidade infinita. A consequência disso é o que ele chama de “progressismo”, a ideia de progresso aplicada a toda ação. As religiões proféticas – ele pensa principalmente a partir dos três grandes monoteísmos (islamismo, cristianismo e judaísmo) – por partirem da noção de que Deus faz promessas a determinadas pessoas ou nações e as cumprirá, independente de qualquer coisa que se oponha, apontam para a compreensão de que Deus conduz a história. Portanto, o momento do cumprimento dos desígnios divinos é a consumação da história, momento para o qual o homem e o cosmos se dirigem. Se a consumação é o momento máximo no curso da história, aquilo que está mais próximo desse momento é melhor que o anterior. Apesar desse fundamento religioso da ideia de progresso, Tillich percebe também sua secularização. Para ele, isso se deu no Renascimento, onde o homem se torna “dono” de seu destino, diferente da concepção grega, e leva o “selo da originalidade”, diferente do homem medieval. A ideia de utopia surge daí: é algo que não está na história, mas que é aguardado. O desenvolvimento dessa secularização culminou, na época de Tillich, nas viagens espaciais, como um “progresso” do colonialismo europeu, e o avanço da tecnologia, como um “progresso” da dominação do homem sobre a natureza. Após esses passos, busco perceber as relações entre a crítica de Tillich e a de Vattimo na tentativa de perceber as aproximações do teólogo ao pensamento pós-moderno. Ao que me parece, tanto um como o outro percebem um enfraquecimento da ideia de progresso. Para Tillich, esse enfraquecimento acontece por gerar um tipo de alienação histórica, onde a vida torna-se um simples avançar sem objetivo. Para Vattimo, o progresso se enfraquece pela “superação” da metafísica, pelo menos da forma como sugeriu Heidegger. Para ele, a ideia de progresso de alicerça na metafísica, enquanto compreensão do ser como algo estável, passível de apropriação. Nessa perspectiva, progresso é a apropriação contínua do ser e de suas estruturas. Se a superação da metafísica é levada à sério, pode-se pensar também numa superação (*Verwindung*) do progresso.

4. Há experiência religiosa na recusa ao divino? Possibilidades da teologia da cultura na arte e revolta em Albert Camus

Kleiton Cerqueira de Almeida - Faculdade Teológica Batista Ana Wollerman – Dourados, MS

A presente comunicação estabelece um diálogo sobre a compreensão da arte em Camus e o conceito de revolta subjacente ao seu pensamento tendo em vista a ideia de uma teologia da cultura em Paul Tillich, esta, por sua vez, firmada sobre uma particular definição da religião e do religioso. Para Camus, a arte carrega uma tensão em si. Trata-se, com efeito, de sua relação ambígua com a história. Concordando com Nietzsche – sobre a intolerância da realidade no artista – Camus confirma o caráter transcendente da arte, ao mesmo tempo em que adverte quanto a imprescindibilidade da história na criação artística – se a arte não tolera a realidade, ainda assim, não pode prescindir do real. Deste modo, a arte carrega em si uma exigência, ao mesmo tempo que uma recusa. Sua transcendência é propriamente o reflexo de sua exigência ante o ausente, o qual considera necessário, bem como sua recusa do inapropriado no mundo. Na concomitância exigência-recusa efetiva na arte, Camus observa a revolta em um estado puro. Deste modo, a arte comunica-se com a revolta no que concerne ao movimento de criação atuante de maneira fundamental em ambas. Este caráter criador na revolta é apreendido a partir da compreensão que se tem desta como reflexo de uma exigência metafísica de unidade, sua consequente impossibilidade e seu movimento de criação de um universo de substituição. Nesse sentido, as ponderações a serem feitas giram em torno da substância religiosa presente tanto na arte quanto na revolta conforme apresentada por Camus, tendo-se em vista a relação indissociável estabelecida por Camus entre o absoluto e sua precariedade.

5. A palavra vivente: Linguagem como campo de aproximação à interface teologia e literatura

Hugo Fonseca Alonso Júnior – UMESP

Nesse resumo, tentar-se-á indicar a linguagem como lugar e eixo hermenêutico privilegiado à interpretação teológico-literária. A escolha da linguagem como locus interpretativo não se dá a esmo, antes sim essa escolha se baseia na centralidade que a linguagem ocupa tanto na Literatura quanto na Teologia. A fim de abordar a temática da linguagem, tendo em vista uma aproximação teológico-literária, propomo-nos refletir a cerca de: a) como a

interpretação teológica de Paul Tillich relaciona-se com a linguagem; b) como a linguagem se expressa na criação literária de João Guimarães Rosa. À literatura rosiana, a linguagem não é só um meio ou um veículo das mensagens profundas do artista, antes sim a linguagem é o campo da experimentação para o fazer literário. O cuidadoso trato da linguagem demandava de J.G.R. debruçar sobre uma única palavra durante dias, entretanto esse trato era o que explicitava a própria compreensão daquilo que é Literatura. Rosa não usa a linguagem de modo corrente ou referenciado em léxicos fixos. Para ele, é na linguagem que a arte encontra seu paradoxo espaço de realização e ir-realização. O escritor é cômico que o absoluto se realiza e se destrói em um momento fugidivo. Segundo Lélia Duarte, em Rosa “a arte literária falseia, não por mentir, mas por falar do que não sabe e do que não pode ser dito, em seu registro constante do ‘estar a morrer’.” Por outro lado, a Teologia reconhece que a linguagem humana excede os registros do saber, do poder e da ação onde a confinaram a ciência, a técnica, uma filosofia abstrata e uma prática política de curto prazo. Para a Teologia, a linguagem “deve possuir modos onde se exprima a existência e a esperança, onde o homem [sic] não disponha mais da linguagem, mas a escute.” As “línguas do saber” (linguagem da ciência e da técnica) não devem monopolizar os ouvidos daqueles que refletem e falam teologicamente. Sobretudo, deve-se escutar a “linguagem da existência”. O que nos fez relacionar o pensamento de Rosa com o de Tillich nessa breve reflexão sobre a linguagem é que ambos – na relação entre arte e biografia – rejeitam o sentido estrito/estrito da religião. A “presença de Deus” se dá tanto na “existência secular” quanto na “existência sagrada”. Tillich introduz uma reflexão sobre o desenvolvimento do existencialismo, a fim de observar similitudes com a arte de seu tempo. Assim como nas demais reflexões teológicas e filosóficas que teve, o teólogo alemão propõe uma reflexão correlacional (de “estar relacionada com”) entre religião e arte, eixo sobre o qual refletiremos com vistas no poder simbólico das línguas teológica e literária. Por fim, tentaremos indicar que, além de apresentar-se como eixo hermenêutico da interface proposta, as línguas literárias e teológicas são inescapavelmente ambíguas.

6. Teologia qua Escatologia na Teologia da Era de Ouro: Escatologia em Barth, Bultmann, Tillich e Moltmann.

Ricardo Quadros Gouvea – UPM

É possível afirmar que os teólogos dialéticos do século XX (Barth, Bultmann, Tillich) apresentaram um novo caminho para a teologia revendo o sentido e a natureza da discursividade teológica, mas foi somente Moltmann

que pôde, nos tempos da virada linguística, expressar de forma clara o que poderíamos chamar de processo de escatologização da teologia. Hoje é possível traçar o caminho teórico que foi percorrido de Barth a Moltmann, e entender melhor a construção da estrutura doxástica que tornou possível o surgimento das teologias políticas, pós-liberais e pós-modernas, na segunda metade do século XX. Esta comunicação pretende apresentar uma hipótese acerca do fio condutor que reconstruiu a teologia cristã no século XX, desde a crítica ao liberalismo até o pós-liberalismo, hipótese que vê a chave deste processo transparadigmático na redefinição, primeiro, dos símbolos escatológicos, e, segundo, da natureza da discursividade teológica, e da conexão entre ambas estas redefinições.

7. Teologia da Cultura e a Hermenêutica Teológica no quadro das Ciências da Religião.

Manoel Ribeiro de Moraes Junior – UEPA

O pensamento de Paul Tillich tem diversos matizes disciplinares (Teologia, Filosofia, Hermenêutica, Psicologia, História das Religiões, etc.) e infinitas influências intelectuais. A sua trajetória universitária o inspirou a pensar e escrever seriamente sobre teologia e filosofia em diálogo com os intelectuais de seu tempo. O romantismo alemão (Friedrich Schelling e Friedrich Schleiermacher), a ontologia hermenêutica (Martin Heidegger e Nicolau Hartmann) e o criticismo dos pensadores frankfurtianos, entre outros movimentos intelectuais importantíssimos de sua época, foram interlocutores (literários ou pessoais) decisivos para que suas obras tivessem a abrangência e importância de destaque nos séculos XX e XXI. Intelectuais menos avisados leem as obras de Paul Tillich como manuscritos de uma teologia detida aos interesses da metafísica clássica, outros o remete às trilhas heréticas em relação à(s) ortodoxia(s) do pensamento cristão, ainda outros, mais positivistas, o veem como intelectual menos avisado do rigor científico inerente às Ciências Humanas. Porém, em Paul Tillich, encontramos uma discussão sobre “religião” e “linguagem” que favorece os estudos da Religião como um espaço próprio de ação/significação e experiência/linguagem (esfera cultural, nos dizeres de Weber) considerando, inclusive, a alteridade dos seus diversos conjuntos de significações. Assim, pode-se encontrar no pensamento de Paul Tillich referências propedêuticas ainda pertinentes para o estudo das Ciências da Religião.

8. O Xamanismo indígena Guarani como expressão demônica da Cultura

Gustavo Soldati Reis - Faculdade Teológica Batista Ana Wollerman – Dourados, MS

O Xamã/rezador Guarani é um ator social profundamente religioso e, conseqüentemente, agente fundamental no processo de estruturação da vida cultural das comunidades indígenas (VIVEIROS DE CASTRO, 2002; CLASTRES, 2003; PEREIRA, 2004). As práticas xamânicas são, na realidade, um “campo de mediação/fronteira” (metáfora cara a Tillich) para lidar, por hipótese, com a radicalidade da ambigüidade da religião, radicalidade essa nomeada por Paul Tillich por “demônico”. Assim, o xamã negocia, constantemente, as relações de vida e de morte, negociações que estruturam e podem desestruturar o “universo” de sentido religioso dos indígenas na relação com o sagrado. Para Tillich, as formas culturais apresentam-se em uma existência ambígua, porque o “fundamento” religioso das mesmas é profundamente ambíguo. Essa ambigüidade da religião, essência do sagrado, enquanto experiência do incondicional é o que caracteriza, justamente, a noção de “demônico”, ou seja, um princípio criativo e destrutivo, incorporando elementos significativos e sem sentido (CRUZ, 2008). Mesmo que Tillich nunca tenha problematizado a experiência cultural (no fundo, religiosa), de grupos tradicionais indígenas, esta proposta de comunicação procura estabelecer caminhos de diálogo na fronteira entre a Teologia e o saber antropológico, no que se refere a repensar as relações entre religião e cultura, relações essas centrais nas múltiplas mediações do pensamento trilhadas pelo referido teólogo. Certamente que a noção tillichiana do demônico conta com uma história que perpassa praticamente toda a biografia intelectual do mesmo. Mesmo que o caráter negativo do demônico tenha acentuado-se em sua fase de vida “americana”, o pressuposto ambíguo da noção, herança de sua produção alemã dos anos 20 em torno de uma “Teologia da Cultura”, manteve-se: em todo processo de criatividade cultural na busca da manifestação do sentido incondicional da vida (definição de religião), o grande desafio é correlacionar uma “inventividade” positiva com uma “inventividade” negativa: essas polaridades marcam a religião. Principalmente em contextos de profunda fragmentação religiosa e desterritorialização social pelos quais passam muitos grupos Guarani e Kaiowá na atualidade (por exemplo, os situados no cone sul do Estado de Mato Grosso do Sul e, em especial, os da reserva indígena do município de Dourados), as práticas xamânicas compreendem-se no esforço mediador, de difícil alcance, de vivência da religião em seu poder criativo de reconfigurar o espaço de sentido, mesmo

na convivência com os poderes criativos de destruição de sentidos. Assim, a contribuição de lançar fronteiras de diálogos entre experiências religiosas de grupos significativos da realidade brasileira e a “Teologia da Cultura” de Paul Tillich, perfaz a proposta dessa comunicação.

9. O instante que completa a alma: diálogo entre Paul Tillich e Cecília Meireles

Noêmia dos Santos Silva

O diálogo entre Religião e Literatura vem ganhando espaço significativo no meio acadêmico. Paul Tillich defende a tese de que a teologia está presente em qualquer obra de arte independente da sua temática religiosa. Em sua Teologia da Cultura ele destaca que a teologia é a substância da cultura e a cultura, por sua vez, é a forma da religião. Desta forma, o Incondicional está presente em todo espaço e lamenta o fato de que a Igreja, através de seus dogmas, o aprisiona querendo assim mantê-lo apenas para si. Através da Teologia da Cultura, abre-se espaço para que arte também seja aceita como revelação do Incondicional. Tillich foi grande apreciador da arte. É notável em muitos pesquisadores da Teologia da Cultura a descrição do êxtase revelador de Tillich diante de umas das Madonnas de Botticelli. Percebe-se a sensibilidade deste teólogo para com a arte. Desta forma, para ele, em cada experiência estética o sentido incondicional “vibra”. Sendo assim, todo sentimento estético é um sentimento transcendente. A Literatura também fora alvo de estudo da Teologia da Cultura, porém com menos destaque. Neste sentido, a poesia não teve muita relevância nas análises tillichianas, mas ele também via nos textos poéticos esta presença marcante do Incondicionado. Assim como a experiência estética diante da obra de arte faz vibrar o sentido incondicional, não obstante a poesia também estabelece a mesma experiência. Isso depende do vínculo que o ser humano tem para com este tipo de arte. Cecília Meireles foi uma poetisa que perdeu seus familiares quando ainda era menina. Criada por sua avó, as perdas sofridas fizeram parte de toda sua história de escritora. Sozinha e na solidão seus escritos perscruta a introspecção marcada pelo lirismo de quem carrega a dor da saudade dentro de si. Mas apesar de sua história trazer marcas dolorosas, Cecília Meireles soube como ninguém cantar a “reinvenção da vida sendo serena na passagem do tempo”. O tempo que acumulou na memória da poetisa uma vida sofrida, mas que ela encontrou em seus versos, crônicas um sentido para viver. Em sua poesia “Motivo” a poetisa ressalta a questão do tempo frisado no “instante” como fator de sentido para sua vida. E este ins-

tante é um tempo que completa a alma dela. Tillich teve no “instante” diante da obra de arte um tempo revelador. Cecília escreve que o “instante” é um tempo que completa a alma, mas ao mesmo tempo é fugidio, passageiro. É um tempo que dura apenas um instante, portanto não dá para aprisioná-lo. A presente comunicação tem como objetivo estabelecer vínculo entre Literatura e Teologia instigando para averiguar até que ponto o método da Teologia da Cultura de Tillich se aplica a poesia de Cecília Meireles “Motivo” ao se referir o “instante” como tempo que completa a alma.

10. A problemática entre teoria da arte e teologia da cultura em Paul Tillich

Elton Vinicius Sadao Tada - UMESSP/CESUMAR

Paul Tillich, o teólogo da cultura, nos deixou um legado que avalia não apenas questões sistemáticas sobre a teologia e a filosofia de seu tempo, mas também que nos permite pensar sobre a cultura de nosso tempo. O diálogo entre religião e arte tem sido feito a partir de Tillich tanto no Brasil quanto em outros países, entretanto levando em conta a realidade brasileira de hoje pode-se questionar se a análise teológica tillichiana da obra de arte não tem privilegiado apenas o ambiente acadêmico e as classes ‘cultas’ da sociedade. Apresentar e questionar como tem sido a pesquisa tillichiana no âmbito da relação entre religião e arte também permitirá que caminhos viáveis para tal engenho sejam apontados. É fato que Tillich desenvolveu menos uma teoria da arte ou uma estética do que outras áreas de sua teologia. Entretanto, a Teologia da Cultura, que pode ser considerada uma chave de leitura para todo o pensamento tillichiano abarca o estudo sobre relação entre religião e arte. É nesse ponto que pode-se levantar uma segunda questão, de resolução mais complexa: até que ponto existe, de fato, no pensamento tillichiano uma teoria da arte (ou uma teologia da arte) e até que ponto simplesmente aplica-se a teologia da cultura em um de seus âmbitos, a arte, que subsiste com muitos outros, como a política e a educação? Essas questões serão o norte para o presente trabalho e tentar respondê-las será um caminho que certamente não levará a um fim específico, mas que proporcionará uma discussão sobre os problemas propostos.

11. Razão e Revelação no pensamento de Paul Tillich

Antonio Almeida Rodrigues da Silva - Faculdade de Teologia e Ciências Humanas, Macapá, AP

Objetiva-se nesta comunicação discutir os conceitos de razão e revelação no pensamento de Paul Tillich. Em sua Teologia sistemática, ele distingue entre um conceito ontológico e um conceito técnico de razão. O primeiro é predominante na tradição clássica, desde Parmênides até Hegel. O segundo – embora sempre tenha estado presente no pensamento pré-filosófico e filosófico – tornou-se predominante desde o colapso do idealismo alemão clássico e o surgimento do empirismo. Conforme a tradição filosófica clássica, razão é a estrutura da mente que capacita a apreender e transformar a realidade. Ela é efetiva nas funções cognitiva, estética, prática e técnica da mente humana. A razão clássica é logos, seja ela entendida de forma mais intuitiva ou mais crítica. O conceito ontológico de razão sempre é acompanhado, e às vezes substituído, pelo conceito técnico de razão. Esta, por mais sutil que possa ser em seus aspectos lógicos e metodológicos, desumaniza o ser humano, uma vez que está separada da razão ontológica. A razão técnica só é adequada na medida em que se torna expressão da razão ontológica e como sua companheira. A questão tradicional envolvendo a relação entre razão e revelação, segundo Tillich, não deveria ser discutida em nível de razão técnica, mas sim em nível de razão ontológica, de razão no sentido de logos. A razão ontológica, então, é definida por Tillich como a estrutura da mente que a capacita a compreender e configurar a realidade. No que se refere à revelação, Tillich assinala que esta sempre é expressa numa situação concreta, ou seja, ela acontece na realidade histórica. Isto porque a negação da contemporaneidade põe em perigo o elemento transcendente da revelação. Quando a revelação não se faz contemporânea do ser humano concreto, ela passa a ser dependente dele. Ora, essa concepção faz com que o indivíduo seja o meio de atingi-la, contudo essa não é uma tarefa humana. A revelação é a manifestação do fundamento e do sentido incondicional da existência humana. É uma questão de ultimate concern que envolve a personalidade total e efetiva-se através de um jogo de símbolos. Mas só podemos falar nela se ela tornou-se revelação para nós, se a experimentamos existencialmente. A revelação, entretanto, sempre terá um caráter misterioso, devido à impossibilidade do ser humano em alcançar a sua compreensão plena. Ela sempre revelará algo, ocultando características que não podem ser apreendidas pelo espírito humano. A revelação não dissolve o mistério em conhecimento, porém, o verdadeiro mistério aparece quando a razão é conduzida para além de si mesma, a seu ‘fundamento e abismo’, àquilo

que ‘precede’ a razão, ao fato de que ‘o ser é e o não-ser não é’, ao fato original (Ur-Tatsache) de que há algo e não o nada. Sendo assim, revelação é a manifestação daquilo que nos diz respeito de forma última.

12. Os métodos da filosofia da religião em Paul Tillich

Etienne Alfred Higuete – UMESP

Partiremos de duas obras de juventude: “O sistema das ciências segundo objetivos e métodos” (1923) e a “Filosofia da religião” (1925). A primeira apresenta três métodos para a filosofia: crítico, fenomenológico e metalógico. A segunda trabalha com quatro métodos: dialético-crítico, fenomenológico, pragmático e metalógico ou crítico-intuitivo. Nos dois casos, o método metalógico é considerado o mais adequado ao seu objeto, a religião, superando mas incorporando, de certo modo, os outros. Trata-se de apreender o conteúdo de sentido (Sinngeshalt) através das formas da significação (Sinnformen). O método metalógico é a base da teologia da cultura, que Tillich desenvolve de modo não sistemático nos anos 20 e 30 do século XX. Mostraremos também como o método metalógico encontra o seu prolongamento e seu substituto no método ontológico da filosofia da religião, em contraste com o método cosmológico, no artigo “Dois tipos de filosofia da religião” (1946) e, afinal, na ontologia existencial do método da correlação na “Teologia Sistemática” (1951, 1957, 1963). Concluiremos com uma breve avaliação crítica.

13. Conteúdo e forma: Kierkegaard e Tillich em diálogo

Jonas Roos - UFJF

Para Kierkegaard e Tillich, o paradoxo é um conceito central que procura unir, sem confundir, e distinguir, sem separar, eternidade e temporalidade. Os autores desenvolvem, cada um à sua maneira, um método de correlação. Esta centralidade do conceito de paradoxo e o desenvolvimento do método de correlação nesses dois autores não é algo casual, mas fruto de uma conexão intrínseca entre conteúdo e forma. O sistema de Tillich, ao explicar os conteúdos da fé a partir de perguntas existenciais e de respostas teológicas em interdependência mútua reverbera o paradoxo cristológico. Kierkegaard, por sua vez, não quer escrever sistema. A publicação de seus livros, entretanto, constitui uma obra inteligentemente e intencionalmente orquestrada. De um lado, temos as obras publicadas sob diversos pseudônimos e que espelham a busca de sentido para a existência articulando, indiretamente, perguntas existenciais e, de outro, a publicação de discursos cristãos que procuram atualizar

a mensagem cristã para uma situação cultural determinada. Não apenas o conteúdo, mas também a forma da obra, nesses dois autores, aponta constantemente para o paradoxo. Este texto argumenta que é o paradoxo que define o método, e não o contrário; que esta questão é crucial para entender a estrutura do pensamento tanto de Kierkegaard quanto de Tillich e que o diálogo entre esses dois autores ilumina mutuamente a compreensão de seus pensamentos.

14. A ontologia de Parmênides e o efeito sofístico na Teologia Contemporânea de Paul Tillich

Guilherme Estevam Emilio – UNIFESP

Este trabalho estuda a ontologia de Paul Tillich a partir da discussão clássica entre os escritos de Parmênides e a crítica dos sofistas. O objetivo do trabalho é mostrar de que forma Paul Tillich retoma argumentos ontológicos de Parmênides juntamente com a crítica dos sofistas e consegue construir um sistema que engloba desde filosofias clássicas até as filosofias e teologias contemporâneas.

Uma das soluções ao problema da ontologia expostas por Tillich, diferente daquelas apresentadas pelo realismo e nominalismo, é voltar à filosofia que requer a questão do ser ante o quebra em essências universais e conteúdos particulares. A que tipo de filosofia se refere Tillich? De que forma essas concepções clássicas influenciam suas noções de ontologia? O que há de novo na ontologia de Tillich? Estas questões norteiam o conteúdo da pesquisa.

Em relação ao método, serão utilizadas bibliografias que estudam a ontologia a partir da metafísica e aquelas que observam a ontologia pelo viés sofista. O foco principal está nas obras de Paul Tillich sobre ontologia.

15. Considerações sobre a perspectiva de Donald Dreisbach sobre a “hermenêutica de Tillich”

Eduardo Gross –UFJF

Donald Dreisbach é autor de um importante artigo em que procura sintetizar a hermenêutica de Tillich. Sua exposição se baseia na centralidade dos símbolos na teologia deste teólogo assim como no método da correlação como processo interpretativo utilizado. A partir destes pressupostos fundamentais, diz que para Tillich o Ser-em-si só pode ser expresso por meio de

símbolos, mas a linguagem filosófica, ontológica e teológica tem a função de promover uma compreensão racional deste símbolo. Enuncia então o que parece ser para ele o dilema fundamental: Ou se tem um conhecimento do que é o Ser-em-si, tornando os símbolos algo supérfluo, algo decorativo; ou não se tem conhecimento do Ser-em-si, e só há ressimbolizações com o uso da linguagem filosófica. Dreisbach propõe o conhecimento existencial (utilizando o conceito de “awareness”) como forma de resolver este dilema, apontando ainda para a continuidade da distinção entre religião e teologia como fundamento para a impossibilidade de se eliminar a função dos símbolos. A presente comunicação pretende examinar esta proposta de Dreisbach, com especial atenção para a compreensão de “conhecimento” que se expressa em seu artigo.

16. Huguenotes e Tupinambás, encontros e desencontros do pensamento calvinista com a cultura Tupi-Guaraní.

Jorge Pinheiro dos Santos – UMESP/FTBS

Os pensamentos políticos e religiosos vêm do ser humano enquanto unidade, a relação huguenote/tupinambá está enraizada no ser que ambos são. É por isso que não se pode entender essa correlação pensamento calvinista/cultura tupi-guarani sem contextualizar seu enraizamento no ser humano enquanto ser imbricado a pulsões e interesses, constrangimentos e aspirações constituintes do humano. Mas também é impossível separar o huguenote de sua consciência, ou ver o tupinambá como simples subproduto do ser tupi-guarani. Assim, a consciência estrutura ser huguenote enquanto ser social, em cada um de seus elementos, inclusive as sensações pulsantes mais primitivas. Mas, quando se tenta desfazer laços passa-se ao largo da primeira e mais importante característica daquilo que é humano, de que há uma consciência inadequada ao ser, uma falsa consciência, que, no entanto, não invalida a unidade do ser e da consciência. Isto porque, não é possível haver falsa consciência quando o que é designado não é conhecido. Assim, a consciência ajustada é uma consciência que emerge da pessoa e ao mesmo tempo a determina. Não pode ser uma coisa sem ser a outra, porque o humano é uma unidade na divisão, e desta unidade nascem as raízes do pensamento político e religioso. O ser humano, quer seja o huguenote recém desembarcado no litoral do Rio de Janeiro, ou o tupinambá estabelecido na região, se encontra enquanto realidade dada, assim como seu ambiente. Este encontro do pensamento calvinista com a cultura tupi-guarani criou a possibilidade de algo novo, que não existia antes, que poderia produzir uma consciência, diferente das originais de cada grupo. A realidade daquilo que huguenote e tupinambá eram estava

a priori colocada, era algo próprio. Mas, agora tínhamos uma tensão entre o ser-próprio huguenote e tupinambá e o ser-posto frente a frente no litoral do Rio de Janeiro. E aqui a origem não liberta. Não se pode dizer que eram e que não são mais. Sem dúvida eram puxados pela origem, que os segurava firme, fazendo-os submergir. E se a origem é o que estabelecia como algo huguenote e tupinambá, ser-posto frente a frente supunha caminhar para a morte ou em direção ao novo. Isso é o que pretendemos analisar aqui.

GT 15: Religião e Modernização no Brasil

Proponentes:

Prof. Dr. Emerson Silveira UFJF
emerson.silveira@ufff.edu.br

Prof. Dr. Marcelo Camurça UFJF
mcamurca@acessa.com

Prof. Dr. Pedro A. Ribeiro de Oliveira PUC-Minas
pedror.oliveira@uol.com.br

Ementa do GT:

A modernização do Brasil inicia-se na segunda metade do século XIX, ganha força a partir do período varguista e prossegue até nossos dias, tendo mudado muitos elementos da sociedade e da cultura brasileira. O foco deste GT é a relação entre esse processo – que se estende de uma “modernização conservadora” até elementos da chamada “pós-modernidade” – e a religião – por nós entendida no seu sentido mais amplo, de modo a abarcar todo o campo de suas expressões sociais. Tomando a perspectiva das Ciências Sociais, este GT abre-se ao estudo das várias possibilidades dessa relação: contempla a religião como fator de resistência, de favorecimento da modernização, ou a paradoxal combinação destes dois movimentos como assistimos nos dias atuais.

1. Um modelo brasileiro em expansão: as obras sociais da Igreja Universal

Nina Rosas - UFMG

Esse trabalho apresenta as obras sociais da Igreja Universal em dois âmbitos distintos. De um lado, a caridade no Brasil visa apresentar a dimensão propositiva e benevolente da Igreja através da parceria com a Rede Record (Instituto Ressoar), pela ação constante de políticos evangélicos ligados à Universal e ainda, pela filantropia do A Gente da Comunidade – que se mostra um extensor da linguagem e da dinâmica da guerra espiritual desses crentes, acabando por arquitetar um mecanismo de competição entre voluntários que permite certo trânsito na rígida estrutura hierárquica da Igreja. No exterior (Portugal, Namíbia e África do Sul), a ação social da IURD é exportada representando um dos meios de estabelecer parcerias com os governos locais e com instâncias deliberativas, e mostra como a Universal incorpora atributos autóctones, traduzindo-se de acordo com as demandas e expectativas da região, tornando-se assim fortemente competitiva no cenário religioso global. Mas, para além dessa perspectiva, a IURD transnacional desenvolve programas que funcionam como uma espécie de irmandade (Sisterhood, Woman in Action, Eu sou da Paz) que mostra a Teologia da Prosperidade focada nas promessas de libertação de traumas psicológicos e na obtenção de sucesso emocional, vinculando os fiéis de modo distinto do que o forte “evangelismo de massa” da IURD faria pensar. O assistencialismo Iurdiano se configura como um vasto repertório de ações em direção ao outro, que podem ser acionadas mediante a interpretação das contingências locais, ocorrendo sob rubricas que se permeiam e se confundem.

2. Itinerário pastoral de Dom José Maria Pires – a terra, o povo e o meio

Mauro Passos - PUC-Minas

A presente comunicação faz uma análise do movimento pastoral desenvolvido na Arquidiocese da Paraíba de 1965 a 1995, no período de Dom José Maria Pires. Faz um percurso histórico dos novos movimentos que envolveram as camadas populares, priorizando as Cartas Pastorais direcionadas para os lavradores da região. Recupera a memória deste período histórico, através de um depoimento concedido por este prelado, para uma pesquisa mais ampla que originou num livre recentemente publicado: Um pastor em movimento: Dom José Maria Pires desatando nós. As Cartas Pastorais foram resultado de

um intenso trabalho que articulou o Centro de Defesa dos Direitos Humanos, os Sindicatos e a Pastoral da Terra. Trata-se de cinco pastorais sobre a questão da terra, no período de 1975-1978. Embora não tenha escrito um documento oficial sobre pescadores, em 1969 iniciou-se um movimento denominado “O Leme” que deu origem à Pastoral dos Pescadores. Foi um movimento pioneiro na região nordestina por envolver núcleos de Pernambuco e do Rio Grande do Norte. Um palco de vivências, lutas, resistências e utopias compôs o cenário religioso deste período. Momento de efervescência e mobilização popular e, paradoxalmente, tempo de autoritarismo e desrespeito aos direitos sociais e humanos. Esta comunicação recupera lembranças de um ator na paisagem religiosa atual, utilizando fontes escritas e os recursos da História Oral.

3. Religião e modernização no Brasil: O Encanto e Encontro da Religião e Mídia Televisiva

Maria Piedade Coutinho Marçal Azevedo – UNICAP

O estudo aborda a hibridização de dois campos comunicacionais: o religioso e o midiático como meio de expressão da comunidade de fé no seio da sociedade industrializada, capitalista e de política neoliberal. O interesse é de investigar como as novas tecnologias de informação e comunicação e o mundo do entretenimento, que são característicos da contemporaneidade, apontam para uma nova ambiência da experiência religiosa. O sagrado aparece no meio eletrônico como uma alternativa para sobreviver na luta simbólica frente à pluralidade de discursos e instituições religiosas e se apropria das linguagens e técnicas utilizadas pela indústria do entretenimento para alcançar seus fins. No estágio atual da sociedade, poucos segmentos conseguem resistir à sedução do espetáculo. Também a religião segue uma trajetória de identificação cada vez mais estreita com esse modelo. Por outro lado, a própria mídia se reveste da aura religiosa na sociedade do espetáculo. Refletir sobre a dialética da sacralização do espetáculo e espetacularização da religião passa pela compreensão do processo de midiáticação da religião. O estudo verifica o surgimento de novas práticas sócio-religiosa e discursiva configurando, portanto, a criação de novas formas de experimentar a religião que não excluem aquelas já utilizadas através da celebração da missa, participação de grupos jovens, de oração e nos retiros e encontros promovidos pela comunidade de fé.

4. A expansão “em tempo real” do Reino de Deus: carisma e modernização na Igreja Mundial do Poder de Deus

Elisa Rodrigues – UNICAMP

O processo de modernização no Brasil deu-se em “desajuste”, para usar uma expressão de Florestan Fernandes que o caracteriza, ainda, pela “demora cultural”. Demora que ocorreu em função do descompasso entre a nova forma – do Estado democrático republicano – e a postura que refletia a forma antiga da sociedade, de mentalidades marcadas pelo pessoalismo nas relações, pela tradição católica e pelo Estado centralizador. No Brasil, a “modernização conservadora”, portanto, deu-se como processo que acomodou novas estruturas (da revoluções industriais, do processo de individualização) às formas antigas. Neste lastro, a religião anteriormente fadada ao fim, submeteu-se criativamente às mudanças sociais, ora resistindo às transformações, ora logrando seus benefícios. O objetivo dessa comunicação é apresentar quais estratégias a Igreja Mundial do Poder de Deus tem empregado para implementar sua expansão (visibilidade e comunicabilidade por meio das tecnologias de mídia), sem, contudo, prescindir do pessoalismo nas relações, do carisma religioso e do traço centralizador, evidenciado principalmente na figura de seu líder Apóstolo Valdemiro Santiago.

5. Múltiplas pertencas, desinstitucionalização e desregulação da crença. Explorações sobre a modernidade religiosa no Brasil

Alessandro Bartz – EST-RS

Este artigo discorre sobre o movimento religioso da pertença e da crença, fenômeno característico da modernidade, da diversidade e do pluralismo religiosos. Investiga-se a recusa e a fragilidade de pertença institucional, a desregulação da crença através de novas formas de crer como uma recomposição da religião. Como subsídio empírico, oferece-se a descrição de trajetórias biográficas de duas migrantes que se encontram na capital carioca, casos de peregrinos religiosos, que ao perambularem por diversas religiões, definem e redefinem um crer não-institucional, uma composição e recomposição própria através de bricolagens de crenças, de costuras inusitadas do ponto de vista institucional. Chama-se, por último, a atenção para as múltiplas pertencas marcadas por “passagens” e a perda de controle e regulação das instituições religiosas sobre a produção da crença.

6. Liberalismo e protestantismo no Brasil do século XIX

Breno Martins Campos – UP Mackenzie

Resultado de pesquisa bibliográfica e documental, em diálogo crítico com autores religiosamente engajados (alguns pertencentes ao campo científico) e com cientistas (sem participação no campo religioso), minha comunicação trata da conhecida hipótese de que o protestantismo ofereceu, no plano das ideias e até mesmo no material, apoio para os movimentos políticos que lutavam contra a hegemonia conservadora do catolicismo-romano no Brasil na segunda metade do século XIX. Contra a tendência de considerar o protestantismo como um catalisador intencional do liberalismo e do republicanismo, proponho que parte das camadas liberais brasileiras se valeu do espírito e prática trazidos pelos protestantes dos EUA contra o conservadorismo (e até ultramontanismo) do catolicismo colonial; e que os protestantes aproveitaram a acolhida dos liberais para lutar por liberdades: culto, evangelização, imprensa de divulgação, construção de templos. Houve uma convergência entre liberais e protestantes que resultou em modernização, mas de espécie conservadora, pois os interesses dos protestantes eram mais religiosos do que políticos ou sociais – haja vista o silêncio, que durou anos, em relação à abolição da escravidão. O protestantismo de missão se fez progressista no Brasil da segunda metade do século XIX, aliado ao liberalismo, não como estratégia ou decisão conciliar, antes, como instinto de sobrevivência religiosa e social, num país oficial e hegemonicamente católico-romano. O século XX veio para demonstrar a verdadeira face do protestantismo conservador instalado no Brasil.

7. A religião sob a ótica do espaço: contradições e ambigüidades da cidadania no Brasil contemporâneo

Sérgio Gonçalves de Amorim – UC-SP

Esta pesquisa teve como objetivo apresentar uma contribuição à compreensão dos fenômenos religiosos a partir de suas relações com o espaço e com a cidadania. As variáveis, religião, espaço e cidadania são cada qual ao seu modo, parte de uma construção histórica e social, apresentando determinados nexos entre si, que denotam certas contradições e ambigüidades entre elas. Um exercício pleno da cidadania por todos implicaria em um rompimento com toda ordem hierárquica na sociedade, o que só se efetivaria na práxis, através de lutas de emancipação pela liberdade, associadas à construção de uma cidadania correlata a estes movimentos. Isso implicaria, também, numa

libertação das pessoas de certa alienação imposta pela religião, pelo Estado e pelo mercado, que formatariam a vida em certo sentido, e de modo irônico, em detrimento da mesma. Esta dualidade liberdade/submissão implicada na construção da religião, do espaço (religioso/urbano) e da cidadania seria uma contradição e ambigüidade fundamental entre as variáveis desta pesquisa, em que se realiza uma análise teórica do processo de urbanização, de espacialização das práticas religiosas e de algumas de suas implicações para as expressões/supressões de um exercício de cidadania. Por outro lado, uma verificação empírica de parte dos apontamentos teóricos elencados foi realizada, a partir de uma análise do processo de formação do espaço urbano no município de São José dos Campos (SP) e, no contexto desse espaço urbano e cidade, algumas das estratégias de inserção sócio-espacial da 'Primeira Igreja Batista em São José dos Campos' (PIBSJC), desde sua fundação em 1942 aos dias atuais. Por fim, se realizou uma síntese entre o desenvolvimento teórico e o caso analisado, apontando-se para alguns dos nexos teórico-empíricos entre as variáveis de pesquisa e uma determinada realidade construída, de modo a se lançar uma compreensão acerca das relações, por vezes contraditórias e ambíguas, entre os espaços das práticas religiosas, da cidade e de sua urbanidade, e às construções/obstruções ao exercício de uma cidadania correlata. Tem-se que a religião, a cidade e a cidadania se inserem em um contexto social típico às sociedades que se estruturam a partir de uma relação de hierarquia entre os (poucos) que mandam e os (muitos) que obedecem. Neste sentido, na religião, na cidade e nas práticas de cidadania ocorreria certa instrumentação do espaço (em suas formas materiais e simbólicas), refletindo em ideologias, que caracterizariam um complexo relacionamento entre dominantes e dominados, desde a origem sócio-política da polis e suas transformações, até os dias atuais. Assim, as religiões e as cidades seriam instrumentais ao poder de uns (poucos) sobre todo o corpo social, transformando os que dominam em cidadãos, e os demais (dominados) em súditos, escravos, servos, assalariados, fiéis, etc., desde que obedeam aos seus senhores, adorando ou não aos mesmos deuses.

8. Religião e Política: modernidade, não-modernidade e além

Carlos Eduardo Pinto Procópio – Ciências Sociais/UFJF

A imagem de que religião e política são espaços social e sociologicamente separadas só pode ser vislumbrado se reconhecermos a existência de uma dimensão ontológica da modernidade que purifica os âmbitos de conhecimento, dando a cada uma delas uma capacidade restrita e específica. O não

reconhecimento desta modernidade, pelo menos de sua ontologia, implica, ao contrário, no reconhecimento da inversão da imagem supracitada, sendo necessário levar em conta que religião e política possuem imbricações. Não aderiam totalmente a nenhum dos pólos desse debate contemporâneo, gostaria de chamar a atenção, olhando para as últimas eleições majoritárias no Brasil, para o fato de que religião e política estão, se não necessariamente imbricadas, pelo menos friccionadas, onde a religião acionava a política visando: fazer que esta reconhecesse a preeminência de valores morais e éticos cristãos que seriam, segundo os primeiros, pilares constitutivos de nossa sociedade; lançar mão de discussões consagradas da política para referendarem suas proposições religiosas, sobretudo quanto ao debate sobre desenvolvimento, educação e meio ambiente. A proposta desta comunicação é explicitar essa ambivalência do posicionamento religioso a partir de exemplos coletados em minha pesquisa com os católicos carismáticos durante as já referidas eleições.

9. Aspectos da teologia católica no Brasil Império: legitimação ou contestação da modernidade?

Ney de Souza – PUC-SP

O estudo apresentará o estado do fazer teológico no Brasil imperial. A reforma tridentina que ocorrerá neste período terá um caráter marcadamente clerical. Em primeiro lugar tratava-se de afirmar a liderança espiritual do clero entre a população, e em seguida fazer com que a fé popular passasse a se expressar através de formulas e ritos que tivessem aval da hierarquia católica. A teologia católica neste período enfatiza o caráter dos bispos como príncipes eclesiásticos, membros de uma hierarquia sagrada da qual o papa era o chefe supremo. Os prelados passam a defender seu direito exclusivo de dirigir os negócios da Igreja católica no Brasil. A Igreja é a barca da salvação, cujo único e legítimo timoneiro é o papa. No pontificado neste período esta o papa Pio IX. Seu discurso é agressivo e combativo em relação a sociedade moderna. Seus documentos *Quanta Cura/Syllabus* revelam uma relação de não dialogo com a modernidade. Neste contexto são elaboradas as teologias no período imperial: do mérito, da reparação. Teologias que serão o substrato dos discursos e procedimentos do catolicismo no Brasil.

GT 16: Bíblia, Exegese, História e Literatura

Proponentes:

Prof. Dr. Johan Konings FAJE
konings@faculdadejesuita.edu.br

Prof..Dr.Valmor da Silva PUC-Goiás
lesil@terra.com.br

Prof. Dr. Isidoro Mazzarolo PUC-RJ
mazzarolo.isidoro@gamil.com

Prof. Dr.Mtthias Grenzer PUCSP/Teologia
mgrenzer@pucsp.br

Prof. Dr. Luis Henrique Eloy e Silva FAJE –Teologia
padreluizhenrique@hotmail.com

Prof. Dr. Leonardo Agostini PUC-RJ Teologia

Prof. Dr. Boris Augustin Nef Uloa PUC-SP Teologia

Prof. Dr. Gilvan Leite de Araújo PUC- SP Teologia

Ementa do GT:

Nos últimos anos produziram-se muitos deslocamentos no campo do estudo bíblico especializado. O mais notável é a preferência, na análise literária, pelos métodos chamados sincrônico (análise narrativa e retórica), porém, não sem o sempre indispensável aproveitamento dos métodos históricos (arqueológicos, literário-genéticos e sócio-históricos). Há também notáveis deslocamentos quanto aos acentos e temas privilegiados. No estudo do Novo Testamento, impõe-se uma apreciação mais positiva da continuidade entre a Bíblia hebraica, a literatura intertestamentária e os escritos cristãos, estudados, muitas vezes, com um olhar sobre os apócrifos. A “Third Quest” em torno do Jesus histórico, mas também a leitura mais judaica dos textos paulinos e

da carta aos Hebreus são exemplos disso. O conhecimento maior do fim do judaísmo antigo e do cristianismo incipiente — “os” judaísmos e “os” cristianismos” (inclusive o cristianismo judaico e o cristianismo gnóstico) — reforça ainda essa percepção de certa continuidade, em meio a um grande pluralismo. A ruptura entre o judaísmo e o cristianismo tem de ser avaliada de modo diferente. Impõe-se também uma reavaliação do helenismo, não mais como supremacia da cultura de Helas, mas como cultura “global”, em que tanto a parte oriental — quer persa, quer semítica — quanto a parte ocidental — propriamente helênica — têm seu peso; e que deve ser considerada, também, em sua fase pré-alexandrina. Recuando mais ainda, sobretudo os estudos arqueológicos convidam a uma reavaliação da história do Israel antigo, a época das tribos e dos reis. Assim, praticamente todos os grandes temas do estudo exegético ficam afetados pela evolução recente. O presente Grupo de Trabalho pretende oferecer um espaço para levar à tona esses novos enfoques.

1. Dimensões proféticas da religião do Antigo Israel: Um estudo de Ex 15,22-18,27

Matthias Grenzer PUC – SP e Leonardo Agostini Fernandes PUC – RJ

Ex 15,22-18,27 contém seis episódios que, segundo a narrativa bíblica do Livro do Êxodo, teriam ocorrido entre a passagem do Mar dos Juncos e a chegada ao Monte Sinai. Estes seis episódios fazem parte da primeira etapa da marcha dos libertos pelo deserto e podem ser divididos em dois blocos: a) Ex 15,22-17,7: apresenta os libertos diante de dificuldades básicas: sede-fome-sede; b) Ex 17,8-18,27: apresenta Josué, Aarão, Hur e Jetro do lado de Moisés, auxiliando-o na superação das necessidades. Em todos os episódios, Moisés é o líder que deve oferecer uma solução para os problemas. Desse modo, a superação das crises iniciais, enfrentadas pelos libertos em condições bem adversas (deserto), serviu para fundamentar, de forma profética, a aliança a ser confirmada no Sinai e o modo como as lideranças e o povo deveriam se posicionar diante das futuras crises que seriam enfrentadas na Terra Prometida. Um papel relevante, ao lado de Moisés, foi atribuído a Aarão e aos anciãos do povo. Estes se tornarão os representantes das duas instâncias que governarão o povo após o exílio de Babilônia.

2. Ensinar as memórias: estudo exegético de Dt 6,20-25

Lucas Merlo Nascimento – UMESP

A comunicação visa apresentar o texto de Dt 6,20-25. Para isso, buscaremos localizar historicamente o texto, dentro da dinâmica de formação do livro do Deuteronômio. Assim feito, buscaremos o ambiente em que surge esse ensino: a casa. Passamos posteriormente ao estudo do conteúdo do ensino: dever-se-ia ensinar a história, principalmente as principais tradições: êxodo, terra e lei. Como método, utilizamos as ferramentas do método histórico crítico (transmissão/oralidade, fontes, forma, tradição e redação) para compreender o processo de formação do texto, sem ater-se apenas à “versão primeira do texto”. Utilizaremos ainda algumas ferramentas da micro-história a fim de chegar ao ambiente do texto, chegando a uma abordagem sociológica. Nesse processo, abordamos uma possível instrução aos pais no norte, antes de 722a.C, trazida e aplicada ao sul, talvez sob o reinado de Manassés. A partir daí, compreenderemos melhor quais as consequências das memórias na sociedade em que são lembradas. Essa comunicação é resultado dos primeiras investigações de minha dissertação.

3. Uma voz defunta anuncia um oráculo de YHWH: uma análise exegetico-folclórica de 1Samuel 28.3-25

Ruben Marcelino Bento da Silva – EST

Que lugar ocupa o folclore no trabalho de pesquisa sobre as narrativas bíblicas? É possível imaginar histórias de assombração entre os textos da Bíblia judaica? Ou relatos “fantasmagóricos” no meio das tradições sobre Jesus contidas nos Evangelhos canônicos da igreja cristã? A comunicação que se quer propor pretende oferecer uma contribuição à leitura folclórica da tradição bíblico-narrativa. Para tanto, deter-se-á em uma análise exegetica do texto de 1Samuel 28.3-25. A ideia é aplicar os passos do método histórico-crítico de exegese ao exame dessa unidade literária, com o apoio das contribuições da arqueologia e da história social do Antigo Israel, a fim de detectar características de uma provável história de assombração. A pergunta fundamental da pesquisa é a seguinte: teria havido uma forma anterior desse texto que testemunharia, durante os primeiros tempos da monarquia israelita, a legitimidade da consulta oracular a uma pessoa falecida e da crença na possibilidade de sua aparição? Assume-se, como hipótese central, que os mortos continuavam a exercer influência nos diferentes níveis sociais e que a procura por pessoas capazes de evocar sua manifestação era difundida. Na narrativa sob apreço, como exemplo desses “profissionais”, sobressai a “mulher possuidora de um ’ôv”, que o rei Saul vai procurar em En-Dor. Um desdobramento da pergunta principal seria este: YHWH, a divindade patrona do Antigo Israel, poderia

falar por meio da aparição dos mortos? É possível que, em meio às realidades culturais dos inícios da monarquia em Israel, principalmente no âmbito familiar, os mortos pudessem também revelar a vontade de YHWH, para bem ou para mal. Objetiva-se, assim, trazer novamente à luz um pouco dessa modalidade de crença popular da antiguidade hebreia, cuja legitimidade teria sido cassada e a memória apagada pelo programa ideológico deuteronomista da monarquia de Judá, a partir do século VII a.E.C. (antes da Era Comum), a fim de não rivalizar com o culto de YHWH centralizado no templo de Jerusalém.

4. O uso do enredo progressivo no ciclo de Elias

Dario de Araujo Cardoso – UPM

Além do valor teológico e religioso, o reconhecimento da Bíblia como literatura abriu espaço para a consideração da arte empregada na composição dos textos e de suas características estilísticas e estruturais como instrumentos de leitura e interpretação dos textos bíblicos. No que diz respeito às narrativas bíblicas, o trabalho do autor na elaboração do enredo mostra-se um frutífero campo de pesquisa e uma fundamental referência para a compreensão. O enredo é o critério usado pelo autor do texto bíblico para selecionar ou rejeitar as informações disponíveis e o que lhe dá uma trajetória a seguir. É, portanto, mais do que a reunião de incidentes sucessivos, e, embora tenha um caráter cronológico, não é definido por um intervalo de tempo, mas pelo ponto de vista do escritor. O trecho de 1Rs 17-19 oferece um significativo exemplo de como os elementos do enredo podem ser dispostos de forma a servir de meio para a comunicação de ideias nas narrativas. A presente comunicação é parte da dissertação intitulada “Análise da narrativa de 1Rs 17 a 2Rs 2: A obediência aos profetas como meio de restauração dos exilados de Judá”. A partir da estrutura narrativa proposta por Robert Cohn para o texto, procura-se mostrar como o autor organiza os eventos utilizando diversos quadros progressivos, conduzindo o leitor a considerar a mensagem profética como a mais elevada manifestação do poder de Deus.

5. Identidade étnica e religião do grupo dos exilados a partir do segundo canto do servo de YHWH

Rosemary Francisca Neves Silva – PUC – GO

O presente trabalho pretende apresentar uma discussão sobre identidade étnica e questões religiosas vivenciadas pelos exilados no exílio da Babilônia. Os deportados mesmo vivendo em outra nação puderam manter e

preservar sua língua, ritos, valores e sua religião. Em nenhum momento nem os babilônios e nem os exilados foram obrigados a anularem sua identidade e valores para viverem a cultura e os valores da outra nação. Cada nação permaneceu com sua própria identidade, seus valores, rituais, culturas e crenças. No que tange a religiosidade praticada pelos deportados só tinha sentido a adoração a YHWH realizada em seu templo. Contudo, com a destruição de Jerusalém e do templo, estes exilados ficaram sem um referencial para estarem praticando seu legítimo culto. Portanto, foi a vivência em colônias e o próprio cotidiano que levou os deportados a não perderem sua cultura, sua identidade enquanto grupo proveniente de outra nacionalidade, bem como de sua fé em um Deus único.

6. Salmos de Sião: uma abordagem exegetica do Salmo 48

Elcio Valmiro Sales de Mendonça – UMESP

Os Salmos dos filhos de Korah representam um grupo denominado de Salmos de Sião, pelo seu louvor e apego a cidade de Jerusalém. A Teologia de Sião, apresentada nesta tradição de salmistas, nos mostra uma Jerusalém sagrada, a morada de Javé, a cidade de Javé. É interessante que no Salmo 48 (que será analisado), existe o apelo a exaltação de Jerusalém, Monte Sião. Esta exaltação chega ao ponto de transportar o Monte Sião para o extremo norte, comparando-o com a montanha sagrada da religião cananea, o Monte Safon. Percebemos através da análise exegetica que isto causava um impacto no povo que peregrinava em Jerusalém em épocas de festividade, e que o povo tinha que rodear a cidade para contar suas torres, para depois transmitir para seus filhos e filhas. O objetivo desta pesquisa é analisar exegeticamente como se dá a concepção de Sião na tradição dos filhos de Korah, e seu impacto no povo nas peregrinações a Jerusalém.

7. A Assembleia de El no Salmo 82

Rogério Lima de Moura – UMESP

O salmo 82 pertence ao conjunto chamado de “Salmos Eloístas”, que abrange os Salmos 42-83. É um dos mais enigmáticos e ao mesmo tempo um dos mais discutidos pela exegese moderna. Muitas interpretações já foram propostas. Perguntas como “pra quem o veredicto da assembleia está sendo dado?”, ou “o Salmo está usando de imagens míticas para descrever príncipes humanos?” ou talvez “quem é Elohim? ou El?”, “onde está Yahweh nesse Salmo?” sempre são feitas ao depararmos com esse Salmo. O versículo 1 já nos dá

uma amostra do problema: “ Deus (Elohim) se levanta na assembléia de El/ dos deuses, entre as divindades (Elohim) ele julga”. Na literatura de Ugarit, o concílio/assembleia de El/deuses (’dat El) é o lugar de encontro de deidades subordinadas a El, o deus supremo que promulga decretos. Os deuses que participam da assembléia são chamados de filhos de Asherah e de El. No Salmo 82, as divindades (Elohim) são acusadas de não administrarem o “cosmo” corretamente, trazendo injustiça e dificuldades aos mais fracos. Em um contexto em que caos e ordem são eventos relacionados às divindades, o decreto do concílio é de suma importância. Esse tipo de pensamento, de que uma divindade é responsável por manter a ordem em diferentes territórios do mundo habitado é atestado em Deuteronomio 38,8-9, na versão da Septuaginta e em 4QDeuteronomio de Qumran. E. Theodore Mullen, em sua análise do Salmo, identifica o “Elohim” que se levanta com o Deus de Israel Yahweh, que preside a assembléia dos deuses. Diferentemente de Mullen, Tércio Machado Siqueira e Mark S. Smith acreditam que o “Elohim” que se levanta no concílio seja o Deus de Israel, mas ele é um dos membros do concílio, no qual o deus El é aquele que preside. Nossa proposta será mostrar que Elohim/Yahweh faz parte do concílio dos deuses em que ele é apenas mais um dos filhos de El. Mostrar que esse Salmo é um divisor de pensamento, no qual o “javismo” começa a despontar como uma crença em uma divindade superior em relação a outras divindades. Analisar a proposta do Salmo, ou seja, as outras divindades não servem para administrar o cosmo, trazendo o caos, em contraposição à Elohim/ Yahweh que é conclamado a governar os povos de toda a terra.

8. A Torá social no livro de Provérbios

Haroldo Reimer PUC – GO

A comunicação visa apresentar como no livro de Provérbios estão presentes, em forma poética, normas norteadoras de práticas sociais consideradas “justas” e outorgadoras de elementos de orientação ética no contexto da sociedade do antigo Israel. O termo “torá” é termo técnico para designar as porções legais do Pentateuco, dando nome também ao conjunto dos primeiros cinco livros da Bíblia. Etimologicamente, torá designa o ensinamento em determinado âmbito da vida. No caso do livro de Provérbios, um conjunto de formulações proverbiais retoma conteúdos legais e, com algumas variantes, busca assentar no imaginário social os referidos preceitos. A legitimação teológica provavelmente busca compensar fragilidades sociais no contexto de relações sociais assimétricas.

9. A proposta pedagógica de Provérbios 3,1-12

Valmor da Silva PUC – GO

O breve texto de Pr 3,1-12 é construído como uma proposta pedagógica, através de passos concretos para um itinerário de aprendizado. Começa pela chamada de atenção para o processo de memorização, repetindo para a pessoa discípula “não esquecer” e “guardar no coração” (v.1). Em seguida, solicita uma relação de confiança entre mestre e discípulo/a, para “amarrar ao pescoço” e “escrever nas tábuas do coração” (v.3). No passo seguinte, vem a confiança em Deus, em que a pessoa mestre em sabedoria direciona para o próprio Deus a função do aprendizado. Só Deus é sábio e quem quiser seguir a trilha da sabedoria deve confiar (v.5), reconhecer (v.6), temer (v.7) e honrar (v.9) ao Senhor. Após chamar a atenção para o esforço pessoal de memorizar os ensinamentos, é lançado o desafio do confronto com o próprio princípio da sabedoria, que está na transcendência, e que inclui conhecimento, atitude ética e piedade. Mas o texto quer indicar, como caminho para conseguir tais valores, exclusivamente a confiança total no Senhor. Por isso, o último passo do processo prevê “disciplina” e “repreensão” por parte de Deus, como pai e mestre (v.11 e 12).

10. A amizade sapiencial no Sirácida

Nelson Maria Brechó da Silva UEP – Marília

Esta comunicação visa primeiramente situar o Sitz-im-Leben do conceito philia, amizade na literatura sapiencial do Sirácida, conhecido também como Eclesiástico. A partir disso, desenvolve-se, num primeiro momento, um paralelo entre o referente texto sagrado com a Ética Teológica. Procura-se, desse modo, analisar a respeito das seguintes indagações: de que modo a amizade pode ser considerada um tesouro? Como relacioná-la à dignidade humana, fruto da Ética Teológica? Como viver bem na sociedade? Num segundo momento, analisa-se filologicamente sobre aquilo no qual consiste a verdadeira amizade, bem como perceber exegeticamente sua compreensão associada ao tesouro ou bálsamo que propiciam, de fato, a dignidade humana. Além disso, almeja-se facilitar a sua relação com os demais temas do conjunto do Eclesiástico e, principalmente com seus interlocutores, dentre eles a própria Torah e os Provérbios. Desse modo, procura-se destacar na pragmática e na hermenêutica a relevância do tema para o mundo helênico-judaico, bem como hoje frente ao contexto latino-americano como forma de se adquiri-la por meio da provação que conduz à confiabilidade e à abertura ao outro, no desejo do bem recíproco, fruto da verdadeira amizade.

11. “Ele vos guiará em toda a verdade” (Jo 16,13)

Johan Konings – FAJE

Estamos acostumados a ler Jo 16,13a como segue: “Ele vos conduzirá a toda a verdade”, no sentido de uma crescente revelação da verdade, inclusive das coisas futuras, com diz explicitamente 16,13b. É a lição da grande maioria das traduções. Esta interpretação pode, contudo, ser contestada. 1. A crítica textual sugere como leitura mais provável do texto grego: “Ele vos guiará em toda a verdade”, com a preposição em (“em”) em vez de eis (“a”). 2. Quanto ao aspecto gramatical, é frequente na koiné escrever-se eis por en, mas não o contrário. 3. A adoção da leitura proposta não apenas recebe apoio do conceito joanino de “verdade” como “fidelidade, firmeza” (segundo a semântica hebraica de *’emeth*, *’emunah*), mas também de diversos paralelos do Antigo Testamento. 4. Tal interpretação do v. 13b convida a repensar a interpretação do v. 13b num sentido menos “futurológico”.

12. A Primeira Carta de Paulo aos Coríntios: o surgimento, o texto e o contexto

Marcus Aurélio Alves Mareano – FAJE

A cidade de Corinto foi evangelizada por Paulo, conforme o relato de At 18,1-17. Anos depois, ele escreve à comunidade, a fim de responder a algumas questões desafiadoras, por meio das quais percebemos o contexto comunitário, os dramas sofridos e a solicitude pastoral do apóstolo em orientar aquelas circunstâncias. Apresentaremos a fundação da comunidade por Paulo e as motivações para o envio da primeira carta aos coríntios. Em seguida, analisando este texto, focalizaremos em sete características fundamentais dessa comunidade: as divisões comunitárias, a busca por sabedoria, as imoralidades, as práticas pagãs, o carismatismo e a dúvida acerca da ressurreição dos mortos, a partir das quais teremos uma contextualização e uma visão global da Primeira Carta aos Coríntios. Com isso, pretendemos levantar reflexões e comparações com o momento presente e discutir possíveis afrontamentos que o texto suscita.

13. Convergências e divergências de identidades a partir dos conflitos apresentados na Carta aos Gálatas.

Michele Evangelista – UMESP

Diante do panorama plural em que os estudos recentes sobre o ambien-

te da antiguidade cristã nos trouxeram, torna-se fundamental um aprofundamento na pesquisa sobre as identidades, sejam elas judaicas ou helenistas. As confluências e incongruências acerca dessas identidades, que nas últimas pesquisas vem se tornando mais claras e gritantes, propõem novos paradigmas de pesquisa na construção de seu contexto. Diante disso, o estudo dos textos do novo testamento e também de textos redigidos no mesmo período formam um vasto acervo de pesquisa profundamente necessário para reconstrução desses ambientes, colaborando na compreensão das influências culturais que essa literatura proporcionou, inspirando grupos, provocando conflitos e criando novas perspectivas de mundo. Ao pensarmos nos conflitos que esse pluralismo provocou (e são inumeráveis apresentados em toda a literatura desse período), voltamos nossa atenção em especial à carta de Paulo à comunidade da Galácia, particularmente a perícope 2,15-21. Tentaremos elencar as convergências e divergências de identidades que nos são apresentadas nesse pequeno trecho que evoca assimilação étnica, pertença a grupos sociais e explicitação dos conflitos que sugerem diferentes visões de mundo e perspectivas de vida comunitária, apresentando-nos fronteiras que são facilmente cruzadas, mas difíceis de demarcar. Nosso trabalho será uma tentativa de apresentar esse cenário.

14. O Asno de Ouro: uma contribuição à compreensão da escravidão no Mundo Greco-Romano

Flávio Schmitt – EST

A escravidão é uma das marcas mais visíveis na história da humanidade. Em torno da escravidão há toda uma produção literária, seja para justificá-la, seja para condenar sua prática. A escravidão é descrita em verso e prosa, tanto na literatura bíblica como na extra-bíblica. Apuleio é um dos escritores antigos que faz da escravidão o tema de sua obra. Em “O Asno de Ouro” descreve a condição da servidão humana de Lucius, um jovem aristocrata, transformado em asno pela magia e submetido a toda sorte de infortúnios. O objetivo da comunicação é descrever aspectos da escravidão antiga contemplados na literatura de ficção extra-bíblica que são importantes para a compreensão do contexto histórico e literatura do Novo Testamento.

15. A posição dos cristãos da primeira hora contra a escravidão a partir da carta a Filemon

Isidoro Mazzarollo – PUC – RJ

A carta de Paulo a Filemon mostra como os cristãos se postavam contra

o regime de escravidão, comum em todos os povos antigos. No mundo oriental a escravidão era uma forma de produção de bens de consumo, de lucros e de exploração da vida dos mais pobres. Libertar os escravos significava entrar em conflitos com os proprietários em virtude da redução de lucros e ganhos. Os nobres convertidos ao cristianismo eram conclamados a quebrar os esquemas existentes e iniciar um novo padrão social de reintegração dos excluídos.

16. O Filho Pródigo segundo Raduan Nassar: a releitura da Parábola do Filho Pródigo em Lavoura Arcaica, de Raduan Nassar

Cláudio Vianney Malzoni – UNICAP

Raduan Nassar é um desses fenômenos meteóricos na literatura: escreveu algumas obras, publicou-as, e deixou de escrever. Um de seus romances – talvez o mais conhecido – seja *Lavoura Arcaica*. Foi seu romance de estreia, publicado em 1975. Em 2001, Luiz Fernando Carvalho recria o romance para o cinema. Raul Cortez, que viria a falecer alguns anos depois, faz uma magistral interpretação da figura do pai. Selton Mello se impõe como ator ao interpretar o filho. No fundo de tudo, feito rio correndo sobre o leito, está a Parábola do Filho Pródigo, do Evangelho segundo Lucas 15,11-32. Ou ao menos parece estar porque Nassar faz uma leitura toda sua do texto do Evangelho, apropriando-se das figuras do pai, do filho, do filho mais velho, e dando-lhes ainda toda uma família. Enfim, o livro é pequeno, mas denso. O filme é lento e encantador. Muitos aspectos poderiam ser abordados a partir de um e de outro. Nossa questão, contudo, vai ser só uma: com que autoridade Raduan Nassar e Luiz Fernando Carvalho com seus atores mexem tanto com o texto lucano? Pode a literatura recriar um texto bíblico? Com que condições?

17. Repensando a origem do Natal

Gilvan Leite de Araujo – PUC – SP

A solenidade cristã do Natal é vista como uma solenidade surgida a partir da Constantino e como substituição da solenidade pagã vinculada ao solstício de inverno. A análise das Festas Judaicas a partir da Literatura Joanina possibilitou evidenciar a origem do Natal a partir da festa judaica de Hanucá até os debates arianos do terceiro e quarto séculos d.C. Neste percurso levanto a hipótese dos debates arianos como ambiente do surgimento da festa do Natal.

18. Literatura, fé e esperança: uma introdução à apocalíptica judaica

Hermisten Maia Pereira da Costa – UPM

Estudo os elementos que contribuíram para o surgimento da Literatura Apocalíptico-Judaica (II século a.C.) analisando o seu contexto histórico, o seu caráter, estrutura, as suas características e propósito, demonstrando a relação entre a fé em Deus e a sua articulação teológica dentro dos processos históricos e existenciais. Entre o período de aproximadamente 250 a.C. e o primeiro século da Era Cristã, os judeus tiveram uma fecunda e brilhante literatura que narra de forma dramática e corajosa este período. Nas obras desta época encontramos registrados os seus sofrimentos e esperanças; ouvimos o grito do povo que clama pelo socorro divino sempre acompanhado da esperança que é o apanágio dos vivos. Israel, neste período, cantava a sua fé na vinda do Messias; os escritores advertiam o povo contra a negligência e o admoestava a persistir tenazmente, resistindo com paciência e coragem o sofrimento causado pelo domínio estrangeiro que tentava anular a sua fé e subverter a sua cultura. A história se mostrava catastrófica, retratando um castigo para os judeus por intermédio da opressão estrangeira; mas, era também um teste à fidelidade do povo a Deus. Apesar daqueles que se helenizavam, a realidade é que Israel se mantinha como um povo relativamente unido, tendo como elemento agregador a Torah, que era lida, estudada e reverenciada. Ali, na Lei, eles podiam encontrar o lenitivo para as suas almas tão cansadas em decorrência da opressão física e moral e da resultante quase exaustão espiritual. O grande elemento fomentador da literatura apocalíptica foi a perseguição. O povo oprimido luta com as suas armas para, pelo menos, continuar vivo. Em situações semelhantes, é muito comum a associação da fé com a imaginação: A fé apresenta as formas imprecisas em seus detalhes, e a imaginação fornece o conteúdo, completando o que fora apenas pontilhado pela fé. Assim, o povo de Israel, em meio aos seus sofrimentos lançava as suas expectativas em forma de literatura, querendo crer na vinda triunfante do Messias com a sua espada flamejante para exterminar os seus opressores. Os escritores apocalípticos tinham como objetivo apresentar uma mensagem de conforto e estímulo, proclamando a grande esperança de libertação, encorajando os homens a permanecerem leais e vigilantes, até que fosse inaugurado o reino messiânico num futuro próximo, por meio do qual os judeus seriam libertados de seus inimigos, tendo a partir daí uma paz indestrutível. Num segundo aspecto, a literatura apocalíptica consistiu numa tentativa de conciliar a fé pura de um povo que cria na existência de um Deus bondoso e onipotente, com a terrível experiência cotidiana do mal, do sofrimento e da opressão.

GT 17: Protestantismos e Pentecostalismos no Brasil atual

Proponentes:

Prof. Dr. Leonildo Silveira Campos UMESp
gipesp@metodista.br

Prof. Dr. Antônio Maspoli de Araújo Gomes
maspoli@mackenzie.br

Prof. Dr. Edin Sued Abumnsur PUC-Sp
edin@pucsp.br

Prof. Dr. Edson Pereira Lopes
teologia@mackenzie.br

Ementa do GT:

Este grupo temático busca conhecer e aprofundar os estudos e pesquisas dos protestantismos e pentecostalismos nos seus diversos ângulos: teologia, história, crenças, pensamento religioso (teologia/filosofia), ética, educação, política, etc.; para uma melhor compreensão das suas expressões e ramificações em suas relações com a sociedade brasileira. O campo religioso brasileiro tem apresentado tal dinamismo e capacidade de transformação que a especialização em seus diferentes sub-temas tem se tornado uma exigência nos últimos anos. O movimento pentecostal suscita várias leituras e interpretações. Ainda que seja impossível esgotar as possibilidades hermenêuticas desse quadrante do campo religioso, é do interesse dos pesquisadores a manutenção de uma legibilidade mínima do referido quadrante. Esse GT pretende manter-se como um fórum de agregação dos pesquisadores que pensam e produzem conhecimento sobre os protestantes e os pentecostais em suas diferentes vertentes, suas formas de inserção na realidade brasileira e, conseqüentemente, o complexo de temáticas relacionadas e correlatas. Neste sentido, esse grupo acolherá trabalhos e pesquisadores voltados para esse segmento religioso.

1. Cemitérios Protestantes em Recife e São Paulo

Alex Fajardo

A comunicação procura traçar um histórico da formação dos cemitérios protestantes no Brasil, e um estudo de caso sobre alguns cemitérios protestantes ao qual este autor teve oportunidade de visitar. São eles, Cemitério dos Ingleses na cidade de Recife, e os cemitérios paulistanos do Redentor e dos Protestantes. Visualizaremos a forma com que foram implantados no Brasil pré-império a partir do Tratado de Comércio e Navegação de 1810, nesta época a Inglaterra era o principal parceiro econômico da Colônia que recebia a família real portuguesa. As principais cidades, principalmente as litorâneas, foram instalados os primeiros cemitérios protestantes. Após a independência do Brasil em 1822 e com a instauração da Igreja Católica como sendo a religião oficial do país, os protestantes tiveram dificuldades ao enterrar os seus mortos, entrave este que perdurou até o fim do reinado, sendo resolvido com a instauração da República no Brasil quando os cemitérios passaram a ser administrados pelos municípios. Procuraremos perceber alguns momentos deste período e o processo de manutenção e artístico desses cemitérios.

2. Êxtase Pentecostal – O efeito do discurso nos Gideões e Missionários da Última Hora

Ismael de Vasconcelos Ferreira e Filadelfia Carvalho Sena

O discurso pentecostal tem um efeito primordial nas ações dos adeptos do movimento pentecostal e pode acontecer de formas diversas, como por exemplo, através de uma música cantada, uma pequena fala, uma oração proferida ou mesmo uma pregação. O efeito da pregação nos ouvintes pentecostais será o tema central de análise neste trabalho. Algumas vezes, ela pode ser auxiliada por métodos que a tornam mais emotiva e convincente. A pregação tem um caráter privilegiado por marcar o auge do culto, pois, para os evangélicos, este é o momento em que Deus se revela para o seu povo pela oralidade, revelando seus desígnios e propósitos através do pregador e é responsável pela maioria dos casos de êxtase pentecostal observados nas igrejas. Com o propósito de compreender os fatos ligados a esse êxtase pentecostal, é necessário antes fazer um levantamento histórico do pentecostalismo, desde seu início no Dia de Pentecostes, narrado na Bíblia, passando por todos os acontecimentos que marcaram o movimento pentecostal clássico, chegando até os dias de hoje, no Brasil, onde há um movimento pentecostal moderno, cheio de particularidades e fatos merecedores de análise. Utilizou-se neste trabalho o caso do

congresso dos Gideões Missionários da Última Hora da Igreja Assembleia de Deus em Camboriú (SC). É um evento de abrangência nacional e que congrega, anualmente, milhares de evangélicos pentecostais, contendo em sua programação manifestações reconhecidamente de êxtase pentecostal ocasionadas principalmente pela pregação.

3. Flexibilização da sexualidade nas Igrejas da Comunidade Metropolitana

Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão

Ao pensarmos no campo religioso brasileiro, especialmente nas igrejas das variadas correntes cristãs, é comum que questões como as que envolvem as relações sexuais e afetivas e a constituição familiar através do casamento e concepção de filhos sejam linkadas à categoria da heteronormatividade. Entretanto, pululam desde a década de 1960 tentativas de acolher o público homossexual que não se coaduna com este estatuto: são as igrejas inclusivas LGBT. Dentre elas, destaco a Igreja da Comunidade Metropolitana, ou ICM, que traz como diferença em relação à maioria das demais o tratamento em relação à sexualidade do fiel. Apresentarei aqui parte das entrevistas com líderes da igreja, dentre eles três irmãos, sobre suas histórias de vida, especialmente em relação a como cada um conduz suas práticas afetivas e sexuais e assumem-nas perante os demais membros da igreja.

4. Missão e Madureira: as Assembléias de Deus no Brasil 100 anos depois

Paulo Rodrigues Romeiro – UPM

O trabalho apresentará, ainda que de forma sucinta, um panorama das Assembléias de Deus no Brasil, desde a sua inserção no campo religioso brasileiro em 1910 até os dias atuais. Por ocasião do seu centenário, torna-se importante lançar um olhar sobre essa importante vertente religiosa. O trabalho destacará sua trajetória histórica, seus principais protagonistas e os fatores que contribuíram para transformá-la na maior denominação evangélica do Brasil. Nas últimas décadas, as Assembléias de Deus passaram por grandes inovações. Houve um investimento considerável na literatura e publicações por parte da CPAD (Casa Publicadora das Assembleias de Deus), no evangelismo radiofônico e no televangelismo. O envolvimento com a política partidária produziu controvérsias e colocou o grupo na agenda midiática. As constantes disputas internas por espaços e cargos culminaram na maior e mais importante ruptura

dentro do grupo: a divisão das Assembléias de Deus no Brasil em Convenção de Madureira e Missão na década de 1980. Os grandes desafios para as Assembléias de Deus, 100 anos depois, são o de promover a ética cristã na sua práxis religiosa, promover a unidade entre os seus adeptos e contextualizar a sua mensagem, muito afetada ainda pelos usos e costumes.

5. O projeto político de “governo do justo”: os recuos e avanços dos evangélicos nas eleições de 2006 e 2010 para a Câmara Federal.

Leonildo Silveira Campos – UMESP

A inserção política dos evangélicos, especialmente dos pentecostais, se tornou mais visível a partir de 1985 quando a ditadura militar chegou ao fim. Até 2006, a cada eleição, crescia o número de representantes eleitos pelos evangélicos na Câmara Federal, em Brasília. O ponto alto foi a eleição de 2002. Quatro anos depois veio uma surpresa: a redução em 50% no número deles, a despeito da mobilização interna na maioria das grandes igrejas pentecostais brasileiras. Um dos motivos possíveis para aquela derrota eleitoral teria sido o envolvimento de deputados pentecostais em diversos escândalos, quando milhões de reais foram desviados dos cofres públicos. Já, na eleição de 2010 o número de deputados federais evangélicos voltou ao nível de 2002. Como explicar esses avanços e retrocessos? Esses novos números resultam da memória curta dos eleitores? Teriam sido causados pela reformulação do discurso pentecostal? Seria resultante do avanço do conservadorismo no mundo todo, e que no Brasil possibilitou a retomada de bandeiras moralistas como a condenação do aborto ou do casamento de pessoas do mesmo sexo?

6. Associativismo religioso entre imigrantes: o caso da Congregação africana da Assembleia de Deus na cidade do Rio de Janeiro.

Márcia Denise Dutra Sias – UMESP.

O presente trabalho propõe analisar a importância do associativismo religioso para os imigrantes africanos residentes na cidade do Rio de Janeiro e, para tanto, direcionaremos a análise para a Congregação africana da Assembleia de Deus. Desse modo, analisaremos os fatores preponderantes que levaram essa congregação de cunho pentecostal assembleiano a se tornar um espaço de ajuda, acolhimento e manutenção da identidade sociocultural dos africanos e das africanas que a ela pertencem. Ao mesmo tempo, compreender

a relevância que esta comunidade possui para seus freqüentadores que a concebem como um espaço de preservação da identidade sociocultural por meio da utilização de elementos característicos da religiosidade africana.

7. Conversão ou adesão? Os novos modos de afiliação ao protestantismo histórico e ao Pentecostalismo.

Antonio Maspoli de Araujo Gomes

O objetivo geral desta pesquisa consistiu em avaliar se o termo conversão ainda é válido para se abordar a experiência religiosa de afiliação ao protestantismo (histórico e pentecostal) e ou, se esse termo pode ser substituído pelo conceito de adesão. A partir da análise dos dados pode-se afirmar que sim. O termo conversão é válido para expressar parte da experiência religiosa do protestantismo histórico aqui representado por sujeitos Presbiterianos e Batistas e também por sujeitos Pentecostais da Assembléia de Deus e da Igreja Quadrangular. De um total de 100(Cem) sujeitos, considerando-se as próprias crenças do protestantismo sobre conversão, 67 sujeitos ou 67 % declaram-se convertidos em seus depoimentos. Do total de sujeitos convertido ou 41 % declarou-se convertido na Igreja Presbiteriana; 35 % na Igreja Pentecostal e 24 % na Quanto à religião onde ocorreu a afiliação por adesão: 46 % aderiram na Igreja Pentecostal; 27 % na Igreja Batista; 27 % na Igreja Presbiteriana. A luz dos resultados desta pesquisa pode-se afirmar que a experiência de afiliação ao protestantismo histórico e pentecostal em São Paulo carece de três termos para a sua compreensão: conversão, adesão e peregrinação. Como resultado destes termos temos portanto como afiliados ao protestantismo e ao pentecostalismo o convertido, o agregado e o Peregrino. (HERVIEU-LÉGER, 1947, P. 81-107).

8. “Década da Colheita”: Deu errado, mas deu certo!

Gedeon Freire de Alencar PUC-SP /CER

As Assembléias de Deus, em 2011, estão celebrando seu Centenário no Brasil. Segundo Censo 2000, elas representavam 4,96% da população brasileira, com seus 8 418 140. No universo evangélico pentecostal detém 46,83% da membresia. É a maior igreja evangélica no Brasil. Na última década do século XX lançou o Projeto Década da Colheita - DC. A DC será analisada a partir da teorização weberiana das dominações carismática, tradicional e racional. Nasce com a pretensão carismática de ressuscitar a militância, injetar animo evangélico e restaurar a igreja avassaladoramente guerreira das primeiras

décadas. É um projeto elaborado e trabalhado com metas, comissões, alvos, números, estratégias, típicos de uma pretensa racionalidade protestante. Mas para além do vetor carismático e da produtividade racional o que foi preponderante foi a burocratização do evento. Deu errado, mas, ironicamente, deu certo.

9. Religião e Guerra Fria no Brasil

Edin Sued Abumanssur

Até a Segunda Guerra Mundial as igrejas pentecostais Congregação Cristã e Assembléia de Deus permaneceram como as únicas em território brasileiro. Mas, com o fim da Guerra, surgiram muitas outras denominações: Avivamento Bíblico, Evangelho Quadrangular, Brasil Para Cristo, Deus é amor, Casa da Bênção e outras de menor expressão. Surgiram também muitas missões autônomas de recorte fundamentalista que não tinham a intenção de fundar ou criar novas igrejas, mas “cooperar” com o desenvolvimento das existentes. Destacamos entre elas a missão Palavra da Vida e a Aliança Bíblica Universitária. Essas igrejas e essas missões surgem ou vêm para o Brasil no contexto da Guerra Fria que se instaurou no mundo após 1945. Chegaram com um discurso conservador e de crítica a tudo que cheirasse comunismo. Contrapuseram-se ao movimento de juventude da UCEB e ao Movimento Ecumênico. Nesta linha de raciocínio, o movimento carismático, o surgimento de igrejas pentecostais e aquilo que ficou conhecido como Movimento Ecumênico, foram respostas à estagnação do discurso protestante tradicional.

10. Protestantismo ecumênico e radicalização política: a teologia de Richard Shaull na Conferência Mundial sobre Igreja e Sociedade - Genebra, 1966

Arnaldo Érico Huff Júnior

O missionário presbiteriano estadunidense Richard Shaull atuou por dez anos no Brasil, entre 1952 e 1962. Nesse período, passou por um processo de radicalização política e religiosa que o levou à formulação de uma teologia da revolução. O fator principal desta radicalização foi seu envolvimento com movimentos estudantis e ecumênicos. A partir de tais relações, mediadas por sua tradição teológica protestante (mormente dialética e neo-ortodoxa), bem como por instrumentais teóricos advindos das ciências sociais e humanas, Shaull se pôs a pensar a revolução social e a lhe atribuir sentido religioso e teológico, enquanto desafio urgente aos cristãos e às igrejas da época. Um

dos pontos altos nesse percurso foi sua participação na Conferência Mundial sobre Igreja e Sociedade, promovida pelo Conselho Mundial de Igrejas e ocorrida em Genebra, em 1966, da qual foi um dos conferencistas principais. A teologia que Shaull apresentou em Genebra, bem como suas condições de produção, são o foco principal deste estudo.

11. Redes de comunicação evangélicas como atores políticos no Brasil contemporâneo.

Valdemar Figueredo Filho

Analiso neste trabalho as relações das igrejas evangélicas com a política no Brasil contemporâneo. As redes de comunicação voltadas para o grupo religioso não se resumem à condição de medium, mas são elas mesmas os atores políticos. Proponho-me a pesquisar a representação política evangélica a partir da centralidade das redes de comunicação. A pesquisa empírica busca reconhecer a dimensão dessas redes e como se estruturam econômica e politicamente. Todos os deputados e senadores, identificados como evangélicos, da 52ª (2003-2007) e 53ª (2007-2011) Legislaturas do Congresso Nacional foram monitorados nos seus vínculos com as redes de comunicação e nas suas ações parlamentares até julho de 2007. Adoto como referencial metodológico a concepção de formas de poder proposto por John B. Thompson (1998), o que levou-me a estruturar o trabalho em três partes: poder simbólico, econômico e político. A abordagem metodológica utilizada prioriza a descrição e a análise de projetos políticos em curso protagonizados pelas redes de comunicação evangélicas. O fenômeno da representação política evangélica no Brasil contemporâneo remete para a noção de coronelismo eletrônico evangélico. Isto é, a representação política em questão é, sobretudo, representação das redes de comunicação evangélicas. As igrejas evangélicas na condição de atores políticos contracenam num campo de constantes mudanças de cenários. Os seus discursos são híbridos, pois provêm de diversas origens, e são também difusos, pois se encaminham para uma multiplicidade de direções para operarem variadas funções sociais. Conhecer estes atores passa necessariamente pelo conhecimento dos fatores predominantes (religiosos, econômicos e políticos), que constituem a formação das suas ações. Importante atentar para o fato de que há na cena política contemporânea no Brasil um tipo de representação política que é criado por um tipo peculiar de ator. As igrejas evangélicas criam mundos através da palavra. Na Bíblia, no princípio era o caos e tudo o que foi criado, pela palavra foi criado. No caso das igrejas evangélicas, seus discursos criam mundos a partir de estruturas eclesiais, empresariais e políticas. Não

farei análises de discursos, mas observarei o que em termos institucionais é construído a partir das ações dos evangélicos no campo das comunicações. A representação política evangélica é o mesmo que representação das redes de comunicação evangélicas. No parlamento, além do interesse nas questões pertinentes aos valores, os atores políticos evangélicos se dedicam às comissões que têm a ver com as comunicações. Na esfera política, nem mesmo os supostos valores morais comuns ao grupo religioso conseguem o grau de coesão alcançado pelos interesses relacionados à formação, manutenção e expansão das redes de comunicação evangélicas.

12. O discurso político dos protestantes de Esquerda – do final da ditadura até a constituição de 1988

Agemir de Carvalho Dias – FEPAR

Após o golpe militar de 1964, as organizações ecumênicas se tornaram o refúgio dos Protestantes que professavam um pensamento de esquerda. Muitos dos militantes do movimento haviam sido perseguidos por causa das suas posições políticas e teológicas. A ligação com a esquerda, iniciada na década de 1950, consolidou-se na década de 1980. Analisaremos o discurso do movimento levando em consideração a opção ideológica pela esquerda, seu posicionamento em relação à democratização brasileira e a Assembléia Nacional Constituinte, bem como a sua visão de política internacional, principalmente na América Latina.

13. Diversidade religiosa de estudantes de teologia e os desafios de uma matriz curricular pós-eclesiástica ou confessional

Adilson Schultz

O universo multifacetado das igrejas evangélicas no Brasil está nominalmente representado nos estudantes matriculados no curso de teologia do Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix, em Belo Horizonte: no primeiro semestre de 2010 eram cerca de 150 diferentes igrejas ou denominações para um total de 250 alunos ou alunas. Na sala de aula da disciplina TS I - Trindade e Teologia da Criação, por exemplo, eram 32 diferentes igrejas para um total de 53 alunos e alunas. Esses surpreendentes números elevam o micro-universo escolar ao patamar de caso paradigmático do fenômeno da diversidade religiosa entre evangélicos no Brasil. Dessa forma, permite estudar de forma concentrada nuances do fenômeno religioso evangélico, além de

encetar arrazoados teóricos relevantes na teologia e nas ciências da religião. Essa comunicação tem a tarefa de mostrar essa diversidade da filiação religiosa dos estudantes, e sugerir as primeiras formulações para possíveis análises futuras, especialmente os desafios dessa diversidade para a matriz curricular pós-eclesiástica ou confessional.

14. Igrejas-sedes/Ministérios: O berço do poder administrativo dos pastores presidentes das Igrejas Assembléias de Deus no Brasil.

Marina Aparecida Oliveira dos Santos Correa

Historicamente as Igrejas Assembléias de Deus no Brasil desde sua origem trabalham com a idéia de campo. Campo no sentido de uma configuração nas relações socialmente distribuídas, constituindo a partir daí, Igrejas-sede/Ministérios, congregações e pontos de pregação (campo), administrada por um pastor presidente, com forte domínio de poder tradicional, em uma cidade, em outras regiões do país ou até mesmo no exterior. Quem estuda as Igrejas (ADs) não pode passar despercebido da importância desse cargo exercido por um pastor presidente em suas Igrejas-sede/Ministérios. Dessa forma, um pastor presidente, reuni em torno de si uma equipe de serviços burocráticos, no sentido weberiano, mas com ênfase na dominação tradicional, para administrar os trabalhos das congregações filiadas, pontos de pregação e, sucessivamente, buscar estratégias para a abertura de novas igrejas em locais mais atrativos, em outras regiões do Brasil ou no exterior, com plenos poderes administrativos, litúrgicos e doutrinários.

GT 18: Filosofia da Religião

Filosofia da Religião e Filosofia Pós-moderna em interface. Um estudo em Jacques Derrida

Proponentes:

Prof. Dr. Márcio Antônio de Paiva PUC-Minas
filosofidareligiao@pucminas.br

Prof. Dr. Flavio Augusto S. Ribeiro PUC Minas
flaviosenta@pucminas.br

Prof. Dr. Paulo Afonso de Araújo UFJF
paulo.araujo@ufjf.edu.br

Prof. Dr. Luiz Felipe Ponde PUC-SP
lfponde@pucsp.br

Prof. Dr. Eduardo Gross UFJF
eduardo.gross@ufjf.edu.br

Ementa do GT:

O grupo de trabalho receberá comunicações que abordem a temática da Filosofia da Religião na história do pensamento ocidental. De modo geral, o GT Filosofia da Religião procurará discutir, em abordagem filosófica, o problema religioso e a questão de Deus. Contudo, pretende-se um enfoque na relação modernidade e religião e uma abordagem dos desafios contemporâneos quanto a esta temática. Dessa forma, o GT Filosofia da Religião oferecerá um espaço de discussão das questões que vêm sendo estudadas nas várias linhas de pesquisa que abordam esta temática nos Programas de Pós-graduação na área. Garantindo a diversidade de temas que podem ser tratados neste GT, poderão ser acolhidas propostas sobre linguagem e pós-modernidade, religião e ciência, relativismo, ateísmo e niilismo.

1.

José J. Queiroz- PUC- SP
queiroz@pucsp.br

Um dos aspectos que merecem mais estudos no Brasil e a interface entre a filosofia dos pós-modernos e a filosofia da religião. Em especial a figura de Jacques Derrida. Oferecer uma contribuição nesta direção é o objetivo desta comunicação. Dois textos deste filósofo serão trabalhados: 1. Fé e saber, publicado em Jacques Derrida e Gianni Vattimo (Orgs.) A religião. São Paulo: Estação Liberdade, 2000, p.11-89 2. O texto de Jacques Derrida Violence et Metaphysique. Essais sur La pensée d'Emmanuel Levinas, que integra o livro de Derrida L'Écriture et La Différence. Paris: Seuil 1979, p.117-228. Este capítulo é inédito no Brasil pois não aparece na tradução do livro publicado pela Perspectiva, 2a. ed. 1995. Espera-se deste estudo

2. Historicismo e o sentido da história na crítica do pensamento filosófico cosmonômico de Herman Dooyeweerd.

Luis Cavalcante de Souza Filho - Universidade Presbiteriana Mackenzie
prof.luiscavalcante@bol.com.br

Historicismo e o sentido da história na crítica do pensamento filosófico cosmonômico de Herman Dooyeweerd. Segundo o filósofo Herman Dooyeweerd, considerado como protótipo do acadêmico neocalvinista e considerado como o maior filósofo já produzido pelo cristianismo reformado evangélico, a religião é “o impulso inato do eu humano para direcionar-se rumo à verdadeira, ou a uma simulada, origem absoluta de toda a diversidade temporal do sentido”. A análise de Herman Dooyeweerd sobre o historicismo e o sentido da história pelo desenvolvimento e compreensão do “historicismo como absolutização do aspecto histórico”, “as origens do historicismo na filosofia moderna”; “a tensão dialética no humanismo moderno” com os desdobramentos na “primazia da natureza: Descartes, Hobbes e Leibniz”, “a primazia da liberdade: Locke, Rousseau e Kant”, “a síntese dialética: o idealismo pós-kantiano”; “o historicismo radical: de Comte a Dilthey e a Spengler; “a relação do aspecto histórico e outros modos de experiência” com “a absolutização historicista do aspecto histórico”, por uma “delimitação do aspecto histórico”, a recuperação do “sentido nuclear do aspecto histórico”, “antecipações e retrocipações na noção de desenvolvimento; “o critério normativo para determinar o desenvolvimento: diferenciação”, passando pelo “processo de desdobramento”, “estruturas de individualidades”, culminando na tensão

de “fé e cultura”. Desenvolve a sua crítica da impossibilidade de pensar de forma autônoma o pensamento teórico. O princípio se processa na afirmação dooyeweerdiana na impossibilidade da pretensa autonomia do pensamento filosófico e científico. Compreender a religião sob o olhar da filosofia reformacional tendo na obra de Dooyeweerd traduzida para o português e as suas nomenclaturas e conceitos acima - “No crepúsculo do pensamento ocidental: estudos sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico” demonstra a sua crítica da impossibilidade de pensar de forma autônoma o pensamento teórico.

3. Pensamento Fraco: Influências na elaboração da filosofia de Gianni Vattimo

Marcos Paulo de Oliveira Bueno PUC-MINAS
marcopollo110@yahoo.com.br

A intenção da comunicação é apresentar um enfoque da relação filosofia e religião na perspectiva de Gianni Vattimo. Pretende-se investigar o que Vattimo aponta como Pensamento Fraco, sua constituição, influências e implicações na contemporaneidade. Procurar-se-á demonstrar, neste particular, a influência sobre o pensador italiano de autores como Nietzsche, Heidegger e Joaquim de Fiore. Neste horizonte, a comunicação destacará como, para Vattimo, o enfraquecimento das estruturas fortes que culminará no niilismo, que ainda não significa pensar para além da metafísica, porém é uma seta radical do diagnóstico de enfraquecimento. Percebendo o que o autor define como enfraquecer o cristianismo para restituir sua autenticidade, pela qual Deus “desce do céu da transcendência onde a mentalidade primitiva o confinava”, pretende-se encontrar um viés para discutir sobre as perspectivas atuais para a filosofia da religião neste horizonte.

4. A Simbólica do Mal em Paul Ricoeur

Gerson Leite de Moraes UNICAMP e UP Mackenzie
gelemo@mackenzie.br

A presente comunicação tem por finalidade trabalhar a questão religiosa a partir das análises realizadas por Paul Ricoeur (1913-2005), na obra, *La Symbolique Du Mal*, publicada em 1960. Neste livro, Ricoeur procurou expor alguns símbolos e mitos do homem ocidental e explorou uma das zonas

da emergência dos símbolos, a saber, os símbolos do sagrado. Vale ressaltar que Ricoeur, ao longo de sua trajetória acadêmica identificará três regiões da cultura nas quais os símbolos emergem. As três zonas de emergência do símbolo são: as manifestações do Sagrado no Cosmos, as manifestações Psíquicas nos Sonhos e também a Poesia. Em *La Symbolique du Mal*, Ricoeur elegeu uma categoria específica de símbolos e dos mitos para abordar uma temática que sempre esteve presente em seus trabalhos acadêmicos. Ele estudou os símbolos e os mitos do Mal. Os símbolos e mitos do Mal foram analisados na presente obra, por meio da linguagem de confissão. A análise do mal em *La Symbolique du Mal*, certamente é um estudo do significado e do sentido do sagrado para o ser humano. Porque segundo Ricoeur, o Mal radical configura-se exatamente como um dos maiores perigos para o ser humano, pois pode transformar-se num elemento capaz de desvinculá-lo daquilo que lhe é mais sagrado. O símbolo continua dar o que pensar e o pensamento de Ricoeur apresenta-se como um manancial para que novos desdobramentos reflexivos sobre essa temática aconteçam. E é na tentativa de realizar tal empreitada, que apresentamos esse trabalho.

5. Fenomenologia e religião no jovem Heidegger

Frederico Pieper UFJF
frederico.pieper@ufjf.edu.br

A partir das anotações do curso *Introdução à fenomenologia da religião* (de 1920/1921), mas não se restringindo a ele, esta comunicação pretende tratar da seguinte questão: o que Heidegger compreende por fenomenologia da religião? Argumenta-se que sua proposta é desenvolver uma fenomenologia que abdique de um postulado básico da proposta de Husserl: a redução fenomenológica. Se por meio desta redução, os fenômenos eram reconduzidos à consciência, alcançado a região da consciência pura, Heidegger busca justamente aquilo que lhe é anterior: a experiência da vida fática. Assim, para tratar adequadamente a questão pelo estatuto da fenomenologia da religião no pensamento do jovem Heidegger, trataremos duas questões mais pontuais: a) Como a análise dos textos de Paulo e a compreensão da religião como fenômeno histórico permitem corrigir os desvios da fenomenologia husserliana? b) Em segundo lugar, R. Otto, já em *O sagrado* (1917, portanto, antes de Heidegger), não teria rompido com a filosofia da consciência no tratamento da religião ao chamar a atenção para o irracional na noção de sagrado?

6. Ética e niilismo

Cássia Cristina Costa de Oliveira PUC-Minas
deviresclinica@uol.com.br

A comunicação propõe apresentar a investigação sobre a questão ética diante do niilismo segundo Dostoiévski. Considerando que o niilismo assumiu a categoria interpretativa da situação histórica do homem contemporâneo: fragmentação, relativismo, ceticismo, portanto, ele implica no declínio dos valores tradicionais que asseguravam um sentido sobre-humano para a sua existência, o niilismo revela a decadência de uma cultura. Segundo Nietzsche, o niilismo é o destino histórico do homem ocidental. O advento do niilismo é, para o filósofo, algo que o homem não pode escapar, porque o nada é o princípio que estrutura nossa cultura desde seu início. Nietzsche, contudo, não propõe um modelo ético frente à inevitabilidade. Ao contrário, Dostoiévski, o fez, apontando para uma possível resposta ética para tempos de niilismo. Para o romancista, é a partir do niilismo que se pode pensar numa ética, já que ele vê o niilismo como o penúltimo degrau necessário para afirmar um sentido último para a vida. Nos romances de Dostoiévski, o desenvolvimento moral de seus personagens começa a partir do próprio crime, pois é a partir daí que é possível surgir questões que antes não teriam existido. Para desenvolver o texto usaremos da pesquisa bibliográfica, selecionando algumas obras de Nietzsche, para abordagem do niilismo, usaremos textos de outros autores que subsidiaram nosso entendimento sobre o tema, e por fim, usaremos alguns romances de Dostoiévski, que ilustrarão o posicionamento do romancista diante do niilismo, ao mesmo tempo, que apresentarão sua possível resposta ética para o problema.

Palavras chaves: niilismo, ética, filosofia da religião, Dostoiévski

7. A religião niilista

Carla Bianca Costa de Oliveira – PUC-Minas
carlaecassia@uol.com.br

A comunicação propõe apresentar a crítica nietzschiana à religião niilista e, ou ascética a partir do logocentrismo ocidental. Para Nietzsche o vínculo entre religião e niilismo se expressa pela moral. É assim que ele denomina o cristianismo como religião niilista que tem como pano de fundo uma moral escrava que é por sua vez a grande formadora da consciência ocidental. A consciência do homem ocidental fundada pelo logos socrático-platônico é segundo o autor uma consciência debilitada e por assim, produtora de ho-

mens fracos que incapazes de se haver com a realidade e com a dor de um mundo que emergi do nada, inventam um mundo metafísico que justifique e dê sentido a sua dor. Postulam um Salva-a-dor, um Deus-fundamento último, um Deus-moral, que assegure a existência e a salve-guarde de seu caráter iminentemente trágico. Nietzsche se apresenta, pois, como o maior crítico do logocentrismo ocidental e conseqüentemente da religião cristã que é para ele um desdobramento do pensamento metafísico: o grande juiz que condena a vida. Para o desenvolvimento do texto usaremos da pesquisa bibliográfica, selecionando obras de Nietzsche, a partir sua juventude, onde aparece sua crítica ao logos ocidental, bem como a religião niilista e a moral. Usaremos também textos de outros autores que subsidiaram nosso entendimento sobre o tema que ao abordar a crítica nietzschiana à religião niilista e à consciência ocidental apontará também para o seu oposto: o homem senhor da terra.

Palavras chaves: logos, religião niilista, moral, Nietzsche.

8. As Unidades Naturais de Planck como Referencial Teórico

Sung Woo Choi UPM UP Mackenzie
alexandre@minority.com.br

Enquanto as pessoas gastam 1 a 5 segundos para pronunciar alguns poucos sons completos de uma palavra ou uma frase e enquanto idéias e conceitos são assimilados e entendidos ao longo de uma vida inteira, uma enorme quantidade de informações é percebida em todos os segundos a cada instante. A velocidade de percepção das informações, no instante chamado “presente”, pode chegar a 1.000 informações por segundo. Mas é tão lento que até parece estar totalmente parado. Parecido com o velho paradoxo de Zenão. O movimento de Aquiles jamais ultrapassa os passos de uma tartaruga na frente. Enquanto Aquiles alcança a metade do espaço que a tartaruga já andou a tartaruga percorre no espaço do qual a metade Aquiles precisará alcançar. O tempo parece mais rápido do que a tartaruga. Não existe o momento chamado “presente”. Porque o “presente” passa tão rápido que já se tornou o passado o que num instante atrás era o futuro. E é neste “presente” que tudo acontece. O paradoxo foi resolvido pelo conceito de velocidade instantânea. E é nesse conceito de densidade em relação ao tempo que se entende e se resolve completamente o paradoxo. Assim também se resolve o problema do “presente”. Presente é um “evento” físico. E está em processo. E causa um efeito logo depois. E nesse evento há informações que caracterizam o seu estado, a sua estrutura, a sua existência e a sua essência. O presente é tão rápido que num piscar

de olho, em um segundo, pode conter 1044 instantes do tempo de Planck. É nesse “presente” que Deus “fala”, “expressa” a Palavra dEle. Se em cada instante do tempo de Planck Deus expressar uma informação, então é mesma coisa que 1044 informações por segundo. É muita informação. É muito maior que todos os caracteres escritos na história da civilização humana. Comparada com a palavra do homem, mesmo que consiga expressar tão rápido quanto a velocidade de computadores mais rápidos do mundo, é muito maior que tudo isso. Para expressar as informações que recebeu em um segundo, supondo que conseguiu entender todos os sinais e os códigos e também supondo que ele lembre todas as percepções, precisariam de muitos dias para expressar. Mas enquanto se faz esta façanha continua recebendo mais informações em cada momento.

9. Religião: Alicerce das idéias transcendentais e suporte ético à vida humana na ética kantiana

Rose Sylvania Figueiredo do Vale
sisilfigueiredo@hotmail.com

A partir do pensamento kantiano buscaremos respostas para a efetivação da ética e da religião na plena realização do homem, com o intuito de desvendar o processo que ocorre no sujeito, mais precisamente na razão, que postula como necessário a existência de um ser absoluto para a realização da moral. O conhecimento, segundo Kant, está condicionado às estruturas subjetivas do ser humano, que através de sensações são impressos elementos, a priori, transcendentais, ou seja, idéia transcendental da razão, entendida como incondicionado, que servirá como um princípio regulador do condicionado. Toda essa análise leva a entender que Kant busca uma resposta para ação moral dentro da razão, alicerçada pela religião, por meio de um Ser Soberano. Em sua filosofia, Deus, inicialmente, é elucidado como uma idéia incondicionada, ou uma ilusão, criada pela transgressão da razão especulativa que ultrapassa seus limites ao produzir idéias transcendentais. Porém, posteriormente, Kant transfere essa idéia incondicionada para um postulado moral. Ele declara que existe um lugar onde o homem se realiza através de sua ação ligada ao conceito de liberdade, esse lugar não se encontra na razão especulativa, mas sim, no âmbito da razão prática que remete para um campo religioso no qual possibilita a afirmação de um ser absoluto. Neste contexto, Deus, cuja existência é garantida pela religião, tem um significado moral, postulado como necessário para garantir o respeito às leis e propiciar positivamente as condutas morais e éticas, é também garantia do sumo bem, da esperança e da felicidade.

10. Religião na esfera pública, pressupostos cognitivos para cidadãos seculares e religiosos em Habermas

Paulo Sérgio Araújo PUC Minas
paulgioaraujo@yahoo.com.br

Em uma perspectiva genealógica, na qual buscaremos descobrir reconstitutivamente as bases de fundamentação da ética, do direito e da democracia, em nossa cultura, encontraremos elementos cognitivos oriundos da religião nos quais exercem um poder motivador ou integrador para os cidadãos na formação discursiva da opinião e da vontade no âmbito da esfera pública. No entanto, como esses elementos se articulam em um contexto pós-metafísico das sociedades de cosmovisão pluralista? Como relacionar religião e esclarecimento? A religião e o esclarecimento são questionados em suas formas de manifestação e se fará necessário um novo posicionamento no qual cada um deverá abrir mão dos seus pressupostos de verdades totalizadoras e assumir uma perspectiva de aprendizado mútuo fazendo o uso de uma razão comunicativa ou razão aberta. Visto que em nossa cultura ocidental, mesmo com os processos de sistematização, ou colonização do mundo da vida, ainda perdura o conteúdo intuitivo das tradições religiosas que precisamos garantir como condição de sobrevivência e coordenação das nossas ações, visando o entendimento mútuo. Explicitar esse caminho resgatando a herança constituidora da integração social é a pretensão que levantamos como algo possível a ser detalhado nessa comunicação.

11. Da impossibilidade do relativismo na perspectiva de Emmanuel Lévinas

Márcia Eliane Fernandes Tomé PUC Minas
fernandestome@ig.com.br

Nessa investigação tentar-se-á fundamentar a ideia diretriz que nem mesmo o contexto histórico-filosófico – a crise do sentido que coincide com a desconstrução dos fundamentos da metafísica moderna, da ascensão da pós-metafísica, dos estruturalismos e da afirmação do relativismo moral em nome de um pluralismo de sentidos – levaram o filósofo lituano a renunciar à busca na mesma tradição filosófica a possibilidade de superação do impasse do relativismo da filosofia contemporânea. A pretensão de Lévinas de fundar a ética sobre uma relação irreduzível ao conceito referir-se ao rosto do outro como primeiro mandamento ético, tudo isso implica de fato uma saída de si sem retorno ou segurança, uma perda do eu como condição do sentido ético. Tal-

vez aí alguns leitores mais apressados vejam certa adesão ao relativismo, uma recusa a enfrentar o logos que sempre caminha para a consciência unificadora. Pensamos que comparar o pensamento levinasiano aos discursos relativistas é refutar o propósito crítico de sua linguagem, sua energia destruidora e desmistificadora. Em *Totalidade e Infinito* ele afirma que “o pluralismo do ser não se produz como uma multiplicidade de uma constelação exposta diante de um olhar possível, pois deste modo ele já se totalizaria, se consolidaria em entidade. O pluralismo se realiza na bondade que vai de mim ao outro” (1980, p. 342). Parece que a intenção de Lévinas é questionar a primazia do teórico sem cair na prisão do caos e da multiplicidade. Conforme pensa Fabri (2001, p.250), “assim, a crítica levinasiana ao logos não é uma forma de relativismo[...], questionar a primazia da unidade do Logos é curiosamente lutar contra a sedução do múltiplo”.

12. Sendas da liberdade e o senso religioso contemporâneo

Flávio Augusto Senra Ribeiro PUC Minas

flaviosenra@pucminas.br

O tema da liberdade ocupa um lugar central na tradição filosófica europeia, particularmente, desde pelo menos os últimos três séculos. De Kant a Ricoeur, passando por Schiller, Nietzsche ou Heidegger, o tema ganha o status de fio condutor para o pensar filosófico enquanto reflexão sobre a situação de limite e abertura do ser humano no mundo. Do ponto de vista de uma filosofia da religião que se interessa por abordar as características do senso religioso contemporâneo, recortando aqui um horizonte da investigação sobre um pretense paradigma pós-religional contemporâneo, cabe ressaltar que se trata igualmente de um tema fundamental este que é o tema da liberdade. A comunicação, que se propõe como resultado das investigações do estágio de pós-doutoramento realizado recentemente, procurará, em um primeiro momento, demonstrar a centralidade do tema da liberdade como fio condutor para o pensar filosófico genuinamente interessado pelo refletir acerca da situação do ser humano no mundo, uma situação que joga entre o ser o nada. O segundo passo será dado na direção de tornar evidentes as características de um dos aspectos do senso religioso contemporâneo, o qual, de momento, intitular-se-á paradigma pós-religional. Finalizando a comunicação, destacar-se-á em que medida o pensar filosófico sobre a liberdade pode oferecer elementos esclarecedores para uma reflexão filosófica do senso religioso contemporâneo.

Palavras chaves: Filosofia da religião, liberdade, senso religioso contemporâneo

13. Linguagem e Proximidade: o discurso religioso como ética em Lévinas

Ubiratan Nunes Moreira PUC Minas
ubiratan.moreira@sga.pucminas.br

Que linguagem é possível em religião? Fazer afirmativas sobre Deus será sempre um problema para o pensamento, pois, na pretensão de identificar-se com a verdade, a ontologia gera violência. Apesar de esta tese ser de difícil sustentação, Lévinas chama atenção para ela. O filósofo procura um pensamento não logocêntrico para encontrar um sentido na experiência ética como relação de proximidade e responsabilidade por outrem. A proposta, aqui, é fazer uma leitura imanente de “Linguagem e proximidade”, texto que compõem o conjunto intitulado “Descobrimos a existência com Husserl e Heidegger” (1967). Trata-se de parte de um roteiro de pesquisa sobre a hermenêutica da religião como ética no pensamento levinasiano. Para tal intento, a primeira parte colocará o problema da relação linguagem e religião na proposta logocêntrica. No segundo tópico será trabalhado o movimento de saída da ontologia para a ética como filosofia primeira. O terceiro ponto conversará sobre a religião como relação, evento ético originário. A linguagem possível para tal evento será a relação mesma, sugerida por Lévinas na experiência do sensível como proximidade e responsabilidade.

14. A relação da teologia com a filosofia no medievo em Anselmo de Cantuária.

Emmanuel Roberto Leal de Athayde
emmanuel.junior@gmail.com

Sob um período de constante construção teológica, o século XII, época áurea da teologia medieval, viveu o pré-escolástico Anselmo, arcebispo de Cantuária, um importante nome da filosofia e teologia medieval. Nessa discussão visa apresentar as questões teológicas e filosóficas no ambiente anselmiano, partindo da teologia, observa-se que baseava-se nas Escrituras e nos pais da igreja, especialmente Agostinho, explicitar a hermenêutica medieval no que diz respeito ao conceito de Deus, de pecado, de Cristo, de maligno, de salvação, de morte, e outros temas teológicos presente no medievo. Ainda, discorrer sobre a existência de uma relação intrínseca entre filosofia e teologia. Sobre a filosofia medieval, tratar-se-á sobre a discussão acerca da existência de uma filosofia cristã ou não, se as produções medievais nessa área eram originais ou apenas repetição dos pais da igreja. Por fim, este estudo apresentará as

controvérsias filosóficas específicas do período anselmiano, como as questões entre os nominalistas e universalistas e realistas e ainda sobre a dialética e seus opositores e as influências sofridas pelos filósofos da antiguidade. Essa discussão visa tratar da proeminente discussão medieval, fé e razão.

GT 19: Religião e Filosofia na Índia

Proponentes:

Prof. Dr Dilip Loundo UFJF
loundo@hotmail.com

Prof. Dra. Maria Lúcia Abaurre Gnerre UFPB
luciabaurre@terra.com.br

Ementa do GT:

O Grupo Temático Religiões e Filosofias da Índia busca estimular os estudos e o diálogo em torno da pluralidade de tradições religiosas e filosóficas que se desenvolveram no subcontinente indiano ao longo de mais de quatro mil anos. Tais estudos compreendem, por um lado, (i) a reflexão sobre as práticas rituais e devocionais, narrativas mitológicas, sistemas de moralidade, e produções artísticas; (ii) e, por outro, a investigação dos princípios metafísicos, ontológicos, lógicos, éticos e estéticos que caracterizam a especulação filosófica, de caráter cognitivo e soteriológico, das principais escolas de pensamento, viz., Vedanta, Samkhya, Nyaya, Vaisesika, Yoga, Mimamsa, Jainismo, Budismo, Charvaka e Vyakarana. Dentre as fontes de investigação, destacam-se as narrativas originalmente escritas em sânscrito tais como (i) os Veda(s), Dharma-Sastras, Mahabharata e Ramayana, a literatura erótico-devocional, as fábulas do Pancatantra, as peças de teatro (natakas); (ii) e os Upanisads, sutras budistas e jainistas, e todas a literatura comentarial. Além destas, destacam-se, ainda, as fontes textuais modernas e contemporâneas de caráter sócio-antropológico, histórico e literário.

Observação : As ementas das comunicações do GT 19 serão distribuídas à parte no início do Congresso

GT 20: Subjetividade e Religiosidade

Proponentes:

Prof. Dra. Mary Rute G. Esperandio PUC-PR
mresperandio@gmail.com

Prof. Dr. James Farris UMESP
theology@uol.com.br

Prof. Dr. Ante Roese PUC-Minas
anete.roese@ig.com.br

Prof. Dr. Adilson Schultz
adilson@luteranos.com.br

Doutorando Marcio Luiz Fernandes

Ementa do GT:

O estudo da subjetividade perpassa vários campos de saber, desde a Psicologia, a Filosofia, a História, a Educação, e outros campos afins, exigindo assim, uma postura transdisciplinar e complexa na abordagem de tal objeto. A noção de processos de subjetivação diz respeito à criação de modos de existência, produção de estilos de vida. Os processos de subjetivação tomam forma de expressão tanto no corpo – no território existencial que chamamos de subjetividade – quanto no campo social sob a forma de novas figuras, valores, normas, comportamentos, modos de pensar e sentir. Constata-se, entretanto, que os vários campos de saber voltados à investigação da temática da subjetividade e dos processos de subjetivação não tem contemplado questões da religião e da religiosidade. Assim, faz-se relevante um Grupo de Trabalho dessa natureza, pois aposta-se que a singularidade das pesquisas sobre o fenômeno religioso com esse enfoque pode contribuir com esse campo de produção de conhecimento na área Teológica e das Ciências da Religião. Quanto aos referenciais metodológicos adequados à investigação da subjetividade, estes são variados: desde a fenomenologia, a genealogia, as teorias de gênero, a cartografia, estudos de casos, enfim, a escolha dessas ferramentas de pesquisa deverá ser aquela que melhor se adequar ao próprio problema em questão, uma vez que as esco-

lhas metodológicas são indissociáveis da própria construção do problema que se quer investigar. Num tempo onde a subjetividade tem sido bombardeada pelos movimentos de captura do desejo e dos modos de percepção, a pesquisa do fenômeno religioso sob a perspectiva da subjetividade e dos processos de subjetivação nos parece um lugar privilegiado para levantamento de algumas “pistas” que favoreçam outras formas possíveis de criação e afirmação da vida.

1. A Criança e os Corpos Animados

Marcelo Ramos Saldanha EST

marcelo.saldanha@gmail.com

Este artigo apresenta algumas questões sobre as relações entre o teatro de animação e a produção de subjetividade na criança. Sob a visão de uma dupla encarnação na figura do boneco, o teatro de animação é uma manifestação corporeificada do lúdico infantil, onde o adulto e a criança transformam-se em seres que dialogam num espaço de significados compartilhados. Como o teatro de animação é a manifestação artística que mantém maior semelhança com o ato de brincar, o abordaremos como técnica, falando do ator, do boneco e do texto, a partir do encontro do mundo concreto do adulto com a hermenêutica lúdico-sincrética da criança. Dessa forma, compreenderemos o teatro de animação como um dispositivo de produção de subjetividade na infância, capaz de construir um universo simbólico rico em experiências, onde ambos, a criança e o adulto, podem ver-se como seres nascidos na vida, num espaço kenótico de múltiplas possibilidades de interação e transformação.

2. Sem religião: Subjetividade e religiosidade

Rafael Lopez Villaseñor PUC-SP

rafamx@uol.com.br

Sabemos que as três principais mudanças que caracterizam o campo religioso brasileiro: a diminuição percentual de católicos, o crescimento dos evangélicos e o aumento dos sem religião. Sobre os dois primeiros aspectos muito se tem escrito e pesquisado, sobre o terceiro bem menos. De fato, ainda pouco se sabe e pouco se tem pesquisado sobre quem são os brasileiros “sem religião” que adentram o século XXI. O texto aborda as transformações religiosas brasileiras e a crise de pertença institucional a partir do subjetivismo

religioso dos sem religião ou sem instituição. Esta realidade não é unívoca nem definitiva, mas leva a buscar um novo sentido da vida e novas formas de relacionamento com o transcendente.

Palavras –chave :sem religião, subjetividade, mobilidade, instituição.

3. A Metodologia de História oral na trama da subjetividade religiosa

Amauri Carlos Ferreira – PUC-Minas

mitolog@pucminas.br

Yonne de Souza Grossi – PUC-Minas

mitolog@pucminas.br

A razão narrativa desperta lembranças, cujo o registro pode ser colhido em histórias de sujeitos através de seu percurso existencial. No entanto, nem sempre a memória de fatos e lugares expressa o sentido dado pelo indivíduo ao que foi vivido. Narrar faz parte da vida. Traz em seu conteúdo inscrições objetivas que, às vezes, diferenciam-se dos chamados relatos orais. Esses são unidades de referência de determinados procedimentos metodológicos. Entre eles tem-se a metodologia de História Oral. O sentido e o significado atribuído pelos documentos criados por ela, através da relação entrevistado /narrador, circunscrevem um campo fecundo de análise. A partir da metodologia de História Oral, a narrativa apresenta-se como um caminho que se abre à expressão da subjetividade.

Nesta comunicação pretendemos discutir de que maneira a metodologia de História Oral pode apreender a trama da subjetividade religiosa, sem se perder nos desvãos das redes do profano. Assim, indagamos: como a religiosidade do indivíduo, expressa no ato de narrar, registra unidades de referência valorativas? Como se constroem imagens que condicionam o indivíduo a incorporar a religião em sua vida? Para compreender esse processo trabalharemos a complexa tessitura indivíduo/subjetividade na constituição do sujeito quando esse atribui sentido ao mundo, na dimensão do sagrado.

4. Pessoas adultas não casadas em contexto eclesial – do biopoder à biopotência

August Hartmut – PUCPR - hart@ausland.com.br

Esperandio. M. R. G. – PUCPR

A sociedade brasileira passa, atualmente, por um período de transformação em relação à questão da organização familiar. Cresce o número de pes-

soas vivendo sozinhas. Como não podia deixar de ser, essas transformações também afetam as igrejas evangélicas e seus participantes. Observação empírica, confirmada por pesquisa informal, dá conta de que pessoas adultas não casadas tendem a reagir da mesma forma como são tratadas pela igreja local. Desta forma, se a igreja local as acolhe, a tendência é de que essas pessoas permaneçam na igreja, aumentando inclusive seu envolvimento. Se, por outro lado, a igreja local não as acolhe, a tendência é de que essas pessoas se afastem da mesma. O objetivo desta comunicação é apresentar o conceito foucaultiano de biopoder aplicado a esse contexto. Portanto, será analisado de que forma as pessoas que exercem poder no âmbito da igreja afetam a maneira das pessoas adultas não casadas se relacionarem com sua igreja local. Também será apresentado o conceito de biopotência como contraponto ao biopoder para o trabalho que pode ser realizado pela igreja junto a essa população.

Palavras-chave: biopoder – biopotência – pessoas adultas não casadas – comunidade eclesial – Teologia e Sociedade.

5. Processos de subjetivação de pessoas adultas solteiras de comunidades protestantes

Mariluce Emerim De Melo August - PUCPR

marilucearq@gmail.com

Mary Rute Gomes Esperandio – PUCPR

Cada vez mais cresce o número de pessoas que se casam mais tarde ou ficam sozinhas pelas mais diversas razões. Em nossas comunidades religiosas esta realidade não é diferente. No entanto, são raros os programas de envolvimento e cuidado pastoral para essas pessoas que muitas vezes se sentem incompreendidas. Também são poucas as pesquisas existentes sobre os modos de vida de jovens adultos(as). Essa pesquisa poderá mostrar possibilidades de modos de vida positivos de reconhecimento de si mesmo e estímulo para enfrentar situações do cotidiano. Os modos de existência serão evidenciados em base cartográfica que é o método escolhido para a pesquisa, partindo-se do pressuposto metodológico de que o sujeito-colaborador sabe desta experiência, já que a vivenciou. Os dados serão obtidos de entrevista semi-estruturada com 27 perguntas aplicadas a 24 pessoas entre 30 e 59 anos, solteiras, bem como viúvas, separadas, divorciadas ou casadas, que tenham permanecido solteiras até os 30 anos, participantes do grupo interdenominacional Ministério Jovens Adultos, que se reúne mensalmente na sede da AMAS (Associação Menonita de Ação Social), em Curitiba. As questões levantadas nas entrevistas pretendem obter uma descrição acerca de processos de subjetivação e identi-

ficar as percepções e sentidos atribuídos por estes sujeitos a respeito dos contextos familiares, culturais e eclesiais pertinentes à sua vida. Em vários casos se desconhece as verdadeiras motivações de jovens adultos(as) ao não casamento e ao fato de “parecerem” que estão em descompasso com a sociedade. Esta não compreensão das verdadeiras motivações e dos modos de existência tem gerado isolamento, invisibilidade, sofrimento e paralisação na vida de muitas pessoas solteiras. Faz-se necessário investigar os diversos elementos e instâncias que compõem o processo de subjetivação de pessoas solteiras protestantes. Ao fomentar-se cuidado pastoral com modos de vida afirmativos, as pessoas solteiras que se encontram em processos de paralisação poderão compreender suas necessidades e identificar e tratar de aspectos que trazem sofrimento e complicam suas vidas. Terão condições de perceber seus próprios processos e poder fazer escolhas mais autônomas, mais criadoras/ativas e menos reativas ou simplesmente adaptativas ao modo dominante de subjetivação.

Palavras-chave: subjetivação – pessoas adultas solteiras – teologia e sociedade – comunidades protestantes

6. Coping Religioso-Espiritual em pacientes renais crônicos

Dr. Mary Rute Gomes Esperandio PUCPR/Teologia
mresperandio@gmail.com

Atualmente, no Brasil e no mundo, tem havido um progressivo aumento na incidência e prevalência de pessoas com doença renal crônica. Tal doença provoca importantes mudanças no cotidiano das pessoas por ela afetada, fazendo aparecer, sobretudo, o estresse e a depressão. O modo como estes pacientes lidam com o sofrimento advindo da doença é chamado coping. Assim, esta pesquisa teve como objetivo acessar as estratégias de coping religioso-espiritual utilizadas por estes pacientes. A Escala CRE-Breve, um instrumento que aponta o modo como as pessoas utilizam o coping religioso espiritual (CRE) foi aplicada em 126 pacientes em tratamento hemodialítico na Fundação Pró-Renal, em Curitiba. Este instrumento acessa os padrões de Coping Positivo e Negativo. O primeiro refere-se a um senso de espiritualidade, a um relacionamento seguro com Deus, à crença de que existe um sentido na vida, e ao senso de conexão espiritual. Já o segundo expressa um padrão de relacionamento com Deus menos seguro, a visão de um mundo frágil e ameaçador, e uma luta espiritual em busca de sentido na vida. Quatro questões relacionadas à qualidade de vida foram acrescentadas ao instrumento. A pesquisa revelou que o coping positivo foi altamente utilizado, em contraste com

o coping negativo. Tais resultados podem ser correlacionados com qualidade de vida, satisfação com a saúde, e sentido de vida, e indicam que as estratégias de coping religioso constituem-se como fator de suporte espiritual para lidar com essa doença, evidenciando assim, a importância e relevância de se abordar questões religiosas/espirituais durante o tratamento hemodialítico tanto por cuidadores pastorais quanto por profissionais da saúde.

Palavras-chave: coping religioso positivo; coping religioso negativo; qualidade de vida; doença renal crônica.

7. A noção contemporânea de tempo e suas implicações na subjetividade religiosa

Ana Maria Cassu Queiroz – UP Mackenzie
ana_cassu@hotmail.com

O foco desta discussão é apontar, na cultura contemporânea, a alteração da noção de tempo, promovida pela tecnologia da informação ou como definiu Castells (1999), o tempo “intemporal” que, atualmente permeia toda a esfera sociocultural e observar suas implicações na subjetividade e nas práticas religiosas.

8. Aprendizagem e Espiritualidade: Um estudo sobre o coping religioso/espiritual e o processo de aprendizagem em estudantes universitários.

Dirce de Fátima Minatel Bassi – PUCPR
dircebassi@ufpr.br
Mary Rute Gomes Esperandio - PUCPR
mresperandio@gmail.com

Aprendizagem e espiritualidade são fenômenos inerentes ao ser humano e, portanto, tão antigos quanto à própria humanidade. A religiosidade, na sua condição de característica exclusivamente humana, revela um atributo humano de busca do sagrado, sem especificar o que seja esse sagrado, tanto como explicação para o real vivido, quanto para negociações e entendimentos com a ou as divindades na procura de resoluções de problemas cotidianos. À prática de se utilizar crenças e comportamentos religiosos para lidar com o estresse e com os problemas da vida denomina-se coping religioso/espiritual. Coping é uma palavra inglesa sem tradução literal para o português, pode significar “lidar com”, “adaptar-se a”, “enfrentar” ou “manejar”. A hipótese que deu origem a esta pesquisa supõe que a maioria dos estudantes realiza o coping religioso/

espiritual na busca de ajuda para a superação das dificuldades encontradas no processo de aprendizagem. O objetivo desta pesquisa é investigar o modo como os estudantes universitários utilizam as estratégias de coping religioso/espiritual durante a formação acadêmica, verificando, também, as possíveis relações entre coping religioso espiritual, incidência de depressão e Qualidade de vida. Considerando que o conceito de coping religioso/espiritual vem sendo ao longo do tempo associado, quase que exclusivamente, ao campo da saúde, investigar o coping religioso/espiritual no contexto educacional poderá representar um avanço nos estudos sobre esse tema. Além disso, a justificativa principal para a realização da pesquisa é possibilitar o diálogo sobre a espiritualidade/religiosidade no meio acadêmico. Para a coleta de dados pretende-se utilizar a Escala de Coping Religioso-Espiritual Abreviada (Escala CRE – Breve), o Instrumento de Qualidade de Vida da Organização Mundial da Saúde – Módulo Espiritualidade, Religiosidade e Crenças Pessoais (WHOQOL-SRBP) e o Inventário Beck de Depressão (BDI)

9. A Fortuna e a Providência: Maquiavel e Calvino, dois olhares contemporâneos diferentes sobre a História e a Vida

Hermisten Maia Pereira da Costa – UP Mackenzie

Hermisten@terra.com.br

Neste texto Costa analisa a diferença fundamental entre dois contemporâneos, o italiano Maquiavel (1469-1527) e o francês Calvino (1509-1564) a respeito da história e da vida. Interpreta que o conceito de Maquiavel sobre a Fortuna – forma secularizada da providência –, divindade cega que controla 50% de nossa vida, e o de Calvino sobre a Providência, que nos propicia a certeza do cuidado de Deus nos momentos mais sombrios de nossa existência, foram determinantes para a visão de história, ética e ensinamentos de ambos.

10. A vivência da entropatia na perspectiva de Edith Stein e a experiência religiosa

Dilson de Oliveira Daldoce Júnior Mestrando Teologia - PUCPR

djunior_scj@yahoo.com.br

Segundo a análise fenomenológica, o ser humano, no encontro com o outro sujeito, é capaz de apreender a vida alheia que lhe está diante, de compreender o outro sujeito como um semelhante a ele. Este processo de dar-se conta do outro e da experiência alheia é possível por meio de uma vivência da consciência chamada por Edith Stein, seguindo Edmund Husserl, de

Einfühlung, termo alemão que comumente vem sendo traduzido nas línguas neo-latinas e na língua inglesa por “empatia”. Contudo, devido a uma série de confusões referentes ao uso do termo, é conveniente referir-se a esta vivência pelo conceito de “entropatia”, entendido como o processo pelo qual a consciência se dá conta da alteridade, da experiência alheia, do outro sujeito. Uma vez que o sujeito se vê diante de um outro sujeito, de estrutura semelhante à sua, de vivências análogas às suas, ele pode, a partir disto, perceber-se em relação, em experiências que não lhe são exclusivas, mas que são vivenciadas intersubjetivamente. A experiência religiosa é uma destas ocasiões na qual o sujeito está-com, percebe-com, experimenta-com e, logo, constrói-se-com. O processo de subjetivação, na experiência religiosa, tem também um caráter intersubjetivo permitido por meio da vivência da entropatia, a qual deve ser submetida à investigação para se compreender qual o seu papel e sua contribuição no contexto deste tipo de experiência.

11. O Imaginário das Fontes Sagradas

Michelle de Kássia Fonseca Barbosa – UFPB

mickassi@hotmail.com

Eunice Simões Lins Gomes - UFPB

É possível identificar inúmeras histórias que falam sobre fontes nas quais brotam águas milagrosas. Ouve-se falar sobre histórias de fontes sagradas desde épocas remotas, elas são encontradas em vários continentes e povos. Talvez a ocorrência de histórias sobre fontes sagradas em povos às vezes tão distantes no tempo e no espaço estejam amparadas naquilo que Jung chamou de inconsciente coletivo, ou seja, um conhecimento universal da alma humana, presente em todos os povos, que guia ou inspira produções simbólicas, onde estas estariam transmitindo em mensagem, dados de informações sobre este conhecimento, e que possuem alguma utilidade relevante para a vida humana. Nas histórias sobre fontes sagradas é comum que estas tenham sido criadas por seres divinos ou então que neste lugar tenha havido uma experiência com o sagrado, tornando este lugar visitado constantemente por pessoas a espera de que o sagrado se manifeste outra vez. O perímetro ao redor da fonte torna-se então um lugar sagrado, um lugar especial, importante, cheio de poder, onde se passa a realizar rituais, peregrinações, práticas em busca de curas. É o local onde o homem religioso quer estar e ser beneficiado de alguma forma. A água sempre foi um dos elementos da natureza que esteve associada ao surgimento da vida e experiências com o sagrado, como as águas primordiais ou as águas do batismo, por exemplo. Seja na forma de rio, mar, lago, chuva, a

água aparece com um simbolismo rico em significado e a fonte pertenceria a este conjunto simbólico. O objetivo geral deste trabalho consiste em identificar histórias que falem sobre fontes de águas sagradas. Tem como objetivos específicos: estudar a crença de que o sagrado se manifesta ao homem; estudar a crença de que o local onde ocorre uma manifestação do sagrado torna-se um lugar especial; verificar dados onde a água é tida como elemento privilegiado de manifestação do sagrado. A metodologia utilizada é a de pesquisa bibliográfica e qualitativa onde as informações colhidas estão distribuídas em livros e artigos especializados no tema fontes sagradas. Esse estudo contribui para a aquisição de informações sobre lugares sagrados, elementos de culto, símbolos universais, imaginário que envolve a crença e disseminação de histórias sobre fontes sagradas. Estas citadas informações coletadas contribui ainda para etapa de entendimento e construção de base teórica para Dissertação de Mestrado em Ciências das Religiões em andamento, que tem como objeto de estudo a análise do encontro das matriarcas bíblicas Rebeca, Raquel e Sêfora em fontes de água.

12. Deus lhe pague! Uma genealogia na interação entre Direito e Teologia sobre o vínculo de emprego dos Trabalhadores Religiosos em Organizações Religiosas

Leandro Inácio Leite – PUCPR

leandro.leite@mpt.gov.br

Dr.^a Mary Rute Gomes Esperandio – PUCPR

Com “Deus lhe pague” (primeira faixa do LP “Construção”, de 1971) Chico Buarque agradece pelas imposições que temos de suportar e que, gradativamente, nos enfastiam da própria vida, ao ponto de encontrarmos redenção apenas na “paz derradeira”. Essas imposições terminam por naturalizarem-se no ambiente social, e definindo modos de existência, são capazes de desumanizar e perpetuarem relações que inibem a dignidade do Ser Humano. A estratégia genealógica apresentada por Foucault permite desvelar situações que possibilitaram a naturalização de algumas dessas “imposições da vida”, como, no caso, a compreensão do Judiciário sobre a configuração do vínculo de emprego entre Trabalhadores/as Religiosos/as e Organização Religiosa a que se vinculam. A análise de julgados do Tribunal Regional do Trabalho da 9^a Região – Paraná – demonstra o Judiciário assumindo como verdadeira uma compreensão das atividades dos Trabalhadores/as Religiosos/as romantizada e não mais condizente com formas de interpretação do fenômeno religioso existente

na contemporaneidade. Essa compreensão sobre a relação entre Religiosos/as e Igrejas conduz a manifestações jurisdicionais que excluem dos Trabalhadores/as Religiosos/as direitos comuns aos demais cidadãos, mantendo-os alijados de uma proteção trabalhista mínima. Elegendo-se as Instituições Religiosas Cristãs como modelo exemplificativo, observam-se no transcorrer do processo histórico situações que permitiram condições de possibilidade à compreensão atual acerca do Trabalhador/a Religioso/a e seu vínculo com a Instituição que representa. As Organizações Religiosas usam de sua influência e poder – tanto interna quanto externa corporis – para solidificar ainda mais o que já se encontra naturalizado sobre sua relação com os religiosos que lhes prestam serviços, mantendo-os submissos às disposições dogmáticas da religião ao ponto de lhes serem impossibilitadas quaisquer formas de afronta à hierarquia constituída sob a acusação de rebeldia e exclusão, o que vem sendo revalidado pelo Judiciário. As Organizações Religiosas, ao optarem por uma administração institucionalizada e hierarquicamente rígida, definem critérios de submissão e subordinação que desumanizam aqueles que tão graciosamente a ela se dedicam, sendo que o Judiciário encontra-se cooptado à pretensão das Instituições Religiosas ao relegar exclusivamente ao âmbito religioso a relação existente entre “Igrejas” e Trabalhadores/as Religiosos/as. O Judiciário chega a afirmar que Deus é quem deve pagar pelos direitos trabalhistas do religioso, e que a “Igreja” sequer é obrigada a sustentar o/a Trabalhador/a Religioso/a. Não se distancia de tais posicionamentos a compreensão da existência de uma certa ‘escravidão religiosa’. O brado de Chico Buarque contra uma ditadura estatal parece poder, hoje, ser cantado pelos perseguidos religiosos de uma ditadura espiritual, os próprios religiosos que, neste mundo, não têm direito a nada além de esperar, e agradecer com um “Deus lhe pague!”, pela “paz derradeira que enfim vai nos redimir”. Ao final do trabalho apresentam-se questões que pretendem contribuir para que seja repensada a relação entre Trabalhadores/as Religiosos/as e Organização Religiosa à qual se encontram vinculados/as de forma a permitir que as atividades que exerçam possam dignificar a pessoa humana não apenas numa dimensão transcendente – onde se encontra, atualmente, à mercê de um “pagamento divino”, mas também na dimensão da imanência – de um cotidiano mais mundano, mas não menos sagrado e justo.

Palavras chaves

Genealogia, Trabalhador Religioso, Vínculo de Emprego, Subjetivação, Teologia e Sociedade.

13. Viver sem religião: o caso da comunidade Noiva do Cordeiro

Anete Roesse PUC Minas

anete@luteranos.com.br

Adilson Schultz PUC Minas

adilson@pucminas.br

Noiva do Cordeiro é uma comunidade rural do interior de Minas Gerais que forjou um modo de vida alternativo e sustentável. Um modelo de comunidade liderada por mulheres, e que inclui uma vida sem religião. Depois de uma história de um século de muito sofrimento sob a tutela de uma Igreja Católica e uma Igreja Evangélica, a comunidade decidiu pelo abandono de toda forma de religião institucionalizada. Num processo de constantes rupturas e perseguições sociais, foi criado um modelo de comunidade fortemente arraigado nos valores da autonomia e da solidariedade, forjando sujeitos autônomos e responsáveis, que se tornaram lideranças sociais e políticas. O presente estudo analisa os elementos subjetivos do processo, verificando os indicativos e as implicações de tal fenômeno religioso e social, especialmente os limites e o fim de uma forma de religião. Os pressupostos teóricos deste estudo apontam para uma perspectiva transdisciplinar que compreende a teologia, a sociologia e a psicologia da religião, e, nestes campos, as teorias feministas.

Palavras-chaves: Noiva do Cordeiro, Modos de vida alternativos, fim da religião, liderança de mulheres.

14. Terra de Preto na Terra da Santa: subjetividades e singularidades no reconhecimento de direitos territoriais

Rebeca Campos Ferreira Antropologia Social, PPGAS, USP

Bolsista da FAPESP

rebeca.ferreira@usp.br

A Comunidade do Carmo pode ser analisada sob a perspectiva da construção de identidades. O processo de formação identitária da comunidade, que tem suas bases no catolicismo popular, apresenta peculiaridades no que diz respeito às relações, ao território e à origem. No debate acerca de “Terras de Preto” e “Terras de Santo”, aqui se tem a presença da própria Nossa Senhora do Carmo na identidade do grupo, enquanto origem, como a mãe. A religião está presente na vida social cotidiana, mostra as relações de reciprocidade e de identidade da comunidade do Carmo, que são estruturadas pelo parentesco e pela religião, reforçando-se mutuamente em um arcabouço de referências simbólicas.

15. Fé e relação subjetiva

Janaina Hübner - EST
janahubner@yahoo.com.br

O conceito de fé antropológica coloca o ser humano como um ser multidimensional e em busca de sentido para a vida, e este sentido é construído através dos valores e princípios transmitidos pelas pessoas importantes para nós e que vivem em nosso meio. A busca de um centro de valor e poder capaz de ordenar e dar sentido para tudo o que fazemos pode nos direcionar a uma fé religiosa, com um objeto de valor e poder transcendente, mas não necessariamente.

Essa dimensão humana denominada fé atua se direcionando e se relacionando com um objeto de fé e esta relação se dá no palco da subjetividade, na consciência crítica particular de cada sujeito. Nesse sentido, a experiência do sujeito com seu objeto de fé não acontece objetivamente, mas sim através de um envolvimento pessoal intenso e necessário para suprir a exigências dessa dimensão.

Queremos assim, discutir a importância de se considerar, nas pesquisas relacionadas à busca humana pelo religioso, a subjetividade enquanto elemento fundamental da consciência crítica e ativa do sujeito na relação com seu objeto de fé.

16. A arqueologia fenomenológica da experiência religiosa segundo Ângela Ales Bello

Dr. Marcio Fernandes – PUCPR
marciovisconde@yahoo.com.br

O trabalho examina as principais categorias com as quais Ales Bello propõe o estudo da experiência religiosa. Delineia-se a forma de interação entre a análise fenomenológica das vivências dos sujeitos a partir da contribuição de Husserl e Edith Stein e as reflexões sobre a ‘fenomenologia da religião’ de Gerardus Van der Leeuw. Para Ales Bello as religiões tem papel fundamental no desenvolvimento da cultura e, por isso, a análise da experiência religiosa permite vislumbrar o quanto este dado está ligado às aspirações profundas e existenciais do ser humano. Tal exame, porém, segundo a autora tem uma peculiaridade: deverá articular o objeto da experiência religiosa com as questões referentes às relações entre o feminino e o masculino com o respectivo reflexo nas dimensões culturais e sociais.

GT 21: **Religião como texto: linguagem e produção de sentido.**

Proponentes:

Prof. Dr. Paulo Augusto de Souza Nogueira Universidade Metodista

Prof. Dr. Pedro Lima Vasconcelos - PUC-SP
plvasconocellos@uol.com.br

Prof. Dr. Ênio José Brito Costa PUCSP
brbrito@uol.com.br

Ementa do GT:

A proposta deste GT tem um caráter interdisciplinar. Não contempla exclusivamente biblistas ou especialistas em qualquer outro conjunto de literatura das religiões, mas um estudo de caráter teórico sobre as relações da religião com a linguagem ou com a própria constituição da religião enquanto sistema simbólico (gerador de sentido). Nosso objetivo é o de fomentar o debate entre abordagens semióticas, linguísticas, literárias, fenomenológicas, antropológicas, entre outras, em torno do tema da produção do sentido, estudando inclusive as condições de expressões da religião na cultura visual, gestual e outras. Trata-se de uma abordagem epistemologicamente mais fundamental que a abordagem de “Textos Sagrados”, a ser trabalhada pelo GT 4. Obviamente, esses não são desconsiderados. Assim sendo, este GT tem uma perspectiva epistemológica específica que merece espaço próprio no seio da temática a serem tratadas no 3º. Congresso da ANPTECRE. Pretende colaborar para a criação de um quadro mais equilibrado de nossa complexa área de estudos trazendo seu aporte semiótico à compreensão do sentido da linguagem religiosa.

1. Por uma história das práticas de leitura religiosa no Brasil

Dr. João Leonel- Pós-Graduação Letras
Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Esta comunicação, partindo dos altos índices de leitura da Bíblia e de livros religiosos apontados pela pesquisa Retratos de leitura no Brasil, e das

proposições teóricas de Paulo Freire e Paul Ricoeur, para os quais a leitura é precedida pela leitura do mundo e se constitui em um encontro entre o mundo do leitor e o do texto, e de Michel de Certeau, para o qual o leitor “Inventa nos textos outra coisa que não aquilo que era a intenção deles”, propõe que se desenvolva, a partir de teóricos da história da leitura como Roger Chartier, um estudo das práticas de leitura de participantes de instituições religiosas com o objetivo de identificar como eles constroem sentidos e práticas a partir das leituras feitas, muitas das vezes diversos daqueles pretendidos por suas lideranças religiosas.

2. A metáfora religiosa como insinuação de novidades

Elienai Cabral Junior – UMESP

A metáfora, segundo Donald Davidson, articulada por Richard Rorty em seu *Contingência, ironia e solidariedade*, é o momento de ruptura e estranhamento para o vocabulário comum na progressão intelectual de uma comunidade. Sua incompreensão se deve à articulação precária, ainda, de um novo vocabulário, que insinua a redescritção do mundo humano e seus valores, crenças e expectativas. A religião em seu discurso frequentemente metafórico é flagrada na habilidade de articular estas metáforas e insinuar novidades.

3. Mors et A-mor: a dualidade Amor-Morte nas Metamorfoses de Ovídio.

Prof^a Ms. Leyla Brito – UFPB
leylahestia@hotmail.com

O par Eros-Tânatos - entre os latinos Mors-Amor (A-mor: ausência de Mors) atua na atribuição de sentido ao mundo, tanto em mitos cosmogônicos na função de deuses primordiais, como no desnudamento da ambivalente vontade individual humana que, a um só tempo, é pulsão de vida e, contrariamente, de negação e morte, como propõe Schopenhauer. Nas *Metamorfoses* de Ovídio, Amor e Morte, poeticamente decupados, trazem à tona esse aspecto dual em que se inscrevem nossas pulsões e vontades. Com esse trabalho pretendemos expor como a fruição literária, assim como o mito, confirma ao homem sua ambivalente humanidade, para além das normatizações morais e sociais.

4. O Jardineiro, a fidelidade e a ética: uma reflexão teológica sobre o filme: "O jardineiro Fiel"

Everton Nery Carneiro – EST
evertonery@yahoo.com.br

Discutir a questão ética e teológica no filme "O jardineiro fiel" de Fernando Meirelles, buscando pensar a fidelidade e a busca da justiça e felicidade no paraíso (no jardim), pensando o mesmo não como saudade, mas como esperança.

5. Leituras do Apocalipse: uma hermenêutica da poética de Murilo Mendes.

Daniel Santos Souza - UMESP
dan.vca@gmail.com.

A poesia não é conceito, não explica: ela é um convite para recriar o percebido por meio de símbolos e imagens, acontecendo nas relações texto-leitor, palavra-corpo. Nesta iniciativa re-criadora, Murilo Mendes (1901-1975) acampa o seu labor poético, relendo textos e interpretando-os em novidade.

A partir da sua conversão ao catolicismo romano em 1934, o poeta mineiro passa a cultivar a poesia religiosa e mística, com a tarefa de tentar ordenar o caos, utilizando-se para isso da lógica, da criatividade e do poder de libertação do trabalho poético. Partindo de uma compreensão de que o mundo é o próprio caos, a poesia de Murilo Mendes tenta o tempo todo destruir para reconstruir, subverter a ordem das coisas estabelecidas para reorganizá-las de acordo suas próprias leis. Tarefa não muito fácil diante da dramática realidade: a ausência de sentido.

Esta tarefa pode ser vista nas re-leituras que o poeta realiza do Apocalipse joanino, trazendo para as leituras apocalípticas o seu mundo-vivido, com significados e experiências: transmitindo, criando novas mensagens e condensando a memória cultural de interpretações (um momento de evocação das leituras do texto sagrado). A imaginação age e um apelo espiritual de tom dogmático ganha ventos de revelação e novidade. O poeta – permanecendo no lugar-entre - cria o seu próprio Apocalipse. O seu mundo-texto irrompe com as leituras rígidas e estabelecidas.

Por esta razão, este trabalho procura compreender (uma tarefa hermenêutica) as poesias de Murilo Mendes com re-leituras do Apocalipse - contidas especialmente em seu livro Tempo e Eternidade, escrito com Jorge

de Lima (1893-1953). Para esta tarefa, proponho a utilização das reflexões sobre a Semiótica da Cultura estabelecidas por Iuri Lotman (1922-1993), importante teórico da Escola de Semiótica da Cultura de Tartu. Em relação a este autor, o conceito que mais me interessa para esta análise é o da *Semiosfera*: o espaço da cultura, onde textos circulam, se reproduzem e rompem mundos, desestabilizando sistemas. O conceito-chave é a fronteira, com a presença da oposição: texto e não-texto; da tradução: bilíngue; e da relação centro-periferia.

6. Dêutero-Isaías e os oráculos de salvação: uma literatura para a comunidade exilada na Babilônia no VI século a.C.

Sue'Hellen Monteiro de Matos

O povo de Israel sofreu diversos exílios. Contudo o exílio babilônico do 6º século é o mais conhecido e comentado. Ocorreram três deportações (597 , 587/6, 582 a.C). Somando as três deportações, teriam sido levadas cerca de “15 mil pessoas, oriundas basicamente da população de Jerusalém. O exílio babilônico é, pois, principalmente um exílio dos ‘cidadãos’ da capital”. Por volta de 538 a.C. Ciro havia conquistado todo o império babilônico. Em seu primeiro ano de reinado, proclama um decreto ordenando a restauração da comunidade judaica e do culto na Palestina. Encontramos dois relatos desse fato na Bíblia: Esdras 1,2-4 e 6,3-5. Sendo assim, desde a primeira deportação até o decreto de Ciro, temos cerca de sessenta anos. Sessenta anos sob o domínio do império babilônico.

Nesse período, os judeus que viviam na Babilônia representavam a nata política, eclesiástica e intelectual de sua terra. A comunidade exilada “estava no campo, num lugar chamado Tel Aviv. Aí plantavam. Eram escravos, isto é, eram trabalhadores forçados pelo império, produzindo para sua própria sobrevivência e pagando pesados tributos aos babilônicos”. Possuíam liberdade para fazer reuniões e assim manter uma espécie de vida comunitária (cf. Ez 8,1; 14,1; 33,30ss). Só que com o exílio houve uma crise teológica. O próprio status de Deus de Israel foi colocado em dúvida. A nação monoteísta de Israel havia sido subjugada por uma nação pagã. Desse modo, havia uma grande tentação em abandonar a religião ancestral (cf. Jr 44,15-19; Ez 33,10). Havia uma ameaça geral de perda da fé. A religião de Israel estava sendo provada numa situação de vida ou morte. Precisava esclarecer sua posição diante das grandes nações e de seus deuses, diante da tragédia nacional e de sua significação ou então perecer.

Nesse contexto que surge a figura do Dêutero-Isaías, do profeta, ou profetas sem nomes, cuja identidade está escondida por de trás de sua mensagem. A atuação profética do Dêutero-Isaías se dá no período tardio, por volta de 550-540 a.C. O povo já estava exilado, contando desde a primeira deportação, há cerca de 50 anos. A esperança estava perdida, o sentimento de abandono tomava conta da comunidade (cf. Is 49, 14). No entanto, o império babilônico ficava instável e o poder de Ciro, o persa, aumentava significativamente.

Diante disso, a palavra profética de Dêutero-Isaías é de esperança, e não de julgamento. Houve, portanto, a necessidade de trazer palavras de ânimo à comunidade exilada. Sendo assim, o profeta re-significa o oráculo sacerdotal de salvação, que é a resposta comunicada pelo sacerdote ao lamento individual de alguma pessoa atribulada (cf. 1Sm), em um oráculo de salvação para a nação. Os oráculos de salvação (41,8-13; 14-16; 43, 1-7; 44,1-5; 54,4-6) dirigido para um Israel personificado, silencia o temor e promete libertação em termos gerais de conforto, bem-estar, prosperidade e vitória. Ele pressupõe uma lamentação individual que precipita uma segurança e libertação para o suplicante, expressa por sacerdote.

Assim, uma literatura produzida a partir da crise teológica sofrida pelo povo de Israel exilado na Babilônia, vem não somente criar e transmitir as palavras de Javé, mas também produzir memória ao povo de Israel. Era necessário criar a memória de que Javé é o Deus que irá libertar o povo da babilônia, como um novo êxodo na vida do povo de Israel, e por isso eles não precisam temer. Portanto, diante da cultura babilônica, e da crise teológica do povo de Israel, houve a necessidade de criar-se uma literatura para dar ânimo à essa comunidade que estava na periferia cultural.

É evidente que os oráculos de salvação não é de propriedade exclusiva da cultura de Israel. Há varias fontes extra-bíblicas do Antigo Oriente próximo que trazem relatos de oráculos de salvação, que, de um modo geral, possuem três aspectos: geralmente é declarado, é orientado para o futuro, e possui a promessa de que os inimigos do destinatário não vencerão.” Por exemplo, no festival do Ano Novo na Babilônia, o rei sofre um ritual de humilhação em que o sacerdote tira sua insígnia, e em seguida, o rei confessa que ele tem sido fiel em seus deveres para com a Bel, a cidade, e seus súditos. Após um hiato de cerca de cinco linhas, o sacerdote dirige ao rei dizendo: “Não temais... Para Bel falou..., Bel ouvirá sua oração... Ele exaltará o seu reino...”. Assim, de acordo com Harner podemos esquematizar os oráculos de salvação do Dêutero-Isaías da seguinte forma:

- a) “Não temas (Is 44, 2),
- b) ó Jacó, meu servo (Is 44, 2),
- c) porque eu estou contigo (Is 41, 10),
- d) Eu te remi (Isa 43,1),
- e) Não te esquecerei “(Is 49,15)

Esta reconstrução se aproxima do padrão do oráculo de salvação nas fontes extra bíblicas. As duas primeiras partes são chamadas de frase de tranquilidade, onde a divindade (Javé) tranquiliza o destinatário. A parte “c” é a afirmação da presença do Senhor para ajudar na tensão “presente”. Parte “d” é a afirmação de que o Senhor respondeu a petição do adorador. E a parte “e” é a promessa que descrevem o que o Senhor vai fazer em nome da destinatário.

Percebemos, portanto, que os oráculos de Salvação de Dêutero-Isaías e os oráculos de salvação do Oriente Próximo assemelham-se em sua estrutura. Provavelmente o profeta entrou em contato, tanto com o oráculo de salvação do templo, proferido pelo sacerdote, quanto com os oráculos de salvação do Oriente Próximo, principalmente com os oráculos de salvação da Babilônia.

Considerando todos esses apontamentos, observamos que a religião do povo de Israel, diante da crise teológica no exílio babilônico, se viu obrigada a produzir uma literatura para dar sentido e significado ao povo. Dessa forma, os oráculos de salvação do Dêutero-Isaías são textos que foram produzidos na periferia da cultura babilônica, na fronteira da semiosfera, resultando nas palavras de ânimo à comunidade.

7. Missa Conga : Liminaridade e drama social

William Bezerra Figueiredo – UMESP
 arteveiculo@hotmail.com

Nos propomos nesta comunicação a analisar um espaço de manifestação da Congada, expressão da cultura popular, e que tem forte influência do cristianismo e das religiões afro-brasileiras. A congada representa a coroação do rei de Congo, e foi celebrada entre os escravos durante todo o período de escravidão. Entre os negros a manifestação é muito presente, mas também é cultuada por comunidades mais pobres, mesmo entre brancos. O rito além de lembrar uma festa de coroação, é também celebrado o momento em que os negros são catequizados pelos brancos. Estudaremos o ritual da Congada a partir do conceito de liminaridade de V. Turner.

8. Liberdade e autoridade: o reino de Cristo e o reino do anticristo no poema “O Grande Inquisidor”, de Dostoiévski

Luana Martins Golin – UMESP

O poema “O Grande Inquisidor” é um clássico da literatura mundial e não um texto teológico propriamente dito. Contudo, além de ser uma grande produção artística, apresenta um conteúdo indiscutivelmente religioso. A profundidade dos escritos de Dostoiévski expressa um forte teor teológico. A leitura acerca de “O Grande Inquisidor” segue numa perspectiva teológica e literária, de maneira livre, mas não arbitrária, por isto o caminho trilhado não se restringe a aplicação de um único método, mas tem como percurso a interdisciplinaridade. Em “O Grande Inquisidor”, Dostoiévski apresenta uma crítica ao materialismo, ao poder e à autoridade como constrangimento. Nesta obra, não se pode ignorar o alerta deixado por ele a qualquer tipo de regime que em nome da “justiça” e da “felicidade” humana suprime a liberdade e oculta o sofrimento de modo a transformar os seres humanos em objetos manipuláveis. Para Dostoiévski, influenciado pela mística ortodoxa oriental, a liberdade é a marca de Deus no ser humano. A negação da liberdade, como é proposta no reino do anticristo inquisidor, implica num distanciamento com o divino que levará ao niilismo. Neste sentido, o caminho proposto por Dostoiévski é o enfrentamento e a aceitação desta liberdade trágica, que só é vivida plenamente em Cristo e na prática do amor. Palavras chave: Dostoiévski, “O Grande Inquisidor”, liberdade, autoridade, reino de Cristo, reino do anticristo.

9. A retórica da igreja católica: o uso do discurso político no papado de João Paulo II

Rubens Lopes Junior - UMESP
rubinho_junior@uol.com.br

Este trabalho propõe mostrar como o uso do discurso político se fez presente na construção retórica da Igreja Católica no papado de João Paulo II (1979 - 2005). Mostrar também como as relações burocráticas e políticas internas são refletidas externamente num contexto de modernidade e secularização.

10. O gênero satírico no apóstolo Paulo

Francisco Benedito Leite – UMESP

ethnosfran@hotmail.com

Certamente, o apóstolo Paulo seja o autor/personagem bíblico que tem suas interpretações mais divididas dentre os pesquisadores, já o apresentaram de várias maneiras diferentes, como por exemplo, crítico social, no livro Paulo e o Império organizado por Richard Horsley; ou como um místico próximo do xamanismo, no livro *The religion of Paul the apostle*; ou como um teólogo reformado, como o apresentou a tradição teológica luterana alemã; esses são três meros exemplos dentre uma multidão de outros possíveis.

O fato é que dentre essas apresentações realizadas até então, ainda não se difundiu uma apresentação do lado satírico do apóstolo Paulo. Não que nessa comunicação pretenda ser original, mas, apenas se pretende dar ênfase a uma visão do apóstolo por outra perspectiva, que tem sido pouco ou nada explorada na academia brasileira, a de sua utilização do gênero satírico.

Chega-se a essa possibilidade de leitura através da tomada de Mikhail Bakhtin como referencial teórico, tanto em Cultura popular na Idade média e no renascimento contexto de François Rabelais, onde o pensador russo apresenta as características do “realismo grotesco”, que presume-se ter sido utilizado em algum momento pelo apóstolo Paulo, mas também utilizar-se-á sua obra, construída com base em uma coletânea de seus artigos, intitulado Estética da Criação verbal, no anexo, onde o autor trata dos gêneros textuais. Além disso, utilizar-se-á de duas obras satíricas do mundo antigo, as quais estão próximas, tanto temporal quanto geograficamente, são eles: A aboborificação do divino Cláudio, do célebre filósofo Lucio Aneu Sêneca; e Diálogo dos mortos do orador Luciano de Samosata.

11. Discurso, Ideologia e Religião: uma proposta a partir de Bakhtin e Foucault

Rodrigo Franklin de Sousa – UP Mackenzie

rodrigo.sousa@mackenzie.br

O propósito do presente trabalho é o de propor a apropriação de categorias derivadas das teorias do discurso pelo estudo das religiões. Partindo da premissa proposta por Foucault (1972), de que a produção do discurso é controlada por certos procedimentos que permitem seu funcionamento, nos propomos a investigar como estes procedimentos se configuram no discurso religioso. Em particular, o propósito é compreender como os chamados

procedimentos de exclusão (interdição, separação e rejeição, oposição entre verdadeiro e falso) e de restrição (ritual, sociedades de discurso, doutrinas, e apropriação social do discurso), conforme configurados pela tradição francesa de Análise do Discurso, regulam e controlam as formulações discursivas no contexto religioso. Nossa proposta é que uma leitura da proposta foucaultiana a partir do conceito de Ideologia de Bakhtin (Voloshinov, 1929) pode se constituir em um eficiente referencial teórico para a investigação do fenômeno religioso.

12. A dimensão religiosa do quadro "Guernica" de Pablo Picasso

Etienne Alfred Higuete - Metodista
etienne.higuete@metodista.br

Aproximação da famosa tela de Picasso pela história da arte, pela semiótica e pela teologia. Em particular, análise da dimensão religiosa do quadro, na perspectiva da Teologia da Cultura de Paul Tillich.

13. A política da memória ricoeuriana e a religião.

Rui de Souza Josgrilberg
rui.josgrilberg@metodista.br

O texto visa explorar a idéia de Ricoeur sobre a política da memória em relação às narrativas de religião. Uma análise crítica e inicial da fenomenologia da memória feita pelo filósofo francês no livro *A Memória, A História, O Esquecimento*, abre a possibilidade de uma discussão dos discursos religiosos, a linguagem e seus símbolos numa nova perspectiva. Além de recolocar as discussões sobre a experiência da memória nas teorias das ciências históricas e hermenêuticas, revela uma face das formações espirituais de um grupo social e suas narrativas. A memória é descrita em sua função veritativa bem como em seus aspectos de anamnese terapêutica e regenerativa. A memória revela sua elaboração profunda na constituição da generatividade da cultura e das tradições (no sentido dos últimos escritos de (Husserl)). Num momento de crise e relativização dos métodos histórico-crítico nos estudos bíblicos abordagem de Ricoeur oferece uma alter nativa hermenêutica de longo alcance analítico pois permite colocar a formação dos textos como motivações político-religiosas em sedimentar tradições. Os aspectos teológicos se revelam nas tramas da memória e do esquecimento. Exemplos de reelaboração hermenêutica de uma teologia do Primeiro Testamento serão analisados nas obras de Milton Schwantes e Walter Brueggemann. Palavras chaves: Ricoeur, fenomenologia da memória, política da memória, hermenêutica de textos religiosos.

14. A transgressão místico - literária em José Cardoso Pires

Marcelo Furlin - Metodista de São Paulo

A literatura, vista como um dos inúmeros instrumentos de mediação entre o ser e o mundo, promove um contínuo processo de construção e reconstrução de significados, constituindo-se assim como arte de transgressão. Entre tantos outros ícones, José Cardoso Pires (1925-1998) incorpora essencialmente tal premissa e surge como um dos maiores expoentes do Neorrealismo português. No conjunto de sua obra, o autor refina o discurso do verbo literário como reflexo ideológico: a exteriorização da crise individual é considerada na amplitude de um conflito que também é da sociedade contemporânea, e a forma dada à linguagem do texto mediatiza, por meio da particularidade estética, a expressão da subjetividade singularizada, que representa, em última instância, a metáfora de uma transgressão mística. Entender o discurso literário sob a perspectiva da escritura de Cardoso Pires representa, portanto, um processo que corresponde à leitura artística e transgressora do status quo em recorte. Nessa dinâmica, quando se vai à busca da gênese do texto, opera-se uma articulação pautada na essência da leitura, aqui não mais com o objetivo maior de caracterizar o enredo, mas sim com a capacidade de estabelecer relações de significado e, sobretudo, de interagir com o texto ab initio. O objetivo desta comunicação é apresentar o processo de tematização, refinamento e ressignificação da transgressão místico-literária no conto *A semente cresce oculta*, de José Cardoso Pires, à luz da Abordagem Hermenêutico – Fenomenológica, inspirada nos trabalhos do Grupo de Pesquisa sobre a Abordagem Hermenêutico – Fenomenológica (GPeAHF), parte integrante do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da PUCSP.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa Contemporânea – José Cardoso Pires – Transgressão Místico-literária– Abordagem Hermenêutico-Fenomenológica

15. Aproximações entre Literatura e Religião: mitos e historicidade na literatura mexicana contemporânea.

Prof. Dra. Ana Lúcia Trevisan – UP Mackenzie

O trabalho estuda o mitologismo no processo narrativo do romance *La región más transparente* (1958) do escritor mexicano Carlos Fuentes, para identificar a instrumentalização poética do mito referente à divindade meso-americana Quetzalcóatl. Desenvolve-se assim a análise comparativa entre a

estrutura de relato mítico e religioso, compendiado nos Anales de Cuauhtitlán, e a do citado romance, de modo a estabelecer os níveis de reconfiguração da trajetória do deus e herói cultural Quetzalcóatl na das personagens literárias. As semelhanças e diferenças na aproximação deste mito de origem com as personagens urbanas da modernidade mexicana permitem indicar como o mitologismo orienta criticamente a reflexão fuentiana sobre a realidade pluri-cultural de seu país.

16. Hermenêutica e Evento – rumo a uma leitura bíblica em tom pós-metafísico

Júlio Paulo Tavares Zabatiero – FUV
julio@faculdadeunida.com.br

Na discussão filosófica do final do século passado, a questão hermenêutica ocupou espaço destacado, na medida em que propostas como a de Hans G. Gadamer e Paul Ricoeur, por exemplo, postulavam para a hermenêutica, na esteira de Martin Heidegger, o estatuto de uma espécie de “filosofia primeira”. Dentre os leitores e críticos dessa visão da hermenêutica encontram-se três filósofos que, grosso modo, podem ser descritos como proponentes de um pensamento “pós-metafísico” (Jürgen Habermas), ou “fraco” (Gianni Vattimo), ou “eventual” (John Caputo). Nesta comunicação apresenta-se uma descrição de contribuições desses autores para a teoria hermenêutica. No primeiro momento, far-se-á a descrição da crítica dirigida pelos mesmos à “coinê hermenêutica” do século XX (expressão de Gianni Vattimo). A seguir, uma descrição construtiva dos aspectos principais de uma hermenêutica do evento, em tom pós-metafísico, pensada a partir da leitura bíblica.

ANPTECRE

Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação
em Teologia e Ciências da Religião

www.anptecre.org.br